

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS (CAMPUS SOROCABA)

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS

Departamento de Ciências Humanas e Educação

Programa de Pós-graduação em Educação

LEANDRO LIMONI DE CAMPOS FONSECA

**ESCREVIVÊNCIA NAS ABORDAGENS BIOGRÁFICO-NARRATIVAS DE
PESQUISA EM EDUCAÇÃO: Diálogos teórico-metodológicos, ético-estéticos e
epistemopolíticos em teses e dissertações (2020-2024)**

SOROCABA – SP

2025

LEANDRO LIMONI DE CAMPOS FONSECA

**ESCREVIVÊNCIA NAS ABORDAGENS BIOGRÁFICO-NARRATIVAS DE
PESQUISA EM EDUCAÇÃO: Diálogos teórico-metodológicos, ético-estéticos e
epistemopolíticos em teses e dissertações (2020-2024)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos – Campus Sorocaba para arguição, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Educação. Área de concentração: Formação de Educadores, Cotidianos e Práticas Educativas.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Bárbara Cristina Moreira Sicardi Aygadoux.

SOROCABA – SP

2025

Fonseca, Leandro Limoni de Campos

Escrevivência nas abordagens biográfico-narrativas de pesquisa em Educação : diálogos teórico-metodológicos, ético-estéticos e epistemopolíticos em teses e dissertações (2020-2024) / Leandro Limoni de Campos Fonseca -- 2025.
124f.

Tese de Doutorado - Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba, Sorocaba

Orientador (a): Bárbara Cristina Moreira Sicardi Aygadoux

Banca Examinadora: Leonardo Ferreira Peixoto, Rodrigo Barchi, Solange Aparecida da Silva Brito, Tiago Ribeiro da Silva

Bibliografia

1. Escrevivência. 2. Abordagens biográfico-narrativas de pesquisa em Educação. 3. . I. Fonseca, Leandro Limoni de Campos. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Maria Aparecida de Lourdes Mariano -
CRB/8 6979

Dedicatória

À meus pais (*in memoriam*), Sonia Maria de Campos Fonseca e Jurandy Alves da Fonseca.

À minha filha, Nara Limoni de Campos Fonseca.

À todas as pessoas com quem construí laços nesses anos todos de exercício da docência no ensino superior. Vocês me trouxeram até aqui.

À minha ancestralidade negra e à todas as pessoas negras que tombaram ao longo deste caminho, para que eu pudesse assumir este lugar e reafirmar seu compromisso (nosso compromisso) com a vida.

Agradecimentos

Início expressando minha profunda gratidão à minha ancestralidade negra, uma parte essencial e poderosa da minha história que, por gerações, foi sistematicamente silenciada, preterida e marginalizada dentro da minha família. Assumir a responsabilidade por resgatar, honrar e celebrar essas raízes foi um compromisso existencial que se tornou inseparável deste processo de pesquisa e formação acadêmica. Cada página desta tese carrega a força e a resistência daqueles que me antecederam, cujas histórias me impulsionaram e fortaleceram para chegar até aqui.

Aos meus pais (*in memoriam*), Sonia Maria de Campos Fonseca e Jurandy Alves da Fonseca, dedico esta tese e minha eterna e profunda gratidão. Foram os primeiros e fundamentais educadores da minha vida, oferecendo, com sacrifício e amor imensuráveis, todas as condições para que eu pudesse alcançar esta importante etapa acadêmica e pessoal. Apesar da ausência física, suas presenças permaneceram vivas em cada passo, decisão e conquista deste percurso. Carrego comigo, em cada linha escrita e em cada reflexão produzida nesta tese, a lembrança do carinho, do apoio e das lições que me proporcionaram.

À minha família ampliada, agradeço imensamente por terem feito parte ativa do universo relacional que me constituiu enquanto pessoa e cidadão. A convivência com vocês, permeada por afeto, aprendizados, desafios e acolhimentos, foi crucial para minha formação emocional, ética e intelectual. Seus gestos, diálogos e acolhimento foram e continuarão sendo um patrimônio fundamental na minha trajetória.

À minha filha Nara Limoni de Campos Fonseca, minha gratidão mais profunda e eterna por tudo aquilo que representa e por todas as transformações essenciais que sua existência promoveu e segue promovendo em minha vida. Sua chegada revolucionou minha forma de perceber o mundo, transformando radicalmente minha capacidade de ser, estar, sentir e amar. É minha maior inspiração e motivação diária. Cada desafio superado neste percurso traz sua marca indelével.

À Universidade Federal de São Carlos, *campus* Sorocaba (UFSCAR-Sorocaba), expresso meu profundo reconhecimento pela possibilidade de realizar um percurso acadêmico ancorado no direito fundamental à educação pública,

gratuita e de excelência. A formação que recebi nesta instituição ampliou meus horizontes intelectuais e humanos, possibilitando um desenvolvimento acadêmico profundamente entrelaçado com minha trajetória pessoal e social.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEd-So), agradeço pela confiança ao acolher minha proposta de pesquisa desde o processo seletivo. Através do PPGEd, tive a oportunidade inestimável de integrar uma sólida rede de apoio acadêmico e afetivo, constituída por relações interpessoais significativas e inspiradoras. Essas relações marcaram profundamente minha caminhada, enriquecendo permanentemente minha experiência como pesquisador e ser humano.

À secretaria do PPGEd, especialmente à Fernanda Battaglini, deixo registrado meu reconhecimento pela atenção cuidadosa, acolhimento gentil e disponibilidade constante. Sua orientação precisa e suporte foram essenciais nos momentos em que precisei de esclarecimentos e apoio administrativos.

À minha orientadora, Prof. Dra. Bárbara Cristina Sicardi Aygadoux, minha gratidão é profunda e eterna. Você esteve ao meu lado não apenas como orientadora acadêmica, mas como uma presença humana que trouxe vida, esperança, afeto, coragem e cumplicidade em momentos críticos do percurso. Sua crença em minha capacidade, seu carinho e apoio constante foram determinantes para minha permanência e conclusão deste doutorado. Este vínculo, construído na confiança e no respeito mútuos, permanecerá comigo para sempre como um exemplo luminoso de parceria intelectual e afetiva.

À banca examinadora que me acompanhou desde a qualificação, Prof. Dr. Leonardo Ferreira Peixoto, Profa. Dra. Solange Aparecida da Silva Brito e Prof. Dr. Tiago Ribeiro da Silva, e que, à data da defesa, acrescida do Prof. Dr. Rodrigo Barchi, trouxe contribuições ímpares para o amadurecimento desta tese. Sua leitura atenta e crítica certamente trouxe, para além das contribuições essenciais para o resultado final da pesquisa materializado neste texto, um profundo aprendizado sobre o papel fundamental do compromisso ético, do rigor, mas também do afeto, na composição deste momento na pesquisa-vida-formação de quem atravessa as diferentes etapas de um processo de titulação acadêmica.

Por fim, aos queridos membros do NEPEN, minha imensa gratidão pela oportunidade de construir e partilhar aprendizados que transcenderam os limites

acadêmicos. A convivência com vocês moldou significativamente o pesquisador e a pessoa que hoje sou. Como bem descreve Gonzaguinha, "*Toda pessoa sempre é as marcas das lições diárias de outras tantas pessoas*". Vocês deixaram em mim marcas profundas e valiosas, que levarei comigo para além desta tese. Obrigado por cada momento, por cada diálogo inspirador e por cada ensinamento que compartilhamos ao longo desta trajetória.

*Sim, eu trago o fogo,
o outro,
não aquele que te apraz.
Ele queima, sim,
é chama voraz
que derrete o bico de teu pincel
incendiando até às cinzas
o desejo-desenho que fazes de mim.*

*Sim, eu trago o fogo,
o outro,
aquele que me faz,
e que molda a dura pena
de minha escrita.
É este fogo,
o meu, o que me arde
e cunha a minha face
na letra desenho
do autorretrato meu.*

(Conceição Evaristo, "Do fogo que em mim arde").

RESUMO:

A Escrivivência, conceito formulado por Conceição Evaristo, designa uma prática de escrita que articula experiência, memória e resistência, inscrevendo a subjetividade negra na produção de conhecimento. No campo da pesquisa acadêmica, a Escrivivência tensiona os limites das normativas científicas ao reivindicar a centralidade das vozes historicamente silenciadas das mulheres negras. Esta tese propõe investigá-la em sua relação com as abordagens biográfico-narrativas na Educação, analisando como esse conceito tem sido apropriado e mobilizado na produção acadêmica do movimento (auto)biográfico brasileiro. O estudo tem como objetivo mapear e analisar teses e dissertações defendidas entre 2020 e 2024 que articulam Escrivivência e pesquisa biográfico-narrativa, identificando os contextos em que essa aproximação ocorre, as justificativas para seu uso e suas contribuições epistemológicas e metodológicas. A metodologia adotada é uma revisão narrativa crítica, realizada a partir da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), contemplando 21 trabalhos acadêmicos. Os resultados indicam que a Escrivivência tem sido mobilizada como ferramenta de ruptura epistemológica, ampliando as possibilidades de construção do conhecimento na academia. Seu uso desestabiliza paradigmas científicos eurocentrados ao integrar oralidade, afetividade e engajamento político na pesquisa educacional. Enquanto Operador Teórico-Metodológico e Operador Epistemopolítico, a Escrivivência instaura novas formas de produção de conhecimento, tensionando a colonialidade do saber e promovendo estratégias de reexistência de sujeitos negros, especialmente mulheres. Seu uso no campo biográfico-narrativo potencializa investigações que articulam memória, identidade e formação, reafirmando a escrita como território de resistência. As considerações finais evidenciam a potência crítica, criativa e criadora da produção insurgente de mulheres negras e reafirmam a urgência de sua valorização e visibilidade na academia.

Palavras-chave: Escrivivência; Abordagem Biográfico-Narrativa; Educação; Racismo Epistêmico; Epistemologias Negras; Feminismos Negros;

RESUMEN:

La *Escrevivência*, concepto formulado por Conceição Evaristo, designa una práctica de escritura que articula experiencia, memoria y resistencia, inscribiendo la subjetividad negra en la producción de conocimiento. En el ámbito de la investigación académica, la *Escrevivência* tensiona los límites de las normativas científicas al reivindicar la centralidad de las voces históricamente silenciadas de las mujeres negras. Esta tesis propone investigarla en su relación con los enfoques biográfico-narrativos en Educación, analizando cómo este concepto ha sido apropiado y movilizado en la producción académica del movimiento (auto)biográfico brasileño. El estudio tiene como objetivo mapear y analizar tesis y disertaciones defendidas entre 2020 y 2024 que articulan la *Escrevivência* y la investigación biográfico-narrativa, identificando los contextos en los que se produce esta aproximación, las justificaciones para su uso y sus contribuciones epistemológicas y metodológicas. La metodología adoptada es una revisión narrativa crítica, realizada a partir de la Biblioteca Digital Brasileña de Tesis y Disertaciones (BDTD), que contempla 21 trabajos académicos. Los resultados indican que la *Escrevivência* ha sido movilizada como una herramienta de ruptura epistemológica, ampliando las posibilidades de construcción del conocimiento en la academia. Su uso desestabiliza paradigmas científicos eurocentrados al integrar oralidad, afectividad y compromiso político en la investigación educativa. Como Operador Teórico-Metodológico y Operador Epistemopolítico, la *Escrevivência* instaaura nuevas formas de producción de conocimiento, tensionando la colonialidad del saber y promoviendo estrategias de reexistencia de sujetos negros, especialmente mujeres. Su uso en el campo biográfico-narrativo potencia investigaciones que articulan memoria, identidad y formación, reafirmando la escritura como un territorio de resistencia. Las consideraciones finales evidencian la potencia crítica, creativa y creadora de la producción insurgente de mujeres negras y reafirman la urgencia de su valorización y visibilidad en la academia.

Palabras clave: *Escrevivência*; Enfoque Biográfico-Narrativo; Educación; Racismo Epistémico; Epistemologías Negras; Feminismos Negros;

ABSTRACT:

Escrevivência, a concept formulated by Conceição Evaristo, designates a writing practice that articulates experience, memory, and resistance, inscribing Black subjectivity into knowledge production. In academic research, Escrevivência challenges the limits of scientific norms by claiming the centrality of historically silenced voices of black women. This thesis investigates its relationship with biographical-narrative approaches in Education, analyzing how this concept has been appropriated and mobilized in the academic production of the Brazilian (auto)biographical movement. The study aims to map and analyze theses and dissertations defended between 2020 and 2024 that incorporate Escrevivência into biographical-narrative research, identifying the contexts in which this intersection occurs, the justifications for its use, and its epistemological and methodological contributions. The methodology adopted is a critical narrative review, conducted using the Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations (BDTD), encompassing 21 academic works. The results indicate that Escrevivência has been mobilized as a tool for epistemological rupture, expanding possibilities for knowledge construction within academia. Its use destabilizes Eurocentric scientific paradigms by integrating orality, affectivity, and political engagement into educational research. As both a Theoretical-Methodological and Epistemopolitical Operator, Escrevivência establishes new forms of knowledge production, challenging the colonality of knowledge and fostering strategies of re-existence for Black subjects, particularly women. Its application in the biographical-narrative field enhances investigations that articulate memory, identity, and education, reaffirming writing as a space of resistance. The final considerations highlight the critical, creative, and generative power of the insurgent intellectual production of Black women and reaffirm the urgency of its recognition and visibility within academia.

Keywords: Escrevivência; Biographical-Narrative Approach; Education; Epistemic Racism; Black Epistemologies; Black Feminisms;

LISTA DE TABELAS, GRÁFICOS E QUADROS

Tabela 1 - Caracterização da Amostra Resultante do Mapeamento

Gráfico 1 - Distribuição por Tipo de Documento (Tese ou Dissertação)

Gráfico 2 - Distribuição de Teses e Dissertações por Ano (2020-2024)

Gráfico 3 - Distribuição por Região

Gráfico 4 - Distribuição por Estado

Gráfico 5 - Teses e Dissertações Por Programa de Pós-Graduação

Gráfico 6 - Distribuição de Gênero e Raça/Etnia na Autoria das Teses e Dissertações

Quadro 1 - Referências do Campo Biográfico-Narrativo Encontradas nas Teses e Dissertações

Quadro 2 - Obras de Conceição Evaristo Encontradas nas Teses e Dissertações

Quadro 3 - Textos sobre Escrivência Encontrados nas Teses e Dissertações

Quadro 4 - Referências Afrodiaspóricas Encontradas nas Teses e Dissertações

Quadro 5 - Justificativas Para o Uso da Escrivência nas Dissertações - Categoria Temática: Escrivência como Metodologia de Resistência e Insubordinação Epistêmica

Quadro 6 - Justificativas Para o Uso da Escrivência nas Dissertações - Categoria Temática: Autoria Negra e Protagonismo Narrativo

Quadro 7 - Justificativas Para o Uso da Escrivência nas Dissertações - Categoria Temática: Identidade e Memória como Elementos Constitutivos da Pesquisa

Quadro 8 - Justificativas Para o Uso da Escrivência nas Dissertações - Categoria Temática: Escrivência como Ética de Pesquisa

Quadro 9 - Justificativas Para o Uso da Escrivência nas Teses - Categoria Temática: Escrivência como Metodologia de Resistência e Insubordinação Epistêmica

Quadro 10 - Justificativas Para o Uso da Escrivência nas Teses - Categoria Temática: Autoria Negra e Protagonismo Narrativo

Quadro 11 - Justificativas Para o Uso da Escrivência nas Teses - Categoria Temática: Identidade e Memória como Elementos Constitutivos da Pesquisa

Quadro 12 - Justificativas Para o Uso da Escrivência nas Teses - Categoria Temática: Escrivência como Ética de Pesquisa

Quadro 13 - Justificativas Para o Uso da Escrivivência nas Teses - Categoria Temática: Escrivivência como Ferramenta de Cura e Subjetividade

Quadro 14 - Justificativas Para o Uso da Escrivivência nas Teses - Categoria Temática: Escrivivência e Epistemologias Negras

Quadro 15 - Contribuições da Escrivivência para a Pesquisa nas Dissertações - Categoria Temática: Afetividade e Subjetividade na Pesquisa

Quadro 16 - Contribuições da Escrivivência para a Pesquisa nas Dissertações - Categoria Temática: Escrivivência como Instrumento de Produção de Conhecimento

Quadro 17 - Contribuições da Escrivivência para a Pesquisa nas Dissertações - Categoria Temática: Formação Docente e Transformação Pedagógica

Quadro 18 - Contribuições da Escrivivência para a Pesquisa nas Dissertações - Categoria Temática: Impacto Político e Social da Escrivivência

Quadro 19 - Contribuições da Escrivivência para a Pesquisa nas Teses - Categoria Temática: Afetividade e Subjetividade na Pesquisa

Quadro 20 - Contribuições da Escrivivência para a Pesquisa nas Teses - Categoria Temática: Escrivivência como Instrumento de Produção de Conhecimento

Quadro 21 - Contribuições da Escrivivência para a Pesquisa nas Teses - Categoria Temática: Formação Docente e Transformação Pedagógica

Quadro 22 - Contribuições da Escrivivência para a Pesquisa nas Teses - Categoria Temática: Impacto Político e Social da Escrivivência

Quadro 23 - Contribuições da Escrivivência para a Pesquisa nas Teses - Categoria Temática: Escrivivência e Construção Coletiva do Conhecimento

Quadro 24 - Contribuições da Escrivivência para a Pesquisa nas Teses - Categoria Temática: Escrivivência como Estratégia de Produção Literária e Acadêmica

Quadro 25 - Frequência e Tipo de Uso da Escrivivência nas Teses e Dissertações da Amostra

Sumário

A Trajetória.....	15
... Da(o) pesquisa(dor).....	15
1. O MOVIMENTO (AUTO)BIOGRÁFICO BRASILEIRO NA PESQUISA EM EDUCAÇÃO: HISTÓRIA E FUNDAMENTOS.....	32
1.1. Emergência e modos de conhecer da/na abordagem biográfico-narrativa....	32
1.2. Escrita de si e modos de grafar a vida na abordagem biográfico-narrativa....	37
2. MODERNIDADE/COLONIALIDADE/DECOLONIALIDADE, PENSAMENTO AFRODIASPÓRICO, ESCRITA AFRODIASPÓRICA, VOZES AFRO-ATLÂNTICAS E ESCRIVIVÊNCIA.....	43
2.1. Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico.....	44
2.2. Vozes afro-atlânticas, escritas afrodiaspóricas: autobiografias e memórias da escravidão e da liberdade.....	50
2.3. A Escrivivência.....	56
3. FUNDAMENTOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	69
3.1 Produção de Informações.....	70
3.2 Procedimentos de Análise.....	72
4. DIÁLOGOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS, ÉTICO-ESTÉTICOS E EPISTEMOPOLÍTICOS ENTRE ESCRIVIVÊNCIA E ABORDAGENS BIOGRÁFICO-NARRATIVAS NAS TESES E DISSERTAÇÕES.....	76
4.1 Referências do/em Diálogo na Produção de Conhecimentos que Articula Escrivivência ao Campo Biográfico-Narrativo.....	83
4.1.1 Referências do Campo Biográfico-Narrativo Encontradas nas Teses e Dissertações.....	84
4.1.2 Obras de Conceição Evaristo Encontradas nas Teses e Dissertações....	85
4.1.3 Textos Sobre Escrivivência Encontrados nas Teses e Dissertações.....	87
4.1.4 Referências Afrodiaspóricas Encontradas nas Teses e Dissertações.....	88
4.2 Justificativas Para o Uso da Escrivivência no Diálogo com a Abordagem Biográfico-Narrativa.....	90
4.2.1. Nas Dissertações.....	90
4.2.2. Nas Teses.....	95
4.3 Contribuições do Conceito de Escrivivência no Diálogo com a Abordagem Biográfico-Narrativa.....	100
4.3.1. Nas Dissertações.....	100
4.4.2. Nas Teses.....	104
4.3 Usos da Escrivivência no campo da pesquisa: como Operador Teórico-Metodológico e como Operador Epistemopolítico na/da Abordagem Biográfico-Narrativa.....	109
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	112
REFERÊNCIAS.....	117
TESES E DISSERTAÇÕES QUE COMPÕEM A AMOSTRA ANALISADA.....	123

A Trajetória

... Da(o) pesquisa(dor)

Minha entrada no universo das pesquisas em Educação que se propõem a produzir conhecimento a partir de diferentes maneiras de se narrar (auto)biograficamente experiências de vida e de formação constituiu para mim a formação de professores como um campo de pesquisa. Posso dizer que conheci o campo da formação de professores através da abordagem narrativa (auto)biográfica desenvolvida no Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Narrativas Educativas, Formação e Trabalho Docente – NEPEN, onde minha inserção se deu antes do meu ingresso como aluno regular do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos – Campus Sorocaba, em 2021.

Destaco desde já a necessidade de enunciar minha posição dentro do movimento (auto)biográfico brasileiro: este texto materializa uma tese de doutorado que resulta de um processo de pesquisa-vida-formação narrativa autobiográfica. Esta especificidade deriva diretamente da minha condição de membro de NEPEN e da singularidade das formas de produzir conhecimento que nele vêm sendo criadas. Ali, fazemos

pesquisa-vida-formação integrando, a partir do hífen, três ações que, no espaço/tempo do NEPEN, são vibrantes, pulsantes, singulares e plurais ao mesmo tempo. Não se pesquisa só: não se vive só, não se forma só. O hífen representa o convite à conectividade do fazer pesquisa com e junto, do viver com e junto e do formar-se, também com e junto. São ações que se dão no (com)junto enquanto integram o singular dos sujeitos no plural do grupo; o singular do grupo, no plural dos sujeitos. Nesse sentido não se anula ou se deixa de viver para pesquisar; o pesquisar compõe e integra o viver e, no viver, está o formar-se. Formar aqui nada tem a ver com colocar em forma ou na forma, mas enquanto ação de constituir, de ser, de acontecer para a vida, de escolher como significar as experiências vividas em experiências formadoras, a partir de um espaço/tempo de pesquisa que é formal e existencial ao mesmo tempo. É nesse transbordamento conceitual que o cenário do espaço/tempo de pesquisa-vida-formação do NEPEN ganha contornos de coletivo e plural, tendo como cerne de suas ações o respeito a escuta sensível das singularidades dos sujeitos que o integram. E nesse cenário que as produções que significam uma titulação (dissertações e teses) dialogam horizontalmente com escritas reflexivas que traduzem as subjetividades de experiências formadoras partilhadas, oportunizadas no viver o NEPEN (Brito e Nakayama, 2023, p.22-23).

Tendo minha perspectiva enraizada nesta definição, aproveito para indicar neste momento que as variações que optei por fazer nas maneiras que uso para me referir às abordagens biográfico-narrativas de pesquisa em Educação são um

recurso estilístico apenas, no intuito de evitar a repetição mecânica de uma mesma expressão, e não o traço de um desconhecimento em relação às diferenças entre as formas de se fazer pesquisas que compõem o universo do movimento (auto)biográfico.

Ao ingressar no programa como aluno regular, além dos encontros do grupo de pesquisa, cursei as disciplinas “Pesquisa (Auto)biográfica e Formação de Professores”, “Pesquisa, Formação de Professores e Práticas Educativas” e “Paul Ricoeur e Outros: Narrativas Epistemológicas em Educação”. Este percurso me serviu para compreender a complexidade da formação docente enquanto campo de pesquisas e práticas, e a singularidade das investigações biográfico-narrativas no campo da formação docente. Meu processo de constituir-me professor esteve tacitamente centrado naquilo que apreendi do ofício através dos modelos que tive ao longo da minha trajetória escolar. Toda a forma como eu compreendia o que era ser professor estava centrada nessa lógica dos exemplos que tive ao longo da minha trajetória escolar. A isso se somam um interesse sempre significativo que tive pela leitura e, durante a graduação, pela pesquisa, pelo estudo teórico, fundamentalmente. Nunca antes havia pensado na questão da formação docente como um campo de pesquisa, nem mesmo em meu próprio processo de formação para o exercício da docência no ensino superior.

Penso em alguns pilares do meu processo de constituição como o professor que me reconheço hoje. Minhas professoras brancas da educação infantil e do ensino fundamental, pelas coisas que me ensinaram e que me abriram um mundo novo, principalmente através da leitura. Minhas professoras brancas e meus professores brancos no ensino superior, que através de espaços que abriram e me permitiram acessar junto a elas e eles trouxeram também aprendizados fundamentais sobre a construção do lugar de onde se pode ensinar e em que condições e tempos é possível aprender. Minhas professoras negras e professores negros, do ensino fundamental e do ensino superior, por mostrarem que era possível. Outro ponto foi meu interesse pela leitura. Antes mesmo que se constituísse naquilo que compreendia como ferramenta do trabalho como docente, marca meu interesse por um trabalho que eu imagina estava ligado a estudar e ler muito. Mas em momento nenhum durante todo esse tempo que atuo como professor, havia pensado nem buscado processos de formação docente para me

constituir como professor. Eu sempre achei que meu compromisso com a profissão e com a formação estava relacionado ao estudo do campo em que leciono – cursos de graduação em Psicologia –, e dos conteúdos específicos dos componentes curriculares pelos quais fui e sou ainda hoje responsável.

O meu processo de constituição como pesquisador na relação com a pesquisa-vida-formação é marcado por um movimento de resignificação da minha condição de professor. Quando estava em busca de dar continuidade à minha formação acadêmica através do ingresso em um programa de doutoramento, eu me percebia como um profissional da psicologia em busca de fazer pesquisa, aprofundar meus conhecimentos sobre temas que estavam relacionados apenas e exclusivamente com minhas afinidades no campo da Psicologia.

Textos como o Ferrarotti (2014) e de Larrosa (2019), bem como de Delory-Momberger (2006) me permitiram uma compreensão mais aprofundada acerca dos fundamentos epistemológicos e metodológicos da abordagem (auto)biográfica. Ampliaram meu entendimento sobre o processo de produção de conhecimentos a partir da perspectiva proposta. Compreendi que o desenvolvimento da abordagem acontece num momento de crise no campo dos estudos sobre trabalho e formação docente. Representa um movimento de resgate do sujeito da/na prática docente, a dimensão subjetiva desta prática e a diversidade de aspectos vividos e experienciados por docentes e que tem um papel inegável na constituição dos modos-de-ser docente de cada um de nós, professores e professoras. A abordagem caminha para a constituição de uma rede de intercâmbios teórico-metodológicos e ético-políticos pautada pela defesa de uma outra forma de pesquisa em Educação, em defesa de um rigor outro para as pesquisas qualitativas em Educação, em defesa de uma estratégia outra de formação de professores, que não apenas a transmissão e acúmulo de conhecimentos técnicos.

Através do exercício de reflexividade autobiográfica que as atividades da disciplina propuseram, pude perceber que os aspectos mais presentes nas formas que tenho empregado para narrar minha relação com a abordagem são marcados por elementos de deslocamento, de resignificação, de surpresa, de reorientação de caminhos, de tomadas de posição e de acolhimento daquilo que emergiu destes exercícios na construção deste objeto de estudo e desta proposta de investigação. E todos estes elementos são compostos por encontros, leituras, conversas em grupo,

conversas com apenas uma pessoa, também tempos de silêncio, solidão e afastamento. A tessitura destas escritas, destes encontros, leituras e conversas trabalha em mim mobilizando dimensões que até então não me eram concebíveis no campo da pesquisa. São aspectos marcados pela multiplicidade e pela singularidade das pessoas, dos encontros, das conversas, das leituras, mas também dos acontecimentos que nos atravessam a todas e todos neste momento, e dos acontecimentos que atravessaram a mim em particular.

A ruptura existencial que estou vivenciando desde o mês de maio de 2021, quando perdi minha mãe e meu pai, desestabilizou minha vida de uma tal forma que ainda não consegui reencontrar meu caminho, o percurso de constituição como pesquisador em que me encontrava. Minha vida como um todo foi abalada por esse acontecimento. A pandemia devastou milhares de famílias pelo mundo, e a minha foi uma delas. A revolta e a indignação que tomaram conta de mim se misturaram à desorientação e à desrealização que essa tragédia produziu em minha vida e em meus familiares. Reexistir a partir deste dilaceramento que atravessou nossas vidas tornou-se a tarefa existencial cotidiana. Este atravessamento tem me feito viver meus vínculos e minha forma de pensar meus caminhos de maneira diferente. Ainda não fui capaz de compreender o que estou me tornando.

Um tempo longo do meu processo como estudante no programa foi marcado por momentos de desesperança, de perda de sentido, da razão de ser do estar e continuar neste caminho, nessa vida. Não conseguia encontrar forças, motivações para permanecer e resistir a ser tragado pelo movimento de autodestruição e morte que atravessa e acompanha minha trajetória desde então. O acirramento da violência estrutural e institucionalizada fundante das sociedades colonizadas (Fanon, 2022 [1961]), principalmente na forma como se atualizou nos últimos anos no Brasil, durante o governo de Jair Bolsonaro, foi uma condição macrossocial que incidiu de maneira profunda na minha vida pessoal.

O caminho de saída dessa condição se deu para mim, no que diz respeito ao modo como impactava minha condição de pesquisador e aluno do programa, quando decidi assumir politicamente minha identidade negra e fazer dela a condição a partir da qual me inscreveria como pesquisador. Foi através do reconhecimento e da assunção de minha identidade política de homem negro que encontrei condições existenciais para uma saída possível ao engolfamento da temporalidade estática que

me persegue neste período pós-traumático. Esta dimensão política do meu ser é que sustenta minha perspectiva epistemológica enquanto pesquisador. Esta produção escrita representa um espaço em que parte desse meu processo se inscreve. Integra a singularidade plural que me constituo ao configurar narrativamente minha trajetória como pesquisador, numa temporalidade habitável e possível depois dessa tragédia. Elaborar, reconstruir, reexistir, continuar.

Um dos temas que desde o início de meu contato com a abordagem chamou minha atenção foi a questão da escrita de si e sua função formativa nas estratégias de pesquisa-vida-formação desenvolvidas no NEPEN, num primeiro momento, que logo desdobrou-se num interesse pelo tema no contexto do movimento (auto)biográfico brasileiro. À época em que iniciei meu percurso no doutorado, vinha já há alguns anos estudando Michel Foucault e suas produções sobre ética, cuidado de si, processo de subjetivação e o papel estratégico que a escrita de si possuía na constituição do sujeito ético. Esta ressonância fez com que buscasse identificar caminhos possíveis de articulação entre estas minhas leituras anteriores e os fundamentos que orientam a concepção de escrita nas abordagens biográfico-narrativas. Durante um certo tempo estive empenhado em buscar referências foucaultianas que pudessem estabelecer diálogo com esta dimensão das abordagens biográfico-narrativas. Descobri alguns trabalhos que permitiam alguma possibilidade de articulação entre estas perspectivas, mas que também trouxeram outros elementos. Alguns deles foram significativos para a transição para o momento atual em que redijo este texto.

Meu interesse pelo papel da escrita nas abordagens biográfico-narrativas se ampliou depois que passei a estudar com mais vagar a perspectiva decolonial. Esta se constituiu como o lugar a partir do qual passei a pensar minha prática como docente na universidade em que leciono, mas também como a posição a partir da qual passei a me aproximar das leituras e das discussões que tive contato ao longo do tempo, como pesquisador em formação. O interesse por e a discussão sobre modos de narrar(-se) e modos grafar a vida presentes tanto no movimento (auto)biográfico brasileiro (Passeggi e Souza, 2017) quanto na pesquisa-vida-formação criada no NEPEN (Brito e Nakayama, 2023; Nakayama, 2023) foram delimitando as nuances desta proposta de pesquisa, por entender que este seria um espaço propício para propor e pensar o diálogo com tradições de escrita constituídas

numa perspectiva crítica às modalidades hegemônicas de compreensão da função da escrita no processo de constituição das subjetividades, e das próprias subjetividades emergentes destes processos de escrita.

A escolha por investigar as estratégias de diálogo estabelecidas no campo do biográfico com diferentes modos de conceber a escrita e os modos de grafar a vida se coloca como parte de um questionamento que se colocou no meu horizonte a partir das minhas leituras sobre decolonialidade e pensamento afrodiaspórico (Bernardino-Costa, Maldonado-Torres e Grosfoguel, 2018). A problematização que cria condições para o aparecimento deste estudo emerge dos efeitos que a compreensão acerca do modo como a dimensão da colonização marcou as discussões e as práticas vinculadas aos modos de conceber o conhecimento, o conhecimento possível do mundo, os caminhos com possibilidade de promover aproximações entre estas concepções e os modos de viver, de existir e resistir praticados por populações subjugadas pela modernidade/colonialidade (Bernardino-Costa, Maldonado-Torres e Grosfoguel, 2018).

A produção de conhecimentos e os processos investigativos são campos de inscrição dos efeitos da colonialidade no contexto das universidades modernas (Grosfoguel, 2016). Estes efeitos podem ser retraçados à ascensão e consolidação da filosofia cartesiana e os processos de expansão econômica e dominação colonial que fundam a modernidade (Grosfoguel, 2016). O racismo/sexismo epistêmico e os epistemicídios, marcas registradas da violência colonial, estão na base do desenvolvimento da hegemonia do pensamento eurocêntrico. São de longa data as estratégias utilizadas pelos povos subalternizados para resistir e enfrentar a violência colonial em suas diferentes dimensões e articulações estruturais e simbólicas. Dentre os vários campos em que estas estratégias de reexistência e resistência florescem, o campo da arte e da literatura são espaços que oferecem importantes interlocuções que podem favorecer o processo de constituição de recursos potencialmente ricos em possibilidades de promover processos de descolonização da experiência do pensamento. Duarte (2020) aponta o que define como tradição de escrita afrodiaspórica como um espaço em que se configuram modalidades de produção escrita que tem trazido elementos ético-estéticos mas também epistemopolíticos capazes de afetar as formas de se fazer pesquisa apostando em relações com a escrita que extrapolam a mera dimensão técnica da

comunicação formal de resultados de estudos, mas tomam-na como ferramenta capaz de contribuir para o processo de constituição das subjetividades na relação como processos de escrita de si, de reflexividade autobiográfica e de biografização. Minha proposta de tese busca identificar, analisar e compreender como a Escrivivência, conceito desenvolvido por Conceição Evaristo, no campo da literatura, para nomear o modo como funciona seu processo de criação e escrita, funciona como recurso de resistência e reexistência frente à violência do racismo/sexismo epistêmico e dos epistemicídios.

Os atravessamentos que articulam Educação e Relações Étnico-Raciais constituem um campo complexo de problematizações, envolvendo questões históricas, culturais, políticas e sociais (Araújo, 2015; Almeida e Sanchez, 2017; Oliveira, 2020; Silva, 2021; Silva, 2021; Paula, Pinheiro e Paim, 2022; Rodrigues, Barbosa e Melo, 2022). As perspectivas interseccional e decolonial têm ampliado e complexificado o debate na Educação, destacando marcadores sociais de diferença, como os de gênero, classe e orientação sexual, enquanto aspectos incontornáveis na construção de uma educação antirracista (Rodrigues, 2019; Cruz, 2020; Ramos, 2021).

Mapeamentos recentes de pesquisas nacionais e internacionais sobre Educação e Relações Étnico-Raciais (Silva, Régis e Miranda, 2018; Rodrigues, Barbosa e Ribeiro, 2022) destacam o aumento na produção científica, no número de países e de pesquisadores dedicados ao tema, principalmente a partir dos anos 1990, com uma crescente variação e complexificação dos temas, das formas de abordar os problemas e dos fundamentos teóricos, metodológicos e procedimentais das pesquisas produzidas. Segundo Rodrigues, Barbosa e Ribeiro (2022), o mapeamento que realizaram sugere que a formação docente encontra lugar de destaque entre os temas das publicações internacionais nas últimas décadas.

A Lei n. 10.639/2003 marca um ponto crucial nas investigações relacionadas à educação e às dinâmicas étnico-raciais, sendo objeto de análise tanto no contexto das políticas governamentais (Silva, Régis e Miranda, 2018; Fonseca e Rocha, 2019), quanto na prática educacional (Meinerz e Pereira, 2017; Silva, Régis e Miranda, 2018). No contexto da produção acadêmica brasileira sobre o tema, as pesquisas se concentram na avaliação da efetivação das diretrizes legais (Coelho e Coelho, 2018; Ferreira e Ferreira, 2022), que desempenham um papel fundamental

na construção de um sistema educacional voltado para a promoção da igualdade racial (Silva, Régis e Miranda, 2018). Temas como “a implementação da lei 10.639/03”, “identidade e multiculturalismo” e “formação docente” são os mais recorrentes: aparecem em mais de 50% das pesquisas brasileiras analisadas em um mapeamento realizado por Silva, Régis e Miranda (2018).

No Brasil, a Educação das Relações Étnico-Raciais pode ser definida a partir do conjunto de documentos produzidos em âmbito legal, relacionados ao ensino de história e cultura afro-brasileira, africana e indígena (Araújo, 2015). Isso inclui as alterações realizadas na Lei 9.394/1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB) pelas Leis 10.639/2003 e 11.645/2008, que tornaram obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e indígena na educação, respectivamente, além de outras alterações que ocorreram em diferentes esferas da educação nacional (Araújo, 2015). Como exemplos destas alterações, é possível destacar o Parecer CNE/CP 03/2004 e a Resolução CNE/CP 01/2004, que instituíram as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, além de outros dispositivos legislativos em níveis estadual e municipal (Araújo, 2015).

No entanto, a Educação das Relações Étnico-Raciais não se limita apenas ao ensino de história e cultura afro-brasileira, africana e indígena: também envolve a promoção de uma educação antirracista e a valorização da diversidade étnico-racial e cultural presente na sociedade brasileira, devendo ser entendida como um processo contínuo de reflexão e ação, que busca combater o racismo e a discriminação em todas as suas formas (Gomes, 2005; Araújo, 2015; Monteiro, 2016; Gomes, 2017; Almeida e Sanchez, 2017; Ferreira, 2018; Silva, 2021; Paula, Pinheiro e Paim, 2022).

Desde os anos 2000, observa-se um crescimento notável na produção acadêmica que problematiza diversos aspectos das desigualdades étnico-raciais na sociedade brasileira e nas práticas educacionais (Silva et al., 2018). Isso tem contribuído para um melhor entendimento da complexidade dessa temática, bem como para a ampliação do foco de análise sobre como a História e Cultura Afro-Brasileira e Africana têm sido incorporadas às instituições educacionais, especialmente após a promulgação da referida Lei (Silva et al., 2018).

A escola, embora não seja a única esfera responsável pela modificação das desigualdades étnico-raciais existentes, pode desempenhar um papel relevante na transformação dessas realidades ao se configurar como um espaço formativo socialmente legitimado (Silva et al., 2018). As instituições educacionais, enquanto locais de construção da identidade dos sujeitos, têm o potencial de contribuir significativamente para a mudança de comportamentos, valores, imaginários e formas de pensar, influenciando suas atitudes no âmbito social (Silva et al., 2018). Há décadas, entidades e organizações do movimento negro têm lutado pela inclusão educacional e proposto medidas para garantir efetivamente que a população negra tenha acesso a uma educação de qualidade e equitativa, com instalações e recursos adequados, além de professores capacitados para lecionar nas diversas áreas do conhecimento (Silva et al., 2018).

O trabalho docente e as atividades escolares representam o cerne do processo pedagógico (Gatti et al., 2019). Embora estejam fundamentadas pelas políticas e programas educacionais e influenciadas por diversas abordagens legislativas, as ações que materializam o trabalho docente ocorrem no contexto dinâmico do cotidiano escolar (Gatti et al., 2019). Nesse ambiente, a dialogia inerente às práticas pedagógicas se manifesta, envolvendo uma interação entre movimentos conservadores e/ou transformadores (Gatti et al., 2019). Esses processos dialógicos, permeados pela intersubjetividade, proporcionam o surgimento de novos significados e abrem possibilidades para a reinterpretação de conhecimentos e valores (Gatti et al., 2019).

A formação de professores no Brasil, muito mais que um tema a ser debatido, configura-se como um problema social (Gatti et al., 2019). Apesar de aparecer constantemente em discussão, ainda tem sido tratada de maneira insatisfatória no contexto das políticas, em relação ao seu valor nos dias atuais e acerca dos fundamentos que orientam as práticas através das quais é realizada (Gatti et al., 2019). O compromisso de tomar o antirracismo como princípio ético norteador de todas as ações educativas (Silva et al., 2018) se soma à complexidade da questão da formação docente e se coloca como pilar fundamental da leitura crítica das estratégias e práticas desenvolvidas na atualidade.

No mapeamento de artigos, teses e dissertações que abordam a formação docente articulada às relações étnico-raciais produzidos no período entre 2003 e 2014, Coelho (2018) aponta a ênfase na necessidade de uma formação inicial e contínua que integre de forma substancial o tema em questão. O conjunto dos trabalhos ressalta a importância de reorientar as propostas das disciplinas pedagógicas, especialmente nos níveis de graduação e pós-graduação, de modo que reflitam os desafios reais enfrentados na Educação Básica (Coelho, 2018). Isso requer um aumento nos investimentos por parte das agências de fomento à pesquisa, bem como a ampliação das linhas de pesquisa nos programas de pós-graduação, além de incentivar pesquisas dentro das próprias escolas (Coelho, 2018). Essa abordagem, informada pelo enfoque intercultural, seja por meio do ensino presencial ou da educação a distância, tem o potencial de desconstruir estereótipos historicamente construídos (Coelho, 2018).

Os artigos analisados no mapeamento oferecem, segundo Coelho (2018), contribuições relevantes na compreensão dos desafios existentes no contexto da Lei nº 10.639/2003, considerada um marco importante do ponto de vista político, legal e histórico. Estes trabalhos ressaltam que a formação docente desempenha um papel crucial na implementação da obrigatoriedade do estudo da história e cultura africana e afro-brasileira (Coelho, 2018). Indicam o reconhecimento de que a formação de professores para lidar com a diversidade contribui para desconstruir paradigmas de tendência homogeneizante, enraizados na sociedade brasileira (Coelho, 2018). A importância e a complexidade desse empreendimento exigem ações conjuntas e intervenções baseadas no diálogo entre a universidade, as agências de fomento à pesquisa, os Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros (NEABs), os movimentos sociais, as organizações não governamentais e a Educação Básica (Coelho, 2018). Essa colaboração é evidenciada no Plano Nacional para Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, com o objetivo de fortalecer identidades e direitos, conforme estabelecido no referido documento (Coelho, 2018).

O estudo de Coelho (2018) destaca a relevância das estratégias de formação docente nas pesquisas voltadas para o campo da educação das relações étnico-raciais. Os dados sistematizados indicam que a maior parte destas produções (41%

dos artigos e 70% das teses e dissertações) teve como tema estratégias de formação docente dedicadas ao enfrentamento do racismo (Coelho, 2018). Traz à tona a diversidade de metodologias utilizadas nas teses e dissertações, com destaque para estudos de caráter bibliográfico e documental, que somam 27% do total de trabalhos analisados (Coelho, 2018).

Da sedimentação e amadurecimento deste interesse é que a presente pesquisa emerge: uma revisão narrativa crítica dos estudos que se propuseram a dialogar com perspectivas que refletem outras posições no mundo, outras corpo-políticas e geopolíticas do conhecimento (Maldonado-Torres, 2019). Escolhi o campo dos diálogos entre a tradição de escrita afrodiaspórica e a abordagem biográfico-narrativa interessado em compreender como aquela tradição vem compondo com o conjunto de recursos teórico-metodológicos da abordagem biográfico-narrativa nas pesquisas em Educação.

O exercício que marca minha opção por esse caminho de investigação, realizei na disciplina “Paul Ricoeur e Outros”. A proposta era, tomando o trabalho do filósofo francês como base, estabelecer diálogos com outras referências, compor novas possibilidades de articulação teórica. Meu trabalho final desta disciplina foi um ensaio em que estabeleço relações entre algumas ideias de Ricoeur sobre a escrita e o conceito de Escrivência, de Conceição Evaristo. Aquele trabalho, após um exercício de revisão e ampliação, compôs junto à produção de pesquisadoras e pesquisadores do NEPEN, a obra “Diálogos entrecruzados: modos de narrar e pesquisa-vida-formação” (Nakayama, Brito, Morais e Vieira, 2023). Em sua versão mais elaborada, a produção escrita de minha autoria resultante do ensaio de articular a perspectiva decolonial ao campo do biográfico inscreveu-se nesta obra sob título “Paul Ricoeur e Conceição Evaristo em diálogo no NEPEN: provocações decoloniais sobre a escrita na pesquisa (auto)biográfica” (Fonseca, 2023). Neste trabalho é que esboça-se minha compreensão da natureza da contribuição da autora para o campo da escrita. É partir de então que surge meu interesse em saber como a abordagem biográfico-narrativa têm dialogado com a Escrivência enquanto operador teórico-metodológico na produção acadêmica do movimento (auto)biográfico brasileiro no campo da Educação.

O que trato nesta pesquisa como “movimento (auto)biográfico brasileiro” é o conjunto das pessoas envolvidas na produção acadêmica brasileira que se distingue

pela aposta nas potencialidades epistemológicas e políticas da adoção do método biográfico na produção de conhecimentos em Educação, particularmente no campo da formação docente (Passeggi e Souza, 2017). Segundo Maria da Conceição Passeggi e Elizeu Clementino de Souza (2017), este movimento emerge no contexto educacional na década de 1990 e se consolida a partir dos anos 2000, quando se diversifica, amplia seus temas, suas estratégias de investigação e espaços de encontro e interlocução entre pesquisadoras e pesquisadores que adotam os fundamentos epistemológicos e ético-políticos da pesquisa (auto)biográfica na produção de conhecimentos em Educação (Passeggi e Souza, 2017).

Redes colaborativas ganham corpo neste processo, tendo nas diversas edições do Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica (CIPA) um dos principais momentos de articulação e criação de grupos de pesquisa, avaliação e debate sobre os desenvolvimentos e caminhos do movimento (auto)biográfico em nível regional, nacional e internacional, bem como de fomento à criação de estratégias teórico-metodológicas para promover inovações nas formas de se fazer pesquisa em Educação partindo de abordagens biográfico-narrativas (Bolívar, 2001; Passeggi e Souza, 2016).

Partindo do reconhecimento das universidades como espaços representantes do racismo/sexismo epistêmico e dos epistemicídios que, ao longo do século XVI, deram origem a estruturas de pensamento que conquistaram posições hegemônicas graças às práticas de violência colonial fundantes da modernidade/colonialidade (Bernardino-Costa, Maldonado-Torres e Grosfoguel, 2018; Grosfoguel, 2016), proponho um estudo que busca mapear, no interior da produção acadêmica do movimento (auto)biográfico, a presença de formas de resistência e enfrentamento ao racismo/sexismo epistêmico e aos epistemicídios que sustentam hegemonia do pensamento eurocentrado na produção de conhecimento (Grosfoguel, 2016).

Meu interesse se concentra nas investigações que dialogam com o conceito de Escrivência (Evaristo, 2020) na construção de conhecimentos em Educação a partir da abordagem biográfico-narrativa. A Escrivência enquanto estratégia de escrita da vida pode se somar às potencialidades críticas desta forma de pesquisa pelo modo como cria condições para a emergência de subjetividades outras (Borges, 2020; Duarte, 2020; Duarte e Nunes, 2020; Felisberto, 2020; Fonseca, 2020).

O interesse por diferentes formas de escrever sobre a vida pode criar condições para que estratégias de investigação biográfico-narrativas sejam complementadas em suas potencialidades críticas pela tradição de escrita afrodiaspórica (Duarte, 2020). Em outras, palavras, entendo que esta orientação do movimento (auto)biográfico brasileiro tem potencial para articular encontros e diálogos com tradições de pensamento e escrita capazes de ampliar os fundamentos epistemológicos, metodológicos, éticos, estéticos e políticos das investigações biográfico-narrativas que se propõem a assumir o compromisso antirracista de romper com o silenciamento e trazer a perspectiva da população negra não para o centro do debate, mas para seus fundamentos.

As questões de referência desta proposta de pesquisa podem ser enunciadas nestes termos: onde, desde quando, em que universidades e programas de pós-graduação em Educação e através de quem a abordagem biográfico-narrativa tem dialogado com o conceito de Escrevivência enquanto operador teórico-metodológico na produção de conhecimentos? De que maneira o conceito de Escrevivência tem sido empregado na produção acadêmica do movimento (auto)biográfico brasileiro no campo da Educação? Em quais contextos/campos da Educação o conceito de Escrevivência tem sido empregado na produção acadêmica do movimento (auto)biográfico brasileiro? Quais são as principais referências do campo do biográfico postas em diálogo em teses e dissertações que trabalham com a Escrevivência enquanto operador teórico-metodológico? Quais potencialidades da Escrevivência enquanto operador teórico-metodológico no diálogo com a pesquisa (auto)biográfica aparecem destacadas nas teses e dissertações analisadas? De que maneiras o conceito de escrita da si entra em diálogo com a Escrevivência enquanto operador teórico-metodológico nas pesquisas pautadas pela abordagem biográfico-narrativa?

Compreendo que o caminho imaginado até o momento para esta pesquisa possa contribuir para a problematização do racismo/sexismo epistêmico no contexto da produção de conhecimentos nas universidades ocidentalizadas (Grosfoguel, 2016). Ao propor este estudo, do ponto de vista ético-político, me proponho a assumir uma posição antirracista enquanto pesquisador. Essa atitude distribui as urgências e prioridades dos desafios que assumo como parte das questões em

relação às quais desejo me posicionar e para a quais desejo compor a construção das repostas possíveis, pensadas, e, quem sabe, das ainda não pensadas também.

Minha aposta é que estes objetivos podem promover uma compreensão de conjunto acerca das formas com que o movimento (auto)biográfico brasileiro tem dialogado com a Escrivivência enquanto um operador teórico-metodológico, de um lado, mas também podemos discutir o modo como o movimento vem dialogando com escritas de tradição decolonial e afrodiaspórica, atravessadas pelos eixos de opressão que histórica e sistematicamente inscrevem as diferenças em regimes de exploração, violência, silenciamento, subalternização e morte. Estas tradições trazem modalidades de relação com a escrita que envolvem formas de resistência e de reexistência forjadas na assunção radical das condições corpo e geopolíticas em que se situam as populações negras em diáspora na radicalização da escrita enquanto ato ético-estético-político, que assume sua condição corpo-geo-política de sujeito do conhecimento, sempre situado na relação dialética entre determinações e potencialidades criativas.

Neste estudo, centrei meus esforços de compreensão e meu compromisso com a reparação epistemológica e que fala Fernanda Felisberto (2020) na investigação das maneiras como a Escrivivência enquanto operador teórico-metodológico decolonial e afrodiaspórico criado na especificidade das condições da mulher negra brasileira, mas que fala também a partir de, sobre e para homens negros, se articula ao campo da pesquisa (auto)biográfica e se soma ao conjunto de recursos a partir dos quais se pode pensar a pesquisa narrativa (auto)biográfica nos diferentes campos da Educação em que o movimento (auto)biográfico brasileiro tem inscrito suas contribuições enquanto perspectiva crítica de produção de conhecimentos em campos como a formação docente e a história da Educação (Passeggi e Souza, 2017).

As informações obtidas com o mapeamento permitirão observar a distribuição geográfica e temporal deste diálogo, reconhecer Programas de Pós-Graduação em Educação das universidades brasileiras que tem acolhido estas articulações e identificar quem protagoniza estes diálogos e em que contextos ele tem sido trazido como modo de refletir e se somar à construção de estratégias de investigação em Educação a partir da abordagem biográfico-narrativa comprometidas com a crítica e

o enfrentamento do racismo/sexismo epistêmico e do epistemicídio moderno/colonial (Grosfoguel, 2016).

Tendo em mente estas questões apresentadas acima, o caminho metodológico que se constituiu viável até o momento é o de um estudo de revisão de literatura de caráter narrativo e crítico. Os objetivos da investigação encontram-se organizados na tabela abaixo:

Tabela 1

Objetivos das Pesquisa	
OBJETIVOS GERAIS	(a) mapear a produção acadêmica do movimento (auto)biográfico que assume a Escrivência como estratégia de produção escrita;
	(b) analisar os usos da Escrivência na produção acadêmica do movimento (auto)biográfico brasileiro na Educação.
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	(a.1) identificar onde, quando, em que contextos e através de quem o movimento (auto)biográfico brasileiro tem dialogado com o conceito de Escrivência na pesquisa em Educação;
	(b.1) identificar interlocutores teóricos do campo biográfico que foram postos em diálogo com o conceito de Escrivência nas pesquisas;
	(b.2) identificar aspectos apontados no estudo como motivadores da escolha pela Escrivência como recurso teórico-metodológico para a pesquisa.
	(b.3) identificar contribuições da Escrivência para o campo da pesquisa narrativa (auto)biográfica.
	(b.4) identificar e classificar os usos da Escrivência em pesquisas pautadas pela abordagem biográfico-narrativa na produção de conhecimentos em Educação.
AÇÕES DERIVADAS DOS OBJETIVOS	(a.1.1) descrever em termos de local, ano de publicação, área da Educação e autoria os estudos levantados, distribuindo estes dados em quadros, posteriormente utilizados na elaboração das primeiras inferências sobre a produção mapeada;
	(b.1.1) sintetizar as referências teóricas a partir das quais se estabelece a articulação entre as concepções de escrita de si na pesquisa (auto)biográfica e o conceito de Escrivência;
	(b.2.1) reunir e sintetizar argumentos utilizados pelos pesquisadores para justificar o emprego da Escrivência no contexto da pesquisa narrativa (auto)biográfica em Educação;
	(b.3.1) reunir e sintetizar argumentos utilizados pelos pesquisadores para apontar contribuições da Escrivência para o campo da pesquisa em Educação orientada por abordagens biográfico-narrativas;
	(b.4.1) descrever qual(is) uso(s) foi(foram) feito(s) da Escrivência na produção mapeada;

Fonte: elaboração própria.

A base de dados escolhida para o mapeamento foi a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD)¹. Meu interesse esteve concentrando na produção

1. Em sua página de apresentação, é assim que a BDTD é descrita: "A Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) foi concebida e é mantida pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) no âmbito do Programa da Biblioteca Digital Brasileira (BDB), com apoio da Financiadora de Estudos e Pesquisas (FINEP), tendo o seu lançamento oficial no final do ano de 2002. [...] hoje, a BDTD se consolida como uma das maiores iniciativas, do mundo, para a disseminação e visibilidade de teses e dissertações" (INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA - IBICT, 2023). Acesse: <https://bdttd.ibict.br/vufind/>.

acadêmica materializada em teses e dissertações, defendidas em Programas de Pós-Graduação em Educação de universidades brasileiras. A escolha por este tipo específico de produção foi baseada no reconhecimento destas produções como materializações de percursos complexos e significativos em processos de produção de conhecimentos e escrita. Neste sentido, apostei na importância destas produções como espaços de resistência e enfrentamento do racismo/sexismo epistêmico, bem como de reexistência frente a colonialidade do saber e o epistemicídio. Entendo que o processo de descolonização do pensamento e dos próprios modos de produção de conhecimento demandam um nível elaboração que encontra algumas condições significativas no em certos espaços de resistência dentro da academia. Meu mapeamento cartografa alguns desses espaços e modos outros de pensar a formação docente, a Educação e a produção de conhecimentos. Daqui em diante, apresento o que se segue nas próximas páginas, os diferentes aspectos desse estudo.

Num primeiro momento, apresento uma história possível do movimento (auto)biográfico brasileiro no campo da Educação e os principais fundamentos epistemológicos que distinguem as pesquisas nesta área pautadas na abordagem biográfico-narrativa. Esse exercício conta um pouco da trajetória da pesquisa narrativa (auto)biográfica em suas relações principalmente com a formação docente e com a história da Educação, e sintetiza algumas concepções centrais nas formulações teóricas e epistemológicas da abordagem, destacando as concepções de sujeito e as formas de compreensão do papel da escrita autobiográfica na relação das pessoas consigo mesmas em processos de formação, para por fim apresentar algumas características da produção do NEPEN e o modo como tem se constituído num espaço de profícuo de pesquisa-vida-formação narrativa (auto)biográfica (Brito e Nakayama, 2023; Nakayama, 2023).

Em seguida, exponho o processo de emergência da analítica da modernidade/colonialidade/decolonialidade e o conjunto de elementos teórico-conceituais que orientam minha abordagem da produção acadêmica do movimento (auto)biográfico brasileiro no campo da Educação que dialoga com o conceito de Escrivivência. Na sequência, apresento as noções de diáspora, pensamento afrodiaspórico e tradição de escrita afrodiaspórica. Aprofundando essas questões, introduzo um rápido panorama da literatura negra e sigo contando um pouco da

história do conceito de Escrevivência, suas principais características, potencialidades e alguns usos no campo da escrita acadêmica indicados na literatura que consultei.

O percurso que trilhei na construção desta investigação deu a este estudo as feições de uma pesquisa sobre práticas que visam a descolonização da pesquisa em Educação a partir da abordagem biográfico-narrativa e que têm, no diálogo com tradições afrodiaspóricas de escrita em geral, e com a Escrevivência como exemplo particular desta tradição, seu traço distintivo.

Na sequência, descrevo e discuto o percurso metodológico desta pesquisa, apresentando o delineamento do estudo, a caracterização do tipo de pesquisa que entendo oferecer a estratégia possível para responder às perguntas que proponho. Apresento argumentos para justificar a escolha das bases de dados, dos descritores e da combinação utilizada no levantamento do material analisado. Discorro sobre os passos necessários à construção do corpus da pesquisa, sobre os critérios de inclusão das pesquisas mapeadas, os critérios de exclusão dos estudos identificados, as estratégias de organização das informações significativas para os objetivos da minha investigação, e os procedimentos de análise dos dados relevantes para a construção das respostas às questões de pesquisa.

Por fim, no último capítulo, antes das minhas considerações finais, apresento os resultados do mapeamento e da análise dos usos, das justificativas e das contribuições da Escrevivência para o campo da pesquisa em Educação orientada por abordagens biográfico-narrativas.

1. O MOVIMENTO (AUTO)BIOGRÁFICO BRASILEIRO NA PESQUISA EM EDUCAÇÃO: HISTÓRIA E FUNDAMENTOS

Nesta etapa do texto, apresento um sobrevoo da história e de alguns dos fundamentos epistemológicos da abordagem biográfico-narrativa de pesquisa em Educação, seguido de uma genealogia das práticas de escrita de si na Antiguidade Clássica e ao longo da modernidade. Almejo com isso situar numa perspectiva de longa duração as modalidades de escrita autobiográfica praticadas no contexto da abordagem biográfico-narrativa. Sigo apresentando o NEPEN enquanto espaço de criação e desenvolvimento de diferentes estratégias de grafar a vida em dispositivos de pesquisa-vida-formação diversificados (Brito e Nakayama, 2023; Nakayama, 2023). Toma o biográfico não como um campo a ser explorado, mas como a própria vida, como dimensão da existência e modo de existir (Souza e Souza, 2015), introduzindo a vida na pesquisa-formação, desdobrando no interior da abordagem biográfico-narrativa um modo de abordar a formação docente, os cotidianos e as práticas educativas em processos de pesquisa-vida-formação (Brito e Nakayama, 2023; Nakayama, 2023).

A intenção é oferecer a quem lê estas linhas um conjunto de referentes que permita situar o movimento (auto)biográfico brasileiro no campo da Educação na história, as características gerais dos fundamentos epistemológicos que distinguem a abordagem biográfico-narrativa de outras estratégias de produção de conhecimento em Educação e o papel do conceito de escrita de si e de escrita da vida em estudos orientados pela abordagem biográfico-narrativa.

Este quadro prepara o diálogo que pretendo estabelecer com a perspectiva decolonial na análise da produção acadêmica do movimento (auto)biográfico brasileiro que articula Escrivivência e pesquisa narrativa (auto)biográfica.

1.1. Emergência e modos de conhecer da/na abordagem biográfico-narrativa

Antonio Bolívar (2018) entende que um dos marcos importantes no reconhecimento e na consolidação das abordagens biográfico-narrativas no campo da produção de conhecimento encontra-se na publicação do *International Handbook on Narrative and Life History*, em 2017 (Bolívar, 2018). A obra foi organizada por Ivor

Goodson, e inscreve na história do desenvolvimento da pesquisa qualitativa em ciências sociais uma nova referência para as abordagens biográfico-narrativas no contexto das relações de poder que organizam os processos de produção de conhecimento numa perspectiva qualitativa neste campo, se contrapondo ao histórico de não aceitação e não reconhecimento por que passou o emprego do método biográfico como alternativa crítica à ciência positivista (Bolívar, 2018).

António Nóvoa e Matthias Finger, organizadores de uma das obras de referência entre as abordagens biográfico-narrativas de produção de conhecimento no campo da Educação e da formação docente, discutem e praticam o método biográfico enquanto fruto de uma sociologia crítica ao positivismo, gestada no final do século XIX, na Alemanha (Finger e Nóvoa, 2014, p.20-21). Durante as décadas de 1920 e 1930, na Escola de Chicago, diversas pesquisas são desenvolvidas envolvendo o emprego sistemático desta metodologia. Seu emprego desencadeou polêmicas em debates sobre fundamentos epistemológicos e metodológicos da produção de conhecimento, em razão da não adesão e crítica ao positivismo em ciências sociais (Finger e Nóvoa, 2014, p.20-21; Pineau, 2016).

De acordo com Gaston Pineau (2016), as pesquisas que têm na narrativa o elemento central dos processos de produção de conhecimento, representam uma virada narrativa no campo da história das ciências:

Essa virada reconhece e quer utilizar a linguagem como meio performativo chave para negociar a transição do paradigma disciplinar das ciências aplicadas ao paradigma transdisciplinar dos atores reflexivos. Transição complexa e difícil, ou mesmo revolucionária para as abordagens (auto)biográficas. Ainda há pouco, o uso da linguagem cotidiana nas narrativas, histórias, testemunhos de vida servia como principal argumento para marcá-las não apenas como insignificantes, mas além disso como ilusórias, imaginárias, até mesmo perigosas e sem nenhuma objetividade científica. A infelicidade das Ciências Sociais era ter que tratar com objetos falantes. Mas além disso, objetivos que falavam de si mesmos, trazendo uma dupla maldição, uma fala subjetiva inédita e mal enunciada, balbuciante, indisciplinada, uma linguagem, objetivamente, quase incompreensível, indecifrável, que atropelava a escuta e as interpretações disciplinares (Pineau, 2016, p.12-13).

Para Conceição Leal da Costa e Camila Aloisio Alves (2018), o exercício hermenêutico realizado por quem pesquisa a partir de abordagens biográficas marca um percurso ético e metodológico comprometido com o respeito à condição singular e socialmente constituída de cada pessoa frente aos desafios que a multidimensionalidade e a multideterminação das realidades e dos problemas sociais colocam para sua problematização. Essa perspectiva contribui para a humanização da investigação quando valoriza a palavra, a escuta e o acolhimento,

ao abordar os fenômenos sociais a partir do que dizem as pessoas que deles fazem parte, os compõem e são compostas por eles (Costa e Alves, 2018).

Elizeu Clementino de Souza e Mariana Martins de Meireles (2018), ao discorrer sobre as dimensões epistemológicas e metodológicas do emprego de narrativas na produção do conhecimento, reconhecem, na possibilidade de aproximação e acesso à vida das pessoas e aos processos de ressignificação mobilizados pelo processo de elaboração da história de suas vidas, uma estratégia de valorização dos aspectos contextuais, singulares e subjetivos da condição humana, tal como configurada na narrativa de cada pessoa que se propõe a biografar-se (Souza e Meireles, 2018).

Segundo Finger e Nóvoa (2014), quando chega ao campo das ciências da educação, a aceitação da abordagem narrativa baseou-se no reconhecimento das potencialidades do método biográfico não apenas como ferramenta de produção de conhecimento, mas destacadamente como um dispositivo metodológico que forma docentes enquanto produz conhecimento, ou seja uma estratégia de “investigação-formação” (Finger e Nóvoa, 2014) ou “pesquisa-formação” (Passeggi e Souza, 2016).

O método biográfico, segundo os autores, ao considerar a inteireza da vida de uma pessoa e valorizar os processos formativos que a constituem enquanto tal, criou condições para o desenvolvimento de uma sociologia da formação de caráter holístico (Finger e Nóvoa, 2014). Diferente das abordagens tradicionais de investigação, o método biográfico considera a especificidade de cada indivíduo, leva em consideração dimensões e elementos formativos de certa forma negligenciados por aquelas tradições de pesquisa (Finger e Nóvoa, 2014). Este método abre possibilidades para que a pessoa possa compreender seu processo de formação a partir das dimensões significativas e formativas de suas experiências educativas: “permite que cada pessoa identifique na sua própria história aquilo que foi realmente formador” (Finger e Nóvoa, 2014, p.22).

A concepção antropológica básica que orienta a pesquisa biográfica no contexto da Educação, de acordo com a autora, compreende que, enquanto seres humanos, nossa relação com a vida e com o vivido é atravessada por e constituída através de mediações culturais: só nos é possível tratar da vida e do vivido através de produções culturais que se articulam e constroem entre as pessoas, a vida e o

vivido (Delory-Momberger, 2011). Estes processos se materializam na adoção e transmissão de recursos que modelizam processos de subjetivação e possibilitam a emergência do sentido na/da vida das pessoas (Delory-Momberger, 2011). As formas de escrita da vida, os modos de grafar a vida, ou simplesmente “biografias”, compartilham de formas mais ou menos alargadas e transformadas desta concepção (Delory-Momberger, 2011).

Os indivíduos constroem formas de organizar e dar sentido às suas vidas a partir de moldes biográficos (moldes aqui sendo como os utilizados por uma costureira para fazer roupas) estruturados por modelos narrativos determinados historicamente. Estes constituem esquemas que organizam as formas de relação das pessoas consigo mesmas e umas com as outras, bem como suas formas de inserção e participação comunitária (Delory-Momberger, 2011).

"Narrar é tomar consciência de sua própria existência. Ao tomar [...] as narrativas impressas por um autor e que se inscrevem numa perspectiva de longa duração, encontramos aí o substrato histórico e psicológico da formação de uma (ou várias) gerações sintetizadas pelo texto autobiográfico" (Souza e Souza, 2015, p.182).

Com o surgimento da modernidade e sua consolidação a partir do século XVIII, com o modelo iluminista, o modo de construção biográfica onde o indivíduo organiza seu processo de constituição de si, e toma sua própria experiência como fonte primária de seu desenvolvimento individual, constituiu-se na referência principal dos modos de grafar a vida que conhecemos hoje (Delory-Momberger, 2011). Este modo de existir e esta forma de se relacionar consigo mesmo e com a sociedade foram moldados por uma estrutura narrativa específica, desenvolvida no contexto iluminista alemão, a “narrativa de formação”:

A narrativa de formação corresponde, desde seu início, a um estágio sócio-histórico particular da relação entre “indivíduo” e “sociedade”, que inaugura nossa própria modernidade. A Europa de fins do século XVIII foi marcada pela ascensão e pela dominação progressiva de uma classe social, a burguesia, que concentra em suas mãos a essência dos poderes políticos, econômicos e culturais. A sociedade burguesa, fundada sobre o capital e a transformação do mundo pelo capital, não se define somente pelas relações de produção e de poder que instaura, mas também por meio de um conjunto de representações associadas à relação do indivíduo com a sociedade, que determinam uma estrutura particular da própria consciência (Delory-Momberger, 2011, p.338-339).

A concepção de sujeito que fundamenta a narrativa de formação na sociedade burguesa indica um ser que traz em si um devir individual marcado por processos de transformação; um ser livre, capaz de exercer sua autonomia através da responsabilidade que assume perante a tarefa de constituir-se enquanto autor de

sua própria história (Delory-Momberger, 2011). Esse devir articula modos de relação com o vivido e com a vida fundados em “noções de concorrência, risco, luta pela vida e também um leque de possibilidades, alternativas e escolhas” (Delory-Momberger, 2011, p.338-339).

E é esse modelo de projeção biográfica que marcará, durante muito tempo, as representações e as práticas biográficas. E é também, majoritariamente, o modelo que domina nossas representações biográficas, agora que a figura da individualidade, como tinha se desenvolvido nas sociedades burguesas liberais dos séculos XIX e XX, tem se democratizado e globalizado amplamente. [...] [A] sociedade pós-moderna, que leva cada indivíduo a se responsabilizar por si mesmo e a autorrealizar-se [...] atualiza e revigora esse modelo de construção e de realização biográfica (Delory-Momberger, 2011, p.339).

Embora não seja o único, a narrativa representa um dos modos significativos de grafar a vida e tecer processos identitários, o que faz dela espaço e direção dos/para os modelos biográficos (Delory-Momberger, 2011). As variações sócio-históricas, às quais os processos de construção e textualização das representações que organizam formas imaginárias e programáticas dos percursos existenciais estão submetidas, atravessam também a narração (auto)biográfica (Delory-Momberger, 2011). As pessoas não são donas ou inventoras das estruturas e das formas através das quais se torna possível a elas biografar suas vidas, já que aquelas “são formas coletivas que refletem e condicionam, ao mesmo tempo, as relações que os indivíduos mantêm com a coletividade e com eles mesmos, em determinada época e no seio de uma cultura” (Delory-Momberger, 2011, p.335).

O exercício de narrar pode ser compreendido como uma das práticas fundantes dos processos de produção de sentidos e interpretação imanentes à configuração da diversidade de experiências humanas histórico-culturalmente constituídas (Delory-Momberger, 2011). Através dela, enquanto prática hermenêutica cíclica que envolve reunir, colocar em ordem, organizar e estabelecer vínculos entre aquilo que nos situa em nossa existência e o que nos atravessa dos/nos/com os acontecimentos, “damos a eles uma forma unificada e associada a uma vivência proteiforme, heterogênea, incerta, inapreensível e, através dessa formatação, interpretamos e outorgamos sentido ao que vivemos” (Delory-Momberger, 2011, p.341).

O poder de formação, de formação no ato, reside na narrativa e está em nós por sermos os *relatores* de nossa própria vida. Pela narrativa transformamos os acontecimentos, as ações e as pessoas de nossa vida em *episódios*, *intrigas* e *personagens*; pela narrativa organizamos os acontecimentos no tempo, construímos relações entre eles, damos um lugar e um significado às situações e experiências que

vivemos. É a narrativa que faz de nós o próprio *personagem* de nossa vida e que dá uma *história* à nossa vida. Em outros termos, *não fazemos a narrativa de nossa vida porque temos uma história*; pelo contrário, *temos uma história porque fazemos a narrativa de nossa vida* (Delory-Momberger, 2011, p.341 – grifos da autora).

O trabalho da narração sobre o vivido e sobre o vivente se dá através de uma operação promovida pelo ato de narrar, que transforma em história e em existência as vivências culturalmente produzidas pelas relações de poder e dominação que emergem dos processos históricos de produção da vida material e simbólica em sociedades humanas (Delory-Momberger, 2011). Biograficamente: este é modo como se constroem nossas experiências; como processo de aprendizagem em que o mundo da vida incita as pessoas a resgatar recursos biográficos acumulados em experiências anteriores para apreender as dimensões do presente que interrogam e desafiam seus sistemas de representações e saberes biográficos (Delory-Momberger, 2011). O ato de biografar-se constitui uma hermenêutica prática que marca e significa a experiência, oferecendo às pessoas a possibilidade de configurar, ao mesmo tempo, uma história e uma individualidade, uma forma própria de ser, para si mesmas (Delory-Momberger, 2011).

A pesquisa biográfica tem seu principal material, suporte e território na história de vida. É nela que se podem apreender as dimensões históricas, culturais, educativas e sociais que constituem indivíduo e sociedade em entrecruzamento. Do ponto de vista epistemológico, a história de vida é o coração da pesquisa biográfica (Costa e Alves, 2018). O conhecimento que emerge da articulação entre nossas memórias, as experiências pessoais e os movimentos reflexivos que compõem a vida, resulta de formas significativas de aprendizagem que tomam como fundamento a experiência pessoal (Costa e Alves, 2018). A biografização ganha força como uma estratégia de produção de conhecimento que se desdobra em processo de “construção da consciência histórica de si e das suas aprendizagens na trajetória da vida” (Costa e Alves, 2018, p.536).

1.2. Escrita de si e modos de grafar a vida na abordagem biográfico-narrativa

Neste tópico do texto, apresento um percurso sobre os processos de genealogia da escrita de si, sintetizado por Rodrigo Matos de Souza e Elizeu Clementino de Souza (2015). Vou agora situar as práticas de escrita de si e de

escrita (auto)biográfica numa temporalidade anterior a da modernidade/colonialidade. Assim, seguindo posicionamentos apresentados pelos autores no próprio texto, este exercício de historicização destas práticas pode ampliar a compreensão sobre o ato de escrever e seu papel na relação do sujeito consigo mesmo e com seu contexto histórico-cultural.

O fenômeno da escrita de si ou escrita (auto)biográfica, pode ter sua emergência retrçada à Antiguidade Clássica, greco-romana (Souza e Souza, 2015). É tradicional a concepção de que as principais referências do dispositivo biográfico são oriundas da modernidade/colonialidade (Souza e Souza, 2015). Suspeitando criticamente desta compreensão, Souza e Souza (2015), através das contribuições de Mikhail Bakhtin, identificam a presença de modalidades de escrita de si muito antes dos referentes modernos tradicionais. Destacam a importância desta questão ao oferecer uma leitura de longa duração das práticas de escrita de si na relação das pessoas consigo mesmas:

As formas antigas de consciência pública do ser humano nos oferecem - podemos arriscar - algumas pistas seguras das motivações da escrita autobiográfica em qualquer tempo histórico posterior: a busca pelo (auto)conhecimento/verdade (os escritos de tipo platônico), a construção de uma narrativa laudatória (o tipo retórico), a invenção do passado (a genealogia romana) e, por último, uma tentativa de reorganização do discurso sobre si (os *prodigia* e os escritos pessoais). Contemporaneamente, o que chamamos (auto)biografia encontra nessas motivações - por vezes, em todas - pontos de ancoragem dos gêneros textuais que atualizam as escritas de si" (Souza e Souza, 2015, p.176).

Ao estudar a genealogia das escritas de si levando em consideração um tempo mais longo, emergem como elementos possíveis de materialização da dimensão biográfica da vida dispositivos até então não ou pouco associados à ela, tais como “um bloco de anotações de um estudante, um fichamento, uma agenda – que guardam semelhanças com os usos dos *hypomnemata* na Antiguidade”, mas também “outros objetos históricos de estudo do biográfico e do autobiográfico (cartas, documentos oficiais, notas, além de escritos, muitas vezes não elencados com (auto)biografias, como no caso das meditações, de escritos satíricos, filosóficos e históricos antigos e contemporâneos” (Souza e Souza, 2015, p.182-183).

O papel central que o biográfico adquire na pesquisa-formação narrativa em Educação está relacionado ao modo como assume radicalmente a vida como central para a produção de conhecimentos sobre o sujeitos, suas práticas e sua relação com seu tempo e sua história e seu contexto histórico-cultural. Enquanto dimensão

existencial e inalienável, os processos de biografização constituem modos através dos quais as pessoas podem ampliar sua consciência histórica de si mesmas e, ao mesmo tempo, inscrever-se como sujeitos históricos de seu tempo:

"[...] pensar o autobiográfico não como um campo, mas entendê-lo em sua dimensão de vida, seja no passado ou no presente. Todas essas narrativas pretenderam e pretendem firmar o lugar do sujeito num espectro social, permitindo-lhe identificar-se nesse mundo em uma sociedade e permitindo que os seus leitores - quando alcançam estes textos - localizem a história de um tempo pela ótica de um sujeito" (Souza e Souza, 2015, p.183).

As práticas educativas que buscam promover estratégias de formação com alcance integral em seus efeitos e têm empregado dispositivos biográfico-narrativos, além de reconhecerem que o contexto de uma biografia singular situa todas as possibilidades de aprendizagem e é entremeado por uma lógica biográfica, apostam na capacidade transformadora e transformativa imanente ao processo de configuração narrativa, compreendendo a elaboração de um discurso sobre a (própria) vida a partir do vivido, uma escrita sobre a vida (que há) em si, como um processo formativo: o exercício de biografização como processo de formação (Delory-Momberger, 2011).

Tendo reconhecido que a construção biográfica da experiência constitui *per se* um processo global de aprendizagem, [...] Toda aprendizagem – seja gestual, cognitiva, processual, etc. – insere-se numa trajetória individual em que acha sua forma e sentido em relação a um conjunto de saberes e competências articuladas numa biografia; todo percurso existencial é um percurso de formação, porque organiza, temporária e estruturalmente, as aquisições e os aprendizados sucessivos dentro de uma “história”, de uma biografia de formação (Delory-Momberger, 2011, p.343).

Segundo Maria da Conceição Passeggi e Elizeu Clementino de Souza (2017), no Brasil, a configuração de um movimento (auto)biográfico na pesquisa em Educação responde às necessidades de modificação nas formas tradicionais de produção de conhecimento na área. O campo da formação docente aparece como o espaço privilegiado de desenvolvimento de investigações qualitativas amparadas no método biográfico (Passeggi e Souza, 2017). A pesquisa sobre formação docente no Brasil foi renovada pelo emprego da abordagem biográfico-narrativa, entre outras coisas, por dar visibilidade e fazer crescer o interesse por temas relacionados ao trabalho docente, seu processo de profissionalização e de constituição de sua identidade (Passeggi e Souza, 2017).

Os trabalhos desenvolvidos sob esse enfoque voltam-se [...] às histórias de vida e às narrativas autobiográficas como fonte e método de investigação qualitativa, indagando-se sobre práticas docentes, as trajetórias de formação, não apenas para

produzir conhecimento sobre essas práticas, mas perceber como os professores dão sentido a elas. Emerge assim, das narrativas de professores, em formação inicial ou continuada, uma variedade de temas que entrecruzam memórias, percursos de formação, questões de gênero, trajetórias de aprendizagens e formação para a docência (Passeggi e Souza, 2017, p.13).

A potencialidade que as narrativas da experiência possuem de promover processos de descoberta e reinvenção de si é um dos princípios éticos que guiam as investigações com histórias de vida. O exercício de narrar-se, enquanto processo que envolve investigação e autoconstituição, torna conhecimentos os saberes tácitos que adquirimos ao longo da vida e das nossas experiências (Passeggi e Souza, 2017). A posição epistemopolítica da pesquisa (auto)biográfica no campo da ciência assume a centralidade da reflexividade autobiográfica do sujeito como capacidade humana fundamental no desenvolvimento de modos de resistir, empoderar e emancipar-se de representações culturais opressivas e excludentes (Passeggi e Souza, 2017).

[...] a concepção de pesquisador como testemunha é um posicionamento ético-político frente a desigualdade que é presenciada. Isso porque, a partir das narrativas de história de vida, é possível trazer à tona as contradições singulares, articulando-as com o universal dominante. Em um período cujo universal dominante é o capital, podemos imaginar que a explicitação do singular, por meio das narrativas de história de vida, pode mostrar como a quebra da continuidade do existir humano pode ser decorrente de uma imposição social, em que a identidade do indivíduo, sua vontade, é confrontada com exigências do mercado. A preocupação com a generalização dos dados, nesse sentido, cede lugar para a preocupação com o aprofundamento dos dados, ou ainda, [...] “a preocupação com a objetividade do empírico abre espaço para a subjetividade como processo histórico” (Lane, 1987, p. 10) (Lima, 2014, p.31).

Há mais de trinta anos as pesquisas qualitativas com e sobre narrativas (auto)biográficas resistem e desafiam a hegemonia da pesquisa quantitativa. Os números cada vez mais dividem espaço com a palavra no trabalho científico com os dados básicos que compõem a material a partir do qual se constrói o conhecimento (Pineau, 2016). O movimento (auto)biográfico busca, contrapondo-se ao endeusamento do sujeito epistêmico proposto pela perspectiva positivista, trazer de volta, para dentro do processo de produção de conhecimento, a experiência da pessoa de carne e osso, do sujeito empírico (Passeggi e Souza, 2017).

Essa preferência pelo sujeito epistêmico, abstrato, objetivo, explica a resistência da pesquisa científica positivista à palavra da criança, da mulher, do transexual, de pessoas do campo, das ruas, das favelas, da floresta, em função da “pobreza” de seu pensamento, da “insuficiência” de seus modos de se expressar, de sua “pouca” idade, da “insignificância” de sua experiência. “Deficiências” assim categorizados em função de critérios positivistas, coloniais, que desqualificam a legitimidade da palavra de quem foge aos padrões de racionalidade do adulto, de sexo masculino, branco, letrado (Passeggi e Souza, 2017, p.11).

Segundo Gaston Pineau (2016), um dos traços do movimento (auto)biográfico emerge do trabalho de grupos múltiplos de pessoas envolvidos com a produção de conhecimentos a partir de investigações que empregam narrativas biográficas e autobiográficas. Redes de pesquisa formadas por pessoas de diferentes nacionalidades vêm produzindo cooperativamente o processo de construção epistemológica e metodológica das abordagens biográfico-narrativas, materializado numa diversidade de projetos de cooperação acadêmica e científica, além de teses e dissertações no campo da Educação e em outras áreas, em diversos programas de pós-graduação das universidades brasileiras (Passeggi e Souza, 2017; Pineau, 2016). Entre os diversos objetivos que orientam estes processos de construção, podem ser incluídos os seguintes, segundo Pineau (2016, p.13):

- a) Enriquecer e ampliar a consolidação do estatuto epistemológico e metodológico da abordagem (auto)biográfica de pesquisa e formação; b) Consolidar uma rede de pesquisadores e de grupos de pesquisa brasileiros e internacionais que trabalham com a abordagem (auto)biográfica; c) Dialogar sobre as possibilidades das narrativas (auto)biográficas como diferentes fontes para a produção de conhecimentos nas mais diversas áreas, compartilhando experiências e saberes práticos, dando continuidade às discussões anteriores e agregando novas análises e significações; d) Reafirmar interlocuções e parcerias com pesquisadores, em nível nacional e internacional.

Passeggi e Souza (2016), ao fazer um resgate histórico do movimento (auto)biográfico brasileiro no campo da Educação, destacam quatro grandes diferenciações internas ao movimento (auto)biográfico que orientam seus desdobramentos, em termos da natureza do trabalho com/a partir de narrativas:

- A primeira considera as narrativas autobiográfica como um fenômeno antropológico. Nesse sentido, interessa-se pelos processos de individuação e de socialização dos seres humanos, interrogando-se sobre como nos tornamos quem somos. A segunda orientação utiliza as narrativas como fonte e método de investigação qualitativa, indagando-se sobre práticas sociais, não apenas para produzir conhecimento sobre essas práticas, mas para perceber como os indivíduos dão sentido a elas. A terceira orientação faz uso dessas narrativas como dispositivos de pesquisa-formação, instituindo o sujeito como pessoa interessada no conhecimento que ela produz para si mesma (Souza, 2006a). Finalmente, a quarta orientação estuda a natureza e a diversidade discursiva das escritas (grafias) da vida (bios) (Passeggi e Souza, 2017, p.10).

Ancorado principalmente nestas terceira e quarta orientações do movimento (auto)biográfico brasileiro, está o grupo de pesquisa em que me encontro e na relação com o qual proponho o presente estudo. O Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Narrativas Educativas, Formação e Trabalho Docente – NEPEN nasce em 2011, como parte do processo de consolidação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba (Nakayama,

2023). Tendo como lente teórica a escuta e a escrita de si em diálogo com as investigações dos/nos/com os cotidianos, as pesquisas realizadas em seu bojo refletem um compromisso com a formação docente e de profissionais da Educação (Nakayama, 2023).

Com o desenvolvimento da produção acadêmica do grupo, articulações e diálogos com pesquisadoras e pesquisadores de outras instituições nacionais que se entrecruzaram nos espaços/tempos de pesquisa-vida-formação cultivados no NEPEN, foram progressivamente abrindo espaço para conexões internacionais, articulando redes de grupos de pesquisa e ampliando sua participação nos debates em programas de referência no campo da pesquisa-formação narrativa (auto)biográfica (Nakayama, 2023). Um dos objetivos centrais do NEPEN consiste em constituir-se em um "espaço compartilhado para a escuta e escrita de si e de processos de constituição de sujeitos pesquisadores na abordagem (auto)biográfica, na interface com ações de ensino, pesquisa, extensão e gestão" (Nakayama, 2023, p.14). E na minha condição de membro deste espaço/tempo de pesquisa-vida-formação que emergem as questões que motivam esta pesquisa. Principalmente pela maneira como compor a história, a dinâmica e a tessitura desta rede de pessoas é parte significativa do meu movimento em busca de uma possibilidade de ser parte das pessoas que se somam na construção de uma educação antirracista.

2. MODERNIDADE/COLONIALIDADE/DECOLONIALIDADE, PENSAMENTO AFRODIASPÓRICO, ESCRITA AFRODIASPÓRICA, VOZES AFRO-ATLÂNTICAS E ESCRIVIVÊNCIA

Nesta parte do meu texto, vou falar sobre modernidade/colonialidade/decolonialidade, tradição de pensamento e escrita afrodiaspóricas e, por fim, do conceito de Escrivivência. Meu objetivo nesta parte do texto é apresentar, após um breve panorama histórico, os elementos teóricos que conformam a abordagem a partir da qual me debruço sobre a produção acadêmica do movimento (auto)biográfico no campo da Educação. Em seguida, apresenta em linhas gerais o que são o pensamento afrodiaspórico e a tradição de escrita afrodiaspórica para, por fim, definir o conceito de Escrivivência, suas principais características e descrever os modos como vem sendo empregado na abertura de caminhos para novas epistemologias na pesquisa em Educação.

Meu encontro com a perspectiva decolonial e afrodiaspórica deu corpo e forma aos aspectos que eu gostaria que fizessem parte do meu processo de constituição enquanto pesquisador do campo do biográfico. Esta perspectiva trouxe para meu percurso intelectual e de formador de profissionais da psicologia elementos importantes para o fortalecimento do meu compromisso, enquanto profissional da psicologia e enquanto docente, com a garantia de direitos e com o enfrentamento às estratégias de opressão e violência que assaltam a subjetividade e a vida das pessoas que vivem em sociedades marcadas pela colonialidade do saber, do poder e do ser (Maldonado-Torres, 2018).

O encontro com estas formulações teórico-práticas, ético-estético-políticas, me foi importante para compreender o lugar a partir do qual seria possível para mim reconhecer-me como pesquisador parte do movimento (auto)biográfico brasileiro e no NEPEN. Estas referências foram constituindo um conjunto de recursos que ressignificaram minha compreensão dos fundamentos da abordagem através do diálogo que passou a fazer parte do meu exercício de elaboração desta proposta de estudo.

Estes recursos mobilizaram em mim o interesse por compreender como estes elementos, estas formas de conceber a relação o conhecimento e a denúncia das formas de violência epistêmica materializadas no racismo/sexismo epistêmico e nos epistemicídios têm sido problematizadas e gestado respostas no interior do

movimento (auto)biográfico, particularmente naquilo que diz respeito ao campo da epistemologia e dos operadores teórico-metodológicos e conceituais em diálogo na produção de conhecimentos em Educação, a partir da abordagem biográfico-narrativa.

2.1. Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico

A decolonialidade é um conceito intrinsecamente relacionado à colonialidade e à modernidade, caracterizando-se como uma abordagem crítica que busca desfazer as estruturas de poder e conhecimento estabelecidas durante o período colonial (Bernardino-Costa, Maldonado-Torres e Grosfoguel, 2019; Bernardino-Costa, 2023). A noção de colonialidade, surgida nos anos 1990, destaca-se como um elemento fundamental na formação do sistema-mundo moderno/colonial, especialmente na criação das Américas, onde se consolidaram tanto o conceito de raça quanto a articulação do poder em torno do capitalismo histórico (Bernardino-Costa, Maldonado-Torres e Grosfoguel, 2019; Bernardino-Costa, 2023).

A América Latina emerge como um *locus* onde a colonialidade do poder se materializa, vinculando-se ao sistema de classificação racial e ao racismo, além de se integrar à modernidade e ao capitalismo eurocentrado (Bernardino-Costa, Maldonado-Torres e Grosfoguel, 2019; Bernardino-Costa, 2023). Enquanto a modernidade é comumente apresentada como um período de progresso e evolução, a perspectiva decolonial revela suas contradições e omissões historicamente encobertas, como as invasões coloniais justificadas em nome da civilização e do progresso (Bernardino-Costa, Maldonado-Torres e Grosfoguel, 2019; Bernardino-Costa, 2023).

Decolonial é uma visão de mundo que busca reconhecer e valorizar outras formas de conhecimento e existência, historicamente marginalizadas (Bernardino-Costa, Maldonado-Torres e Grosfoguel, 2019; Bernardino-Costa, 2023). Ao destacar a colonialidade do saber, ela denuncia a desqualificação e o apagamento de tradições de conhecimento não eurocentradas, propondo a produção de conhecimento a partir de epistemes e cosmovisões outrora desconsideradas pela hegemonia do pensamento ocidental moderno (Bernardino-Costa, Maldonado-Torres e Grosfoguel, 2019; Bernardino-Costa, 2023).

A resistência decolonial é uma prática política e reflexiva integrante da história de diversos povos e movimentos sociais em suas lutas de resistência e re-existência, que mais recentemente vem adquirindo visibilidade no campo acadêmico (Bernardino-Costa, Maldonado-Torres e Grosfoguel, 2019; Bernardino-Costa, 2023). Trata-se de um projeto comprometido com a diversidade epistêmica e cognitiva, que desafia a hegemonia do pensamento eurocentrado, um convite à criatividade e à construção de outros mundos possíveis (Bernardino-Costa, Maldonado-Torres e Grosfoguel, 2019; Bernardino-Costa, 2023)

O conceito de decolonialidade é indissociável dos conceitos de colonialidade e de modernidade. Modernidade/colonialidade/decolonialidade, redigidos assim, conectados por "/", mantém entre si uma articulação complexa (Bernardino-Costa, 2023). Embora diretamente relacionado à noção de colonialismo, o termo colonialidade, um neologismo, difere significativamente do primeiro: aparece no início dos anos 1990, em meio ao debate sobre os cinco séculos da invasão europeia (Bernardino-Costa, 2023). O sistema-mundo moderno/colonial se constitui a partir da criação das Américas: sem elas, não haveria possibilidade de constituição do capitalismo (Bernardino-Costa, 2023). Tanto o colonialismo quanto a colonialidade emergem a partir daquele momento histórico (Bernardino-Costa, 2023).

A modernidade tem uma história controversa, difusa (Flor do Nascimento, 2015). Geralmente, conhecemos a modernidade como tempo das luzes, da emancipação humana, das liberdades, da saída das pessoas de sua condição de heteronomia acorrentada à culpa (Flor do Nascimento, 2015). Mas essa maneira de falar da modernidade esconde a diversidade de estratégias e práticas de violência imanentes à ascensão e consolidação dos valores descritos acima como modernos (Flor do Nascimento, 2015). É necessário abrir caminhos para se contar essa história de outra maneira (Flor do Nascimento, 2015). É necessário abrir espaço em nosso tempo para que vozes silenciadas componham a construção dos horizontes de futuro com os quais é importante nos comprometermos se entendemos que o enfrentamento do racismo e uma educação antirracista são imperativos urgentes na construção de outros mundos possíveis (Flor do Nascimento, 2015).

Desde os anos 1990, um conjunto de acadêmicos originários de nações sul-americanas e caribenhas, cujas atividades se estendem tanto nesses países quanto

em instituições de ensino nos Estados Unidos, tem gradualmente constituído uma comunidade intelectual dedicada à análise de diversas questões relacionadas à modernidade e à interpretação dessa vivência sob uma ótica subalterna (Restrepo e Rojas, 2010). Como desdobramento desse esforço intelectual, emergiu um conjunto de ideias, termos e estratégias argumentativas que exerceram um impacto considerável em determinados países da região (Restrepo e Rojas, 2010).

DIÁSPORA. Palavra de origem grega que significa "dispersão". Designando, de início, principalmente o movimento espontâneo dos judeus pelo mundo, hoje aplica-se também à desagregação que, compulsoriamente, por força do tráfico de escravos, espalhou negros africanos por todos os continentes. A Diáspora Africana compreende dois momentos principais. O primeiro, gerado pelo comércio escravo, ocasionou a dispersão dos povos africanos tanto pelo Atlântico quanto pelo oceano Índico e mar Vermelho, caracterizando um verdadeiro genocídio, a partir do século XV - quando talvez mais de 10 milhões de indivíduos foram levados, por traficantes europeus, principalmente para as Américas. O segundo momento ocorre a partir do século XX, com a emigração, sobretudo para a Europa, em direção às antigas metrópoles coloniais. O termo "Diáspora" serve também para designar, por extensão de sentido, os descendentes de africanos nas Américas e na Europa e o rico patrimônio cultural que construíram (Lopes, 2011, p.353).

A noção de "Diáspora Africana", que fundamenta a possibilidade de uma perspectiva, de um pensamento e de uma escrita afrodiaspóricos, é um campo de pesquisas atravessado por debates acalorados no campo acadêmico e na esfera política (Majhail e Dogan, 2019, Flor, 2022; Cohen, 2023).

Diaspora is a fascinating interdisciplinary field of research that concerns people from all walks of life. A lot of research has been taking place to understand and tackle various social, political and theoretical issues of diasporas, ranging from multiculturalism, humanities, globalisation, to identity and migration, just to name a few (Majhail e Dogan, 2019, p.XIII).

Segundo Flor (2023, p.28):

As perspectivas contemporâneas [pós 1990] de diáspora africana, e os modelos de cultura e de identidade nelas implícitos, deslocam e estabelecem uma tensão com as formas de identidade e de cultura percebidas como herméticas ou fechadas. Nessa nova narrativa contemporânea, em que a relação com a terra de origem não é mais entendida por metáforas ligadas a uma ideia linear de continuidade cultural, o retorno à terra natal deixa de ser um desejo. [...] O conceito de diáspora, desse momento em diante, não apenas descreve processos traumáticos de deslocamento e espalhamento de comunidades ao longo do tempo e espaço, como também se torna uma gramática comum, uma espécie de metáfora da condição subjetiva e da produção cultural no mundo contemporâneo. [...] Modelos e perspectivas de diáspora africana passaram a investir cada vez mais em abordagens que reconhecem a proeminência do caráter aberto da produção cultural e identitária das comunidades negras nos lugares em que se estabeleceram. Nesse sentido, as noções de identidade e cultura afrodiaspórica [...] não mais seriam moldadas por vínculos imediatos com a terra de origem, mas a partir de lutas e posicionamentos articulados por meio de um passado muitas vezes imaginado (inventado). (Flor, 2023, p.28).

O autor também destaca a importância da contribuição da perspectiva pós-colonial para a discussão da noção de diáspora em seus traços atuais:

Influenciados por um lado, pelo pensamento pós-estruturalista, e, de outro, pelas elaborações de Fanon (2008), os autores pós-coloniais, como Stuart Hall (2010; 2011), Paul Gilroy (2002; 2007), Bhabha (2013) e Brah (2006), denunciaram a relação entre discurso, saber e poder, e criticaram os sistemas de representação (discursos) que, segundo os autores, constituíam a episteme ocidental/colonial (Flor, 2023, p.29).

Assim, ainda segundo o autor:

O conceito descentrado de diáspora africana emerge, portanto, no interior de uma matriz de pensamento que se distingue pelo intenso e incessante esforço de reavaliar a estrutura epistemológica das ciências humanas. Pode-se dizer que o pensamento pós-colonial [...] denuncia o caráter colonialista estruturante das ciências humanas e a importância que a relação colonial teve no processo que tornou o Ocidente e a sua forma de conhecer como o modelo hegemônico. A perspectiva pós-colonial tem como horizonte romper com a colonialidade (Flor, 2023, p.104).

Como fica explícito no trecho acima, há potencial significativo na concepção contemporânea de diáspora, uma noção marcada pelo descentramento, pelo abandono de perspectivas essencialistas, e pela adesão a um

[...] conceito de 'diáspora africana' [que] enfoca a relação distintiva de endividamento antagônico que as contraculturas políticas negras estabelecem na modernidade. [...] reposiciona os povos negros na modernidade por meio da condição dual e cindida (intercultural) que atravessa a sua experiência coletiva, [...] concentra a sua análise na relação ambivalente e nas respostas que esses sujeitos e grupos ofereceram aos padrões turbulentos da vida moderna (Flor, 2023, p.148).

A perspectiva decolonial e afrodiaspórica representa um movimento significativo na academia contemporânea diante das transformações observadas nas universidades públicas brasileiras (Bernardino-Costa, Maldonado-Torres e Grosfoguel, 2018). Inicialmente, ao reconhecer a importância da localização corpo-geopolítica específica na produção do conhecimento, essa perspectiva desafia a visão tradicionalmente eurocêntrica e colonizadora que permeia nossos currículos acadêmicos, destacando a necessidade de considerar as experiências e vivências das populações negras e afrodiaspóricas (Bernardino-Costa, Maldonado-Torres e Grosfoguel, 2018). Esse reconhecimento se torna urgente quando observamos as mudanças geradas pelas políticas de ação afirmativa, que aumentaram a diversidade entre estudantes, mas não conseguiram superar a hegemonia branca no corpo docente, evidenciando a persistência das estruturas coloniais no ambiente acadêmico (Bernardino-Costa, Maldonado-Torres e Grosfoguel, 2018).

Ao abrir espaço para a produção de conhecimento a partir das perspectivas afrodiaspóricas, esses esforços não apenas desafiam o cânone moderno/colonial,

mas também oferecem uma oportunidade para reconhecer e valorizar outras formas de saber e existência (Bernardino-Costa, Maldonado-Torres e Grosfoguel, 2018). A perspectiva decolonial questiona as estruturas de poder que perpetuam a marginalização e a opressão das comunidades afrodescendentes, entendendo que reconhecer e valorizar o conhecimento e as experiências dessas comunidades não apenas enriquece o ambiente acadêmico, mas também contribui para a construção de um compromisso antirracista no campo da Educação (Bernardino-Costa, Maldonado-Torres e Grosfoguel, 2018).

Na narrativa que aborda a Modernidade com a colonialidade como uma lente interpretativa, o papel da raça como um instrumento para naturalizar as relações de opressão entre colonizadores e colonizados, um símbolo de hierarquia, delineando e reforçando relações de poder assimétricas, utilizado para justificar e sustentar posições de dominação em contextos coloniais, é posto em destaque (Nascimento, 2015). Apesar das críticas contemporâneas à concepção biológica de raça, ela continua a operar como um constructo político marcador de hierarquias tanto em contextos virtuais quanto concretos, definindo lugares políticos e refletindo relações de poder assimétricas que deixam marcas nos corpos e refletem uma história de opressão e marginalização (Flor do Nascimento, 2015).

A perspectiva que orienta os diálogos que analiso entre a Escrivência e a produção acadêmica do movimento (auto)biográfico nesta pesquisa orienta-se por uma noção de decolonialidade em sentido amplo, em diálogo direto com o pensamento afrodiaspórico, e

[...] que abarca a longa tradição de resistência das populações negras e indígenas e, posteriormente, daqueles que Frantz Fanon (2005) nomeou como condenados da terra. [...] pretendemos explicitar ideias, intervenções e elaborações presentes também na tradição do pensamento negro. Uma das vantagens do projeto acadêmico-político da decolonialidade reside na sua capacidade de esclarecer e sistematizar o que está em jogo, elucidando historicamente a colonialidade do poder, do ser e do saber e nos ajudando a pensar em estratégias para transformar a realidade (Bernardino-Costa, Maldonado-Torres e Grosfoguel, 2018, p.9).

No contexto específico em que me insiro, através das posições que ocupo tanto enquanto docente como enquanto profissional da psicologia, a decolonialidade tem sido minha referência de posicionamento frente minha prática profissional e meu trabalho como pesquisador. Tenho experimentado os desafios e tensionamentos imanentes à assunção dessa perspectiva, pela natureza da crítica que organiza e

pela forma como mobiliza os afetos, em suas diferentes manifestações, na concretização de estratégias comprometidas com a decolonialidade do saber.

Em minha prática como docente formador de profissionais da psicologia, fui responsável pelo aprofundamento e inserção das discussões sobre marcadores sociais de diferença (raça, gênero, classe) no campo da psicologia na grade curricular do Projeto Pedagógico do Curso. Este movimento materializou-se num componente de 80h semestrais, ministrado no terceiro período da graduação, chamado “Relações Étnico-Raciais, Gênero e Classe em Psicologia”. No contexto deste componente, a questão da modernidade/colonialidade e das relações entre a constituição da hegemonia do pensamento cartesiano e os processos de colonização, genocídio e epistemicídio que ocorrem ao longo do século XVI, pautam a discussão sobre a natureza da violência colonial e sua institucionalização no campo das universidades ocidentalizadas (Grosfoguel, 2016) e, por conta disso, nos cursos de graduação em Psicologia.

Em função disso, vem sendo possível em meu trabalho problematizar a maneira como as pretensões universalistas das teorias psicológicas e das concepções de individualidade e humanidade que as orientam carregam em si componentes que reproduzem a subalternização, a inferiorização e a desumanização da maioria da população brasileira, que não reflete as referências eurocêntricas coloniais. É partindo destas discussões que introduzo a questão da decolonialidade do saber no campo da formação em Psicologia, buscando abordar quais são os interlocutores teóricos empregados na compreensão e explicação das experiências das pessoas e os fenômenos sociais que constituem nossas lentes de leitura e, o que podemos aprender sobre a psicologia enquanto campo de saberes e práticas ao perceber que grande partes destes referentes são produzidos em contextos diferentes, com/para populações diferentes, em diferentes posições na tessitura das diferentes formas de dominação que a articulação dos diversos eixos de opressão configuram na vida social.

Outro aspecto significativo que tem feito parte da minha trajetória na universidade onde leciono foi a aproximação com o Núcleo de Cultura Afro-Brasileira (Nucab). Com mais de 40 anos de história, o Nucab, enquanto movimento social de resistência negra sorocabana, representa um dos pilares fundamentais da história

da universidade. Como grande parte das entidades negras de resistência e de reexistência afrodiaspóricas, seu braço institucional sofre com os efeitos dos processos de silenciamento, apagamento e dissolução, marca registrada da modernidade/colonialidade (Grosfoguel, 2016).

Estes aspectos do meu percurso adquirem caráter significativo no processo de construção desta proposta de pesquisa, pois vão criando condições para que a diversidade de elementos que compõem minha história enquanto pessoa, em sua mais radical complexidade, pudessem fazer parte do modo como estou em processo de me constituir autor de uma estudo sobre as estratégias internas ao movimento (auto)biográfico brasileiro que buscaram responder à colonialidade do saber, ao racismo/sexismo epistêmico e aos epistemicídios, entendo ser a Escrivência um dispositivo possível para este processo.

2.2. Vozes afro-atlânticas, escritas afrodiaspóricas: autobiografias e memórias da escravidão e da liberdade

Rafael Domingos Oliveira, em seu livro *Vozes afro-atlânticas: autobiografias e memórias da escravidão e da liberdade* (Oliveira, 2022), me permitiu encontrar a indícios de uma tradição de pensamento que situa as contribuições que gostaria de estudar em diálogo com a abordagem biográfico-narrativa. Abaixo transcrevo um trecho longo da apresentação de sua obra, pois a provocação ali esboçada atravessou meu processo de pesquisa e de constituição enquanto pesquisador em formação na abordagem biográfico-narrativa. As palavras do autor:

Pense por alguns instantes naquilo que vem à mente quando lê ou ouve esta palavra, 'autobiografia'. Você já leu ou conhece alguma autobiografia? Quem a escreveu? Autobiografias sempre existiram? Se não, em quais contextos uma autobiografia pode surgir? Agora pense na palavra 'escravidão'. O que você conhece a respeito desse tema? Quais os tipos de experiências possíveis em uma sociedade escravista? Quais relações sociais são produzidas em um mundo fundado na escravização de seres humanos? Quando lançamos uma breve mirada ao repertório de autobiografias conhecidas, disponíveis em livrarias e bibliotecas, ou mesmo aquelas que se tornam best-sellers, notamos que geralmente foram escritas por pessoas 'ilustres', bem conhecidas, sujeitos que se destacam em suas áreas de atuação. Desde que o gênero autobiográfico passou a ganhar cada vez mais espaço entre as sociedades letradas do mundo ocidental - o que aconteceu, sobretudo, a partir do século XVIII - , ele foi utilizado largamente por políticos, figuras públicas e os chamados "heróis", isto é, indivíduos a quem se atribui uma importância imprescindível no desenvolvimento de certos eventos históricos. Essas publicações constituem, assim, uma determinada memória sobre esses eventos, são representações localizadas numa classe. Não é por outra razão que, ao longo do século XIX, reis, imperadores, juristas, homens

públicos, todos esses notáveis, produziram centenas e centenas de escritos sobre si próprios. Por isso mesmo, durante muito tempo parecia improvável que ‘autobiografia’ e ‘escravidão’ fossem palavras que compartilhassem espaço em uma mesma frase. Isso porque aprendemos nas instituições escolares, ou mesmo por meio do imaginário social, que as populações negras escravizadas, em função da própria condição desumana e exploratória a que estiveram submetidas, não puderam jamais escrever e inscrever suas perspectivas sobre a experiência da escravização. Você certamente já se deparou com ideias que associam o sujeito escravizado à força manual em detrimento da capacidade intelectual. Os exemplos disso estão difundidos em nossa cultura visual, cinematográfica, literária, escolar e nos mais variados âmbitos da vida social. Podemos mesmo afirmar que noções como essa ainda são operantes na atualização cotidiana do racismo. Ora, se homens e mulheres negros escravizados constituíam uma simples massa de desumanizados - como essas ideias insistem em apregoar - como puderam escrever? E mais, como puderam escrever autobiografias? (Oliveira, 2022, p.22).

Contrastando as representações tradicionais e limitadas das potencialidades e capacidades criativas das populações negras em seus modos de resistir e reexistir, o autor destaca a significativa quantidade de escritos no campo da história e da sociologia que, dedicados à compreensão da escravidão e do papel que desempenhou “a sistemática escravização de africanos e seus descendentes que se inicia massivamente no século XVI, e se estende oficialmente até fins do século XIX” (Oliveira, 2022, p.22) na constituição da modernidade, valorizam documentos e registros (auto)biográficos produzidos por pessoas negras escravizadas na reconstrução de nossa compreensão da modernidade e da barbárie que o processo civilizatório colonial levado a cabo por países da Europa Ocidental constituiu na história dos últimos séculos (Oliveira, 2022).

O material analisado pelo autor é constituído fundamentalmente por textos escritos entre 1770 e 1890 por pessoas escravizadas situadas na América do Norte. Estas produções autobiográficas registram o horror constitutivo do cotidiano de uma sociedade escravocrata e como ele atravessa a constituição da subjetividade das pessoas submetidas a suas formas sistemáticas de violência e opressão (Oliveira, 2022). Estes textos também representam registros que inscrevem na história da escravização moderna a importância do protagonismo destas pessoas com o ato de registrar suas histórias através da escrita, publicizando o custo bárbaro que o projeto civilizatório colonial impôs às populações africanas de ascendência negro-africanas (Bernardino-Costa, Maldonado-Torres e Grosfoguel, 2019; Domingues, 2022; Fanon, 2022; Grosfoguel, 2016).

O autor ressalta que, embora não haja registros da publicação de textos dessa natureza em território brasileiro, é plausível que modalidades de escrita de si estivessem presentes entre a população negra, compondo parte de seus recursos de resistência e reexistência frente à violência da sociedade escravocrata e sua continuidade no pós-abolição (Oliveira, 2022).

Oliveira situa seu trabalho no campo da historiografia da escravidão moderno alinhado às pesquisas interessadas no “modo como a vida pessoal e as subjetividades foram reelaboradas perante a estruturação e a desagregação da escravidão” (Oliveira, 2022, p.32). Na contramão das tendências que esboçavam uma representação passiva e fatalista, subjugada, da população negra escravizada, seu trabalho faz coro à desconstrução desses estereótipos levada a cabo por pesquisas onde o objetivo é mostrar que “os sujeitos escravizados não foram socialmente mortos: eles agiam, negociavam, rebelavam-se e sabiam a hora de falar mais baixo ou mais alto para assegurar sua existência em condições melhores do que aquelas que lhe eram impostas” (Oliveira, 2022, p.32). Estudos que representam na historiografia um trabalho que tem como desafio buscar, “com cuidado, narrativas antes silenciadas e nem sempre à vista”, pesquisas interessadas, no campo da historiografia, o interesse pela “agência daqueles que viram e experienciaram a história a partir de baixo, uma longa tradição com muito sucesso nos centros de pesquisa mundiais” (Oliveira, 2022, p.33).

Ao resgatar a importância de ampliarmos nossa concepção acerca do que seriam documentos passíveis de serem considerados como registros (auto)biográficos indicada por Souza e Souza (2014?) em sua localização teórico-histórica da autobiografia através dos processos de genealogia das escritas de si, é fundamental colocar para o campo do movimento (auto)biográfico brasileiro as consequências, para a constituição das subjetividades das pessoas negras brasileiras e para a memória coletiva nacional, a destruição de um conjunto significativo de documentos oficiais sobre a escravidão. Oliveira cita o acontecimento na narrativa da construção de seu estudo:

Motivado por anseios semelhantes [aos dos centros de pesquisas mundiais mencionados acima], tive contato com um conjunto de autobiografias escritas por escravizados e egressos da escravidão em fins do século XVIII e ao longo do século XIX. Documentos que eu desconhecia, tendo em vista que até então partilhava da arraigada noção de ausência de textos em primeira pessoa escritos por escravizados. A ideia é bastante conhecida: em razão das próprias condições, escravizados não

teriam produzido documentos escritos e não teriam sido alfabetizados – ou o foram com pouca recorrência. No Brasil, ocorreu ainda o incêndio de um arquivo com documentos relativos à escravidão – o crime está na conta de Rui Barbosa. O que restou estaria no âmbito da “cultura”, do não escrito, da dança, dos gestos, das religiões, do imaterial. E esses são temas bastante analisados pela historiografia. Mas a realidade, como parecem atestar as narrativas de escravizados, é um pouco mais complexa. Ou como poderíamos explicar a publicação de mais de duas centenas de autobiografias de mulheres e homens negros escravizados? (Oliveira, 2022, p.33-34).

Ainda nas palavras do autor:

As memórias e autobiografias em questão foram escritas e publicadas por sujeitos que vivenciaram a escravidão nos Estados Unidos e/ou circularam pelo Atlântico Norte – entre Caribe, Grã-Bretanha e Estados Unidos. Tendo vivido momentos cruciais da vida nos diferentes estados sulistas, [...] essas mulheres e homens possuíram trajetórias compartilhadas, mas também particularidades. Suas terras de origem, o tempo de cativeiro, as formas pelas quais se tornaram livres ou não e os objetivos pelos quais escreveram suas memórias diferem, o que evidencia a amplitude que a escravidão alcançou nas sociedades do período. [...] Situo, no entanto, essas publicações como produções afro-atlânticas, uma vez que não só circularam além dos limites geográficos estadunidenses, como expressaram, de algum modo, saídas diferentes para processos comuns a toda a América (Oliveira, 2022, p.35).

Sobre os temas em torno dos quais se articulavam essas produções, o autor diz o seguinte:

Ao longo da leitura dos documentos e da bibliografia sobre o tema, o abolicionismo apareceu como questão primordial. Ora porque incentivava a publicação das autobiografias, ora porque as utilizava como propaganda e material de divulgação. Dessa maneira, procurei seguir na medida do possível os indícios do próprio movimento abolicionista organizado, em sua relação direta com os textos. Toda via, a história das autobiografias de escravizados não se resume à sua relação com o abolicionismo; mais que isso, ela expressa estratégias contingentes lançadas para escapar do cativeiro, para atribuir às trajetórias pessoais um significado histórico e para se fazer conhecer além dos contornos da escravidão (Oliveira, 2022, p.35).

A complexidade da experiência das pessoas negras na América Latina ao longo da história se constituiu num campo de pesquisas que reúne interessados de diversas origens, tendo os estudos desenvolvidos neste campo colocado em destaque as batalhas enfrentadas pelas populações negras para viver em países onde direitos básicos e o reconhecimento de sua humanidade lhes são sistemática e reiteradamente negados (Fanon, 2022; Faustino, 2022; Rocha e Bezerra, 2015). A ênfase no campo da experiência latino-americana, a crítica às tendências universalistas do pensamento eurocentrado e à desqualificação ontológica e epistemológica do projeto moderno/colonial marcar distinções importantes entre o pensamento decolonial e o pensamento pós-colonial (Faustino, 2022).

Os processos de apagamento, silenciamento, branqueamento e genocídio estão diretamente relacionados aos modos como as sociedades latino-americanas

lidaram com a questão da negritude (Bento, 2002; Faustino, 2022; Rocha e Bezerra, 2015). Resquícios do colonialismo escravocrata, estas estratégias de negação sistemática da humanidade das populações negras persiste como traço distintivo destas sociedades, com destaque para as características específicas da sociedade brasileira, uma sociedade multirracial (Bento, 2002; Faustino, 2022; Rocha e Bezerra, 2015).

O racismo científico foi importante para a consolidação, aprofundamento e legitimação do processo colonial, reforçando as hierarquias raciais e as estruturas discriminatórias, em busca de elevar os países latino-americanos à condição de civilizados e modernos, tendo como referência padrões originários da Europa Ocidental (Martins, Santos e Schucman, 2012; Rocha e Bezerra, 2015). A miscigenação da população passou por diferentes formas de representação social nos projetos de constituição da identidade nacional, mas sempre com o traço distintivo de excluir ou mitigar a participação da população negra e suas contribuições para a construção das sociedades latino-americanas (Rocha e Bezerra, 2015).

Buscando resistir e enfrentar este movimento de invisibilização, estudos que se debruçam sobre as diferentes estratégias que pessoas africanas e descendentes de africanas na diáspora têm desenvolvido para reexistir frente ao sistemático processo de inferiorização, desumanização, subalternização e genocídio com que têm sido confrontadas na América Latina e no Brasil vêm tornando-se cada vez mais necessários (Rocha e Bezerra, 2015). A obra organizada pelos autores reúne recortes da longa história das populações negras na América Latina em circunstâncias e períodos diferentes, com objetivo de trazer para o debate as estratégias desenvolvidas pelas pessoas negras para sobreviver, resistir e reexistir nas condições historicamente construídas nestes contextos:

[...] as runaway slaves through the official documentation denouncing the illegality of those who resisted captivity; through the memoirs of a slave who still dreams of his homeland; reflections on the status of black women; the demands for citizenship and kinship from black immigrants; the fantasies of Blacks in the United States about the lives of Blacks in Brazil; a case of those who returned to Africa and there had to build a new identity based on their experiences as slaves; and the abstract representations of race and colour in the Caribbean. All to give the reader a glimpse of complex phenomena that, though they cannot be generalized in a single definition of blackness in Latin America, share one common element, which is the fate of living in societies where the definition of blackness is quite flexible, there are no laws of racial segregation, and where the culture is such that on one hand it tolerates

miscegenation, and on the other denies full recognition of rights to Blacks (Rocha e Bezerra, 2015).

Segundo Duarte (2020), a condição de subjugamento, a violência colonial e a redução do corpo a negro à condição de força de trabalho passível de descarte e submissão na sociedade escravocrata constituem o lugar de enunciação da escrita produzida por pessoas negras. Nas palavras do autor:

[...] ao falar, o escravizado quase sempre falava em primeiro lugar da sua dor, obviamente de sua condição de homem ou mulher cuja humanidade havia sido sequestrada. Talvez por esse caminho se possam encontrar justificativas para o predomínio do registro autobiográfico – seja como denúncia alicerçada na evidência histórica, seja como artifício retórico de convencimento calcado na brutalidade revelada por quem a sofreu (Duarte, 2020, p.78).

Textos produzidos por pessoas negras, tendo ou não caráter autobiográfico, sempre foram produzidos, muitos ganharam circulação e foram publicados, exercendo influência significativa nos movimentos que reivindicavam o fim do regime escravocrata na Inglaterra, por exemplo, onde foi publicada a primeira narrativa que se conhece sobre o tema, em 1789 (Duarte, 2020). Desde então essa produção se consolida, se diversifica e, no Brasil, adquire contornos semelhantes, "sobretudo a partir da década de 1930, com a arregimentação liderada pela Frente Negra Brasileira; e nos anos 40 e seguintes, com o prosseguimento da mobilização e a criação do Teatro Experimental do Negro, dirigido por Abdias Nascimento" (Duarte, 2020, p.78).

A mão e a mente afro-brasileiras se integram à tradição de literatura negra ocidental, de que são exemplos a Renascença do Harlem estadunidense, dos anos 20, a Negritude francófona dos anos 30 e seguintes, [...] o Teatro Experimental do Negro, dos anos 40 e 50 no Brasil, até chegar aos coletivos literários antirracistas, que ganham visibilidade ao longo do processo de redemocratização brasileira a partir da década de 80 (Duarte, 2020, p.80).

No final da década de 1970 foi criado o coletivo antirracista *Quilombhoje Literatura*, responsável pela organização dos *Cadernos Negros* - publicação ativa desde 1978 - , que enquanto afirmação de que "o quilombo literário de agora resiste tendo nas mãos o livro - utopia da palavra poética como instrumento de identificação, a inquietar mentes e corações no processo de construção de mesmos enquanto negros" (Duarte, 2020, p.80). É nos 1990, nestes *Cadernos Negros*, em sua edição de número 13, que Conceição Evaristo vai publicar pela primeira vez seus poemas (Duarte, 2020, p.80).

[...] a escrita afrodiaspórica percorre o Atlântico Negro de norte a sul, empenhada no resgate da memória silenciada pelo discurso hegemônico. Resgate que leva à

persistente construção de uma narrativa outra, dissidente, que atravessa o tempo e se constitui ela própria como lugar de memória, pois assume a perspectiva do sujeito historicamente silenciado e estigmatizado como Outro. No Brasil, temos o gesto disruptor de Maria Firmina dos Reis, que, em 1859, faz do romance documento capaz de inscrever a África como espaço de civilização e o navio negreiro como de sacrifício e sepultura. [...] recolhe a memória da escravização e, com isto, inaugura o arquivo romanesco das fala afro-brasileiras femininas que irão se contrapor à razão negra ocidental, dentro da arena discursiva em que se edificam as metanarrativas de país, povo e nação (Duarte, 2020, p.81).

O autor destaca os desdobramentos do gesto de Maria Firmina dos Reis, indicando as trilhas seguidas pelo desenvolvimento desta tradição no contexto brasileiro:

A vertente inaugurada por Firmina terá sequência, em seus diversos matizes, na prosa afrodescendente posterior: passa por Cruz e Souza e a figura do emparedamento - verdadeira morte social do sujeito negro; por Lima Barreto e a denúncia das novas formas de escravatura [...]; em 1915, se manifesta na narrativa de Nascimento de Moraes, com sua crônica da violência racista, antes e depois de 1888. E, avançando no século XX, marca presença nos romances de Romeu Cruz e Anajá Caetano; [...] no teatro quilombista de Abdias Nascimento; [...] no memorialismo poético-crítico de Carolina Maria de Jesus, até desaguar com força na ficção contemporânea (Duarte, 2020, p.82).

No contexto da produção artística e criativa de formas de resistência e reexistência, a literatura produzida por mulheres negras representa uma força significativa em termos de potencialidades capazes de informar processos de ressignificação e reconfiguração epistemológica da produção de conhecimento sobre a modernidade/colonialidade (Fonseca, 2020). Atualizam em sua criação conto e canto próprios da tradição africana, em torno dos quais comunidades de pessoas descendentes de africanos escravizados buscam ressignificar a violência da sociedade colonial e construir possibilidades existenciais coletivamente articuladas em torno da emancipação e da superação da opressão (Fonseca, 2020).

2.3. A Escrivivência

No Brasil contemporâneo, a literatura negra se consolidou como um campo de produção intelectual e artística essencial para compreender as relações raciais, a subjetividade negra e as disputas por representatividade. Como apontam Felisberto e Miranda (2023), essa literatura se estrutura a partir de uma rede de autores e

autoras comprometidos com a experiência negra no país, bem como de uma comunidade interpretativa que articula leitores antirracistas e um público negro em busca de identificação e reconhecimento nas narrativas. A institucionalização dessa produção no currículo escolar, amparada pela Lei 10.639/2003, bem como a ampliação do espaço acadêmico dedicado à crítica e ao estudo da autoria negra, indicam uma inflexão histórica no modo como a literatura brasileira tem sido pensada e escrita (Felisberto e Miranda, 2023).

A escrita negra no Brasil se manifesta em uma diversidade de gêneros, como romance, poesia, conto, crônica e dramaturgia, além de estabelecer conexões com a oralidade, elemento central das tradições afrodiaspóricas, para além de refletir a pluralidade de vivências e identidades negras. De acordo com Felisberto e Miranda (2023), essa produção não pode ser reduzida a um mero instrumento de denúncia ou protesto contra o racismo, pois ela também inscreve experiências de afetividade, desejo, imaginação e cotidianidade, muitas vezes recorrendo a estratégias discursivas como a ironia, o humor e a experimentação estética.

O reconhecimento da literatura negra no Brasil envolve um embate direto com a história da crítica literária e do próprio conceito de literatura nacional. Como demonstram Felisberto e Miranda (2023), os primeiros estudos que trataram da escrita negra foram conduzidos por brasilianistas como Roger Bastide e Raymond Sayers, que a leram sob um viés sociológico, sem considerar as especificidades da autoria negra e sua construção poética e discursiva. Apenas a partir dos anos 1980, pesquisadores brasileiros como Zilá Bernd começaram a estruturar um campo crítico que reconhecesse a subjetividade negra como um eixo central da escrita (Felisberto e Miranda, 2023).

Diversas nomenclaturas têm sido utilizadas para definir essa produção. Eduardo de Assis Duarte propõe o conceito de “literatura afrodescendente”, sustentado por cinco pilares: a presença de uma temática negra, a autoria negra, um ponto de vista negro, uma linguagem específica e um público afrodescendente. Já Cuti prefere a expressão “literatura negro-brasileira”, enfatizando a necessidade de inscrever a autoria negra na historiografia literária brasileira sem reduzi-la a um mero apêndice da literatura africana. A terminologia “literatura afro-brasileira”, por sua vez, tem sido amplamente utilizada nos meios midiáticos e educacionais, aproximando a

literatura negra brasileira de um universo afrodiaspórico mais amplo (Felisberto e Miranda, 2023).

Nesse contexto, a *Escrevivência* se configura como um conceito fundamental para pensar a escrita negra, especialmente no que tange à relação entre literatura, subjetividade e memória. Concebida por Conceição Evaristo, a Escrevivência nasce da necessidade de deslocar a oralidade para a escrita, conferindo às experiências negras – especialmente às vivências de mulheres negras – um espaço de inscrição e reconhecimento. Como afirmam Felisberto e Miranda (2023), a Escrevivência se estrutura em um tripé que articula sujeito, experiência e escrita, inaugurando novos parâmetros de leitura e pesquisa literária. Mais do que um conceito teórico, a Escrevivência é uma prática discursiva que desafia os limites entre ficção e autobiografia, literatura e testemunho, expandindo as fronteiras do que pode ser narrado e legitimado como produção de conhecimento.

Abordagens que valorizam a subjetividade e a trajetória dos sujeitos como elementos centrais da produção de conhecimento encontram na literatura negra um campo fértil para pensar as relações entre identidade, oralidade e formação. Como apontam Felisberto e Miranda (2023), a literatura negra questiona os limites da historiografia literária tradicional e propõe outras formas de transmissão de saberes, frequentemente ancoradas na experiência e no pertencimento comunitário.

A escrita de mulheres negras tem sido um dos principais vetores dessa reconfiguração epistemológica. A partir do conceito de “literatura afro-feminina”, a escritora Miriam Alves evidencia como a escrita de mulheres negras opera como um movimento de resistência e subversão das imagens estereotipadas que historicamente marcaram a representação da mulher negra na literatura e na cultura brasileira (Felisberto e Miranda, 2023). Essa produção não apenas reivindica a presença negra no campo literário, mas também inaugura novas possibilidades narrativas, inscrevendo na literatura um repertório de vivências que desafiam os cânones e deslocam as fronteiras do conhecimento (Felisberto e Miranda, 2023).

Ao reconhecer a literatura negra como um campo de disputa simbólica, Felisberto e Miranda (2023) destacam que essa produção desafia a própria ideia de identidade nacional, revelando como a literatura brasileira, historicamente, tem sido marcada pela hegemonia branca. Esse processo de apagamento e silenciamento remonta à estruturação do Brasil pós-abolição, que investiu no embranquecimento

das narrativas nacionais, excluindo a autoria negra de seus registros históricos e acadêmicos.

A resistência a esse silenciamento se manifesta na reconstrução de uma tradição afrodiaspórica da escrita, que se expressa tanto na valorização de autores historicamente marginalizados – como Maria Firmina dos Reis, Machado de Assis, Lima Barreto e Carolina Maria de Jesus – quanto na produção contemporânea de escritoras e escritores negros que ressignificam a literatura brasileira (Felisberto e Miranda, 2023). Projetos como os **Cadernos Negros**, organizados pelo coletivo Quilombhoje desde 1978, e plataformas digitais como o portal Literafro, vinculado à Universidade Federal de Minas Gerais, têm desempenhado um papel central na consolidação de um espaço de circulação e reconhecimento da literatura negra.

A tradição da escrita afrodiaspórica, assim, não se reduz a uma simples continuidade histórica, mas se reinventa constantemente a partir das experiências e vozes negras que encontram na literatura um espaço de significação e resistência. Como afirmam Felisberto e Miranda (2023), a literatura negra brasileira inventa novas formas de existência e pensamento, conectando o passado e a ancestralidade às lutas do presente. Nesse sentido, a *Escrevivência*, enquanto prática literária e epistemológica, se alinha às abordagens biográfico-narrativas na pesquisa em Educação, permitindo que outras histórias e outras vozes se inscrevam no campo do conhecimento.

A literatura negra, e em particular a *Escrevivência*, oferece um arcabouço teórico e metodológico potente para pensar a relação entre subjetividade, memória e produção de conhecimento. Ao articular experiência e narrativa, a *Escrevivência* se aproxima das abordagens biográfico-narrativas, permitindo que a escrita negra seja compreendida não apenas como um campo artístico, mas também como um espaço de enunciação política e pedagógica. Como argumentam Felisberto e Miranda (2023), a literatura negra rompe com os silenciamentos impostos pela tradição crítica hegemônica, afirmando outras formas de existência e outros modos de narrar o mundo. Essa produção não apenas reconfigura o campo da literatura brasileira, mas também contribui para a construção de epistemologias negras que desafiam as hierarquias do saber e afirmam a potência das histórias que, por muito tempo, foram relegadas ao esquecimento.

Em sua tese de doutoramento, Conceição Evaristo (Brito, 2011) chama a atenção para o uso da palavra poética por populações e pessoas que tiveram suas vidas dilaceradas pelo processo de colonização, para quem “o poema torna-se um lugar de transgressão. Pela criação poética pode ser dada uma nova autoria, assim como outra interpretação da história a um relato que anteriormente, só trazia o selo do colonizador” (Brito, 2011, p.7-9).

O mundo encontra uma possibilidade de ser narrado na palavra poética. Não apenas de ser narrado, mas de ser tornado outro: (re/des)feito de/em destino em/ou projeto. A palavra poética entrega ao mundo a possibilidade de vir-a-ser. Nesta possibilidade, a palavra poética revela também uma insatisfação com as coisas como estão, com o mundo como se manifesta no presente. Essa dimensão da palavra poética se radicaliza a tal ponto em determinadas situações, que vozes das pessoas que dela fazem uso, dela se apropriam e através dela se fazem/tornam visíveis, são sistematicamente silenciadas, ignoradas, negadas em sua existência. Mas toda pessoa, toda coletividade, todos os sujeitos, individuais e coletivos, “têm direito ao seu autoproclamamento, têm direito de contar/cantar a sua própria história” (Brito, 2011, p.7-9). Duarte (2020, p.82) destaca que é possível identificar “traços da escrita de si figuram de forma latente [...] em inúmeros textos da prosa afro-brasileira” (Duarte, 2020, p.82).

Dessa maneira, a literatura africana e afro-brasileira, particularmente aquela criadas por mulheres negras, representam uma tendência observável de afinidade com princípios das lutas anticoloniais que atravessaram o desenvolvimento da modernidade. As produções literárias que podem ser articuladas sob estas denominações, aos se apropriarem da escrita e da palavra poética, posicionam-se de forma a resistir à ordem colonial que inferioriza, desumaniza, menospreza e assassina. Uma literatura de resistência para criar condições de reexistência:

Optar por um fazer poético que se opõe ao discurso do poder estabelecido é, de certa forma, assegurar o direito à fala, pois, por meio da poesia, ocupa-se um lugar vazio, fazem-se ouvir novas vozes, novos modos e conteúdos discursivos, representativos daqueles, muitas vezes, silenciados pelo poder. [...] Recorrendo à poesia oral, fundamento das culturas tradicionais africanas, poetas, contistas, romancistas, ensaístas e teatrólogos comprometidos com as lutas anticoloniais, não só alicerçaram o momento de formação das literaturas nacionais, como também lideraram as lutas de independência política das nações que surgiam. A poesia se constituía como uma estratégia de luta, tornando-se um dos lugares de confronto entre colonizados e colonizadores. [...] O texto se tornava um espaço de enfrentamento pelo conteúdo, pelo projeto de escrita ao qual ele estava filiado e pelo leitor virtual ao qual ele se

dirigia, isto é, ao povo. O texto se impunha como palavra(ação). Assim, escrever, segundo os ideais revolucionários, era agir contra a ordem colonizadora (Brito, 2011, p.7-9).

Dentre a diversidade de exemplos de autorias que de diferentes maneiras exemplificam este tipo de uso e de compromisso com a escrita, de relação com a palavra poética e com a literatura em sentido mais amplo, optei por me dedicar à estudar e à compreender a obra de Conceição Evaristo, particularmente o conceito de *Escrevivência*, como um recurso criado no contexto deste modo de compreensão, de relação com e de uso da palavra, da escrita, da literatura, que implica envolver-se com ela e dela fazer emergirem estratégias de enfrentamento e de descolonização das formas de grafar a vida, das formas de se relacionar com as pessoas, das formas de afetar e ser afetado pelo mundo, das formas de conhecer, compreender e amar, para poder, então formar pessoas comprometidas com a necessidade fundamental de negociação de outros futuros possíveis, o que, necessariamente, passa pela Educação.

"(...) eu não nasci rodeada de livros, eu nasci rodeada de palavras. Eu não tenho a menor dúvida que a minha competência para escrita, ela foi forjada, ela foi formada nas oportunidades que eu tive de escutar. Escutar para mim foi essencial. (...) [O] encantamento pelas palavras, pelo som da palavra, pelo significado da palavra, (...) está na base do meu texto. Se eu pudesse pegar a palavra, o som da palavra, a palavra dita e traduzir isso da forma mais fiel possível para escrita, eu faria e eu queria realmente transportar essa riqueza da oralidade para escrita. Mas a oralidade, justamente, a oralidade tem isso que a escrita não tem, que é o corpo, né? É o gesto, é o olhar, é o movimento. Então, ser criado no meio disso tudo, né? Essa contação de história. Meu tio contava uma história e, quando o personagem morria, meu tio se jogava no chão. Tem um gesto da minha mãe, um gesto que está ligado à oralidade, que eu gostaria muito de traduzir. Por exemplo, se eu perguntasse para minha mãe hoje, né? Agora, mãe, o que a senhora está achando, por exemplo, da saúde no Brasil hoje? Ela simplesmente responderia assim, "hum", "hum". Olha, como traduzir isso para escrita? E o que ela disse aí? Ela disse nesse "hum", coisa que nós levaríamos horas para tentar traduzir isso em discurso. Então, ter essa experiência com a oralidade para mim foi muito significativa. E eu não quero perder isso, né? E quero transportar isso para a escrita o mais possível, né?" (Evaristo, 2021).

Foi na obra *Escrevivência: a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*, publicada em 2020, organizada por Constância Lima Duarte e Isabella Rosado Nunes (Duarte e Nunes, 2020), que encontrei o conjunto de contribuições que consolidaram minha opção pelo conceito de *Escrevivência* enquanto articulador da proposta de pesquisa que apresento. Encontrei nesta coletânea de textos o conjunto de recursos que me permitiu colocar a questão sobre

as possibilidades de diálogo entre o conceito de Escrivivência e a abordagem biográfico-narrativa.

Os textos reunidos nesta coletânea foram fundamentais para minha compreensão inicial do conceito de Escrivivência (Evaristo, 2020a; 2020b), permitindo situá-lo, assim como a obra de Conceição Evaristo, dentro de uma tradição de escrita que remonta ao século XVIII (Duarte, 2020; Oliveira, 2022). Esse percurso histórico coincide com a formulação dos romances de formação alemães, que se tornariam referência para as concepções sobre o papel formativo da escrita autobiográfica na modernidade (Delory-Momberger, 2011; Souza e Souza, 2015; Souza e Passeggi, 2018). Além disso, os textos me proporcionaram contato com experiências que exploram a Escrivivência não apenas como um conceito filosófico sobre o ato da escrita, mas também como um operador teórico-metodológico capaz de orientar a escrita acadêmica e a produção de conhecimento (Fonseca, 2020; Borges, 2020; Felisberto, 2020).

Eduardo Assis Duarte (2020) sugere a possibilidade de posicionarmos o projeto estético-ideológico intrínseco à produção de Conceição Evaristo junto ao conjunto de vozes que tiram da invisibilidade e do silenciamento a condição das mulheres negras que sobrevivem e reexistem nas condições em que se encontram as populações afrodiaspóricas no Brasil, “num país governado pela hegemonia dos valores brancocêntricos, herdados de três séculos e meio de escravidão” (Duarte, 2020, p.83). Etnicidade, sororidade e maternagem são constitutivas do território feminino de onde se levantam as vozes e a especificidade, do discurso e do olhar, configurados na obra de Conceição Evaristo (Duarte, 2022, p.83-84).

Segundo Fonseca (2022, p.61):

[...] desde o momento em que usou o termo “Escrivivência” pela primeira vez, [Conceição Evaristo] quis estabelecer uma intrínseca relação entre o ato de escrever literatura e a intenção de assumir o que foi vivenciado por negros e negras ao longo da história do Brasil. Essa intenção perpassa a obra poética e ficcional da escritora, motivando a recolha de lembranças da vida vivida junto com a sua família, das quais emergem os desenhos feitos pela mãe, no chão de terra batida dos becos da favela em que moravam, e as muitas histórias ouvidas da própria mãe, da tia e de mulheres que costuravam a rotina de trabalhos com os fios da imaginação. A escrita de Evaristo bebe, pois, na rica fonte da oralidade, em falas e gestos que preparam o escrever. Ao mergulhar no universo de vivências e experiências vividas, sobretudo, por mulheres que cuidam do sustento dos filhos, do reforço ao ganho pouco dos homens, quase sempre envolvidos com ocupações extenuantes, provisórias e mal remuneradas, a escritora vasculha histórias de vidas marcadas pela exclusão e pela invisibilidade. [...] está consciente de que sua literatura é um espaço que acolhe os relatos de vidas marcadas pela escravidão ou pelas agruras dela decorrentes. Essas

experiências são recuperadas por estratégias que instalam, no ato de escrever, as emoções do experienciar e do viver (Fonseca, 2020, p.61).

Foi a partir da leitura dos textos presentes nesta obra que puder compreender a urdidura que a obra de Conceição Evaristo cria entre "história não-oficial, memória individual e coletiva com invenção literária", ao assumir, em consonância com toda uma tradição literária negra produzida na diáspora, o compromisso de fazer uso da palavra "por si e por seus irmãos de cor, historicamente emudecidos por sua condição de remanescentes da escravidão" (Duarte, 2018, p.212 apud Fonseca, 2020, p.65).

Seguindo essa tradição, a literatura de Evaristo se volta às memórias traumáticas e aos relatos de sobreviventes de processos de desumanização que se mostram persistentes na sociedade brasileira até os dias de hoje. Esse é o material que estaria na base do conceito de Escrivivência, tornando-o apto à reflexão sobre a produção literária de escritoras negras que, como Evaristo, assumem um lugar de fala que destoa do que se nutre do 'prazer meramente contemplativo' de que fala Walter Benjamin, e adotam uma atitude política que se concretiza na maneira como sua escrita literária procura vasculhar as vidas dos que lutam para sobreviver em condições intensamente desfavoráveis (Fonseca, 2006) (Fonseca, 2020, p.65).

Conceição Evaristo (2020) define a Escrivivência como uma forma de escrita marcada pela "vivência de nossa condição de pessoa brasileira de origem africana, uma nacionalidade hifenizada" (Evaristo, 2020, p.30), a partir da qual assume a enunciação de sua ancestralidade africana e resgata sua conexão "tanto com os povos africanos, como da diáspora africana" (Evaristo, 2020, p.30). A particularidade dessa condição imprime uma singularidade no modo como a autora experimenta sua nacionalidade, fazendo desta uma experiência que difere da "experiência de nacionalidade de sujeitos indígenas, ciganos, brancos etc." (Evaristo, 2020, p.30). Contudo, ainda assim, reconhece que a Escrivivência tem dado a origem a uma criação literária que, mesmo atravessada pela especificidade de sua afro-brasilidade, traz em seu bojo "um sentindo de universalidade humana" (Evaristo, 2020, p.31), capaz de mobilizar pessoas as mais diversas (Evaristo, 2020).

Em sua origem, a Escrivivência emerge como um ato de resistência e de reexistências de mulheres negras, voltado para a desconstrução da representação destas mulheres como escravas impotentes, que tiveram seus corpos e suas vozes sequestradas e postas sobre o jugo de "escravocratas, homens, mulheres e até crianças" (Evaristo, 2020, p.33). A partir da tomada da palavra escrita por estas mulheres, de sua apropriação dos signos gráficos e da escrita como valor, ainda que sem perder a proeminência da tradição africana da oralidade, a Escrivivência

representa este levante das mulheres negras frente ao silenciamento de suas vozes, da “potência de voz, de criação, de engenhosidade que a casa-grande soube escravizar para o deleite de seus filhos” (Evaristo, 2020, p.33). Nas palavras da autora, “se a voz de nossas ancestrais tinha rumos e funções demarcadas pela casa-grande, a nossa escrita não. Por isso afirmo: a nossa Escrivivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos (Evaristo, 2020, p. 33).

Assim, é possível compreender que a Escrivivência se configura como uma abordagem literária distinta das formas convencionais de narrativa autobiográfica (Evaristo, 2020, p.38). Transcende os limites da escrita de si centrada no “eu” ao incorporar elementos da história coletiva e da ancestralidade africana (Evaristo, 2020, p.38). Reflete uma consciência coletiva e uma identidade cultural compartilhada, enraizada na experiência de comunidades marginalizadas, especialmente nas esferas negras, femininas e pobres, onde o sujeito da ação não é apenas um indivíduo, mas também um representante de uma coletividade (Evaristo, 2020, p.38). A Escrivivência pode ser considerada, assim, um veículo para a expressão coletiva e a reivindicação de identidade dentro de uma sociedade marcada pela marginalização e opressão (Evaristo, 2020, p.38).

Ela é um ato de resistência, e eu acho que no nosso caso ainda, como essa escrita de mulheres negras, elas revelam, inclusive, ou elas buscam, inclusive, marcar ou explicitar uma trajetória histórica da comunidade negra, da comunidade afrodiáspórica, que a história como ciência despreza. Então, eu vejo essa escrita como um ato de resistência, inclusive como um ato de fundação, de nossa fundação, como pessoas, como sujeitos na nacionalidade brasileira. Essa literatura nos coloca muito mais dentro da nacionalidade brasileira que a própria ciência histórica (Evaristo, 2021).

A Escrivivência é muito mais do que uma simples criação literária: é um ato de cura, de resistência, de costura entre os fios da vida de um povo que sempre navegou entre as margens da história (Evaristo, 2020; Evaristo, 2021). Ao contrário da escrita de si, centrada no eu, a Escrivivência emerge das águas profundas da coletividade negra, das memórias que ecoam nas vozes ancestrais, nas dores compartilhadas, nos gestos de luta e sobrevivência (Evaristo, 2020; Evaristo, 2021). Cada palavra carrega em si o peso de séculos de opressão e a leveza de uma nova esperança, tecida pelas mãos daqueles que nunca deixaram de sonhar com um amanhã diferente (Evaristo, 2020; Evaristo, 2021). A escrita de Evaristo é o reflexo

de uma coletividade que, mesmo silenciada, se reinventa nas entrelinhas, preenchendo os espaços que a história oficial fez questão de deixar vazios (Evaristo, 2020; Evaristo, 2021).

A Escrivivência não é apenas uma forma de expressão: é a afirmação da existência negra como fonte de criação e reinvenção (Evaristo, 2020; Evaristo, 2021). Evaristo questiona a exclusão da experiência negra na literatura, mostrando que as narrativas brancas, que muitas vezes utilizam elementos das culturas negras, deixam de lado o poder que essas próprias culturas têm de contar suas próprias histórias (Evaristo, 2020; Evaristo, 2021). Ao reverter essa lógica, a Escrivivência transforma as vivências cotidianas do povo negro em matéria-prima essencial para a ficção (Evaristo, 2020; Evaristo, 2021). Não se trata de imitar o passado ou buscar validação em verdades históricas; trata-se de criar um novo tecido narrativo, onde as dores e as alegrias, os triunfos e as lutas do povo negro possam florescer com todo o seu vigor (Evaristo, 2020; Evaristo, 2021).

Mas a escrita de Evaristo não caminha sozinha; ela é moldada por uma profunda ligação com o coletivo (Evaristo, 2020; Evaristo, 2021). Cada palavra é como uma semente plantada no solo fértil da memória ancestral, carregando em si as raízes de um povo que, mesmo nas sombras, encontrou formas de florescer (Evaristo, 2020; Evaristo, 2021). A escrita negra, para Evaristo, não é um ato solitário, mas sim um reflexo de uma história compartilhada (Evaristo, 2020; Evaristo, 2021). Ela menciona sua formação em coletivos de escritores negros, onde a palavra era nutrida pela força da comunidade, pela troca de vivências, pela construção conjunta de um destino coletivo (Evaristo, 2020; Evaristo, 2021). A escrita não apenas narra a vida de um povo, mas contribui para seu fortalecimento, sua sobrevivência, sua permanência (Evaristo, 2020; Evaristo, 2021).

A Escrivivência é, assim, uma prática de resistência, mas também de resiliência (Evaristo, 2020; Evaristo, 2021). Não é apenas um grito contra a opressão, mas um canto que celebra a vida, que preserva as histórias esquecidas, que resgata as memórias sufocadas: é o ato de transformar dor em beleza, de fazer da palavra um escudo e uma espada, capaz de romper os muros do silêncio (Evaristo, 2020; Evaristo, 2021). O quilombo, para Evaristo, é mais do que um lugar físico; é um estado de espírito, é o espaço simbólico onde a coletividade se encontra, se reconhece e se fortalece (Evaristo, 2020; Evaristo, 2021). Escrever,

então, é aquilombar-se – é reunir-se, é resistir, é criar (Evaristo, 2020; Evaristo, 2021). Cada palavra é um gesto de resistência, uma forma de manter viva a chama da ancestralidade (Evaristo, 2020; Evaristo, 2021).

No âmago da Escrivivência está o lugar de inscrição da autoria (Evaristo, 2020; Evaristo, 2021). Conceição Evaristo diz que escreve a partir de dentro, de um lugar profundo de dor e subalternidade, mas também de força e resistência (Evaristo, 2020; Evaristo, 2021). Quando uma mulher negra escreve, sua voz ecoa das profundezas de uma história de exploração e opressão, mas também de cura e reinvenção. A autora branca, por outro lado, escreve de fora, de um lugar onde as dores da subalternidade são apenas uma observação distante. Não se trata de comparar ou julgar, mas de reconhecer que o lugar de onde a história é contada molda profundamente a narrativa (Evaristo, 2020; Evaristo, 2021). A escrita de Evaristo, enraizada na experiência negra, tem o poder de capturar a essência de uma vivência coletiva, transformando-a em palavra (Evaristo, 2020; Evaristo, 2021).

Essa escrita, no entanto, não é apenas uma expressão da mente; é também uma corporeidade, uma escrita que nasce do corpo, que carrega em si as marcas físicas e emocionais da opressão (Evaristo, 2020; Evaristo, 2021). O corpo negro, em toda sua complexidade, é o local de onde brotam as palavras de Evaristo (Evaristo, 2020; Evaristo, 2021). A mulher negra, ao escrever, faz de sua narrativa uma extensão de si mesma, uma forma de transformar a opressão que seu corpo sofreu em um ato de afirmação e criação (Evaristo, 2020; Evaristo, 2021). A escrita se torna uma dança, onde o corpo e a palavra se entrelaçam em um ritmo que resiste, que sobrevive (Evaristo, 2020; Evaristo, 2021).

Assim, o conceito de Escrivivência permite pensar numa corpo-política da enunciação, que sugere afinidades com a noção de corpo-política do conhecimento (Grosfoguel, 2014). A escrita de Evaristo é um ato político, uma forma de desafiar as estruturas que excluíram o povo negro da narrativa literária. Escrever é reivindicar o direito de contar sua própria história, de romper com as imagens estereotipadas impostas por outros. Resgata essas personagens do esquecimento, dá-lhes, dignidade, história. A escrita é uma forma de resistência, onde a mulher negra se coloca no centro da narrativa, desafiando o poder e a dominação (Evaristo, 2020; Evaristo, 2021).

Evaristo nos lembra que aquilombar-se é uma escolha: o gueto é imposto, é um lugar de confinamento e exclusão (Evaristo, 2020; Evaristo, 2021). O quilombo, ao contrário, é o lugar da escolha, o lugar onde a comunidade se encontra para resistir e criar novas formas de viver (Evaristo, 2020; Evaristo, 2021). Aquilombar-se é criar espaços de resistência, de fortalecimento, de reinvenção: é nessa escolha que a Escrivivência encontra sua força; é no ato de aquilombar-se, de se reunir em comunidade, que a escrita negra se transforma em uma tática de reexistência (Evaristo, 2020; Evaristo, 2021). Inspirada pelos mitos de Oxum e Iemanjá, é uma escrita que revela, dignifica e acolhe, que resgata o poder da palavra e a transforma em um espaço de cura e resistência (Evaristo, 2020; Evaristo, 2021).

Essa escrita, porém, vai além da resistência: é uma epistemopolítica de reexistência, uma forma de criar novos mundos, novos saberes, novas formas de ser (Evaristo, 2020; Evaristo, 2021). Ao escrever, Evaristo questiona as epistemologias tradicionais que excluem o saber negro e afirma o valor da experiência negra como uma fonte legítima de conhecimento (Evaristo, 2020; Evaristo, 2021). A Escrivivência é, assim, uma prática de reexistência: não se trata apenas de resistir à opressão, mas de criar novas formas de existir, de criar, de viver. A escrita de Evaristo torna-se um lugar onde novas histórias podem ser tecidas, onde a memória coletiva pode ser resgatada e recriada (Evaristo, 2020; Evaristo, 2021).

Fernanda Felisberto (2020), ao discutir a possibilidade de pensarmos a Escrivivência como dispositivo de produção escrita em/de trabalhos acadêmicos, trata o conceito de Escrivivência como um “[...] operador teórico [...] ganhando múltiplos sentidos dentro da academia, [...] em diálogo com diferentes intelectuais que têm a experiência do racismo como eixo central de suas produções [...], para refletir a prática em torno da escrita de mulheres negras e oriundas de camadas populares, e o impacto desse fazer em suas produções/vidas” (Felisberto, 2020, p.166).

Queiroz (2022) propõe uma metodologia de pesquisa afetiva inspirada na Escrivivência de Conceição Evaristo, que desafia as metodologias tradicionais baseadas na razão cartesiana. O artigo narra a experiência pessoal da autora ao escrever sua tese de doutorado, defendendo que a Escrivivência oferece um caminho alternativo de produção de conhecimento, pautado pela integração entre pesquisador e objeto de estudo, interdisciplinaridade e subjetividade. Queiroz

argumenta que esse método contra-hegemônico possibilita uma análise mais sensível e conectada às vivências e afetos, rompendo com as rigidezes das práticas acadêmicas coloniais (Queiroz, 2022).

Neste sentido, meu trabalho se soma ao esforço de reparação epistemológica que destaca a dimensão ensaística da produção de Conceição Evaristo sobre a escrita enquanto ato e a literatura de mulheres negras brasileiras enquanto espaço resistências e reexistências (Felisberto, 2020; Evaristo, 2020; Duarte, 2020; Borges, 2020). Dialogando com a obra de Conceição Evaristo desta maneira, compartilho da compreensão de suas contribuições que

alinha as teorias produzidas pela autora, em torno do ato da escrita e da literatura produzida por mulheres negras brasileiras, à polifonia de vozes que hoje fazem parte da leitura obrigatória, e de formação interseccional, de pesquisadoras e pesquisadores [:] bell hooks, Grada Kilomba, Patricia Hill Collins, [...] Gayatri Spivak e Gloria Anzaldúa, mais a constelação de mulheres negras brasileiras que, de dentro das distintas universidades do país estão consolidando, por diferentes vias, um processo de ativismo acadêmico, [...] espécie de reparação epistemológica, [...] fazendo de sua prática cotidiana de elaboração de currículos, aulas e orientações uma verdadeira ilha de edição, colocando em prática um processo de reparação que está no campo do capital intelectual (Felisberto, 2020, p.167).

Em consonância com a posição de Fernanda Felisberto (2020), entendo o conceito de “reparação” com base na definição de Grada Kilomba (2010). Nas palavras da autora, como citada por Felisberto (2020, p.167):

Reparação então significa a negociação do reconhecimento. O indivíduo negocia a realidade. Neste sentido, é o ato de reparação do mal causado pelo racismo através da mudança de estruturas, agendas, espaços, posições, dinâmicas, relações subjetivas, vocabulário, ou seja, através do abandono de privilégios (Kilomba, 2010, p.180 apud Felisberto, 2020, p.167).

A produção acadêmica de mulheres negras coloca a necessidade de mapeamento destas contribuições naquilo que possuem de disruptivo e insurgente em suas dimensões epistemológicas, metodológicas e ético-estético-corpo-geopolíticas (Felisberto, 2020; Bernardino-Costa, Maldonado-Torres e Gosfoguel, 2018). A urgência da identificação e compreensão destas criações é um dos desafios fundamentais no enfrentamento do racismo/sexismo epistêmico e do epistemicídio moderno/colonial vigente ainda hoje como colonialidade do saber (Felisberto, 2020; Grosfoguel, 2016; Maldonado-Torres, 2018).

3. FUNDAMENTOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O estudo qualitativo que apresento para apreciação é uma pesquisa secundária, de caráter analítico-descritivo. Encontrei em Hempel (2020) elementos específicos do tipo de investigação que realizei e que me auxiliaram a dar forma a esta minha produção escrita:

Uma revisão de literatura é uma visão geral da pesquisa disponível sobre um tema científico específico. Revisões de literatura resumem as pesquisas existentes para responder a uma questão de revisão, fornecer o contexto para novas pesquisas ou identificar lacunas importantes no corpo de literatura existente. (...) Revisões de literatura tradicionais, ou revisões narrativas, geralmente têm como objetivo oferecer uma visão geral ou uma introdução a um campo de pesquisa. (...) Revisões críticas não necessariamente procuram fornecer uma visão geral ou um resumo neutro da pesquisa existente; em vez disso, citam principalmente resultados de pesquisas para transmitir uma mensagem específica (Hempel, 2020, p. 3-4, tradução minha).

Neste trabalho, combino elementos das estratégias de revisão narrativa e de estudo crítico da literatura acadêmica. A revisão narrativa me ofereceu a possibilidade de compreender meu estudo como um caminho de interrogação sobre características específicas do processo de produção de conhecimento em abordagens biográfico-narrativas que adotaram o conceito de Escrivência como articulador teórico. A dimensão crítica da minha revisão encontra-se no tipo de descrição e análise que realizei destas pesquisas: usos enquanto operador epistemopolítico capaz de fazer frente à colonialidade do saber, ao racismo/sexismo epistêmico e o epistemicídio. Essas formas de dominação negam à população negra, e ao sujeito negro em particular, o reconhecimento como sujeito do conhecimento e como pessoa humana.

Hinton, Ostorga e Zúñiga (2021, p. 143, tradução minha) também ofereceram contribuições significativas para a consolidação do semblante desta pesquisa enquanto uma revisão crítica da literatura:

Uma revisão de literatura pode ser apresentada como um artigo independente ou como uma seção comum dentro de um trabalho mais extenso. Seu propósito é examinar pesquisas previamente publicadas sobre um tema específico. Nesse contexto, os estudos publicados são geralmente resumidos de forma breve e frequentemente explicados em relação uns aos outros, em um formato narrativo (Feak & Swales, 2009; Urquhart, 2011). A revisão de literatura organiza-se com o objetivo de avaliar ou explorar conceitos e ideias relevantes. Contudo, não é necessário que seja conduzida de maneira transparente, sistemática ou abrangente. Na verdade, revisões de literatura podem compor parte do argumento de um autor, referindo-se intencionalmente a pesquisas que, em termos gerais, tendem a apoiar as alegações e/ou os vieses do autor. Ao final de uma revisão de literatura, os resultados dos estudos analisados podem ser combinados de forma não

sistemática em conclusões gerais sobre o tema. Durante o processo de revisão por pares, conclusões inadequadas a respeito do que a literatura afirma podem ser identificadas, mas, mesmo nesse caso, a avaliação tende a considerar apenas a validade aparente, ou seja, se uma afirmação parece plausível em um primeiro olhar. Os autores têm ampla liberdade na forma de estruturar os estudos revisados.

Esses autores destacam potencialidades das formas de revisão de literatura que não se pretendem sistemáticas, reconhecendo seu valor e o papel que têm em formas outras de desenvolver o processo de produção de conhecimentos. A dimensão crítica do meu trabalho está relacionada aos argumentos que pretendo ilustrar e defender: a proposição de que o conceito de Escrivivência oferece recursos para a negação da negação da humanidade das pessoas negras enquanto sujeitos de conhecimento, enquanto autoras de suas próprias histórias e dos saberes coletivos ancestrais: como uma saída, uma abertura de caminhos outros para a produção de conhecimentos em Educação baseada num conjunto de ferramentas constituídas historicamente para o enfrentamento aos processos de epistemicídio, de silenciamento, de racismo/sexismo epistêmico. Com base nesta perspectiva, assumo a impossibilidade da neutralidade na produção de conhecimentos, sem com isso abrir do rigor metodológico na descrição da articulação dos processos implicados na escritura desta tese.

Diferente das revisões sistemáticas, que buscam exaustividade e padronização, a revisão narrativa crítica possibilita um olhar mais reflexivo e problematizador, permitindo a análise dos sentidos e das trajetórias conceituais que estruturam a relação entre Escrivivência e abordagens biográfico-narrativas na pesquisa em Educação. Essa escolha metodológica justifica-se pela necessidade de compreender não apenas como a Escrivivência tem sido empregada nesses estudos, mas também quais são suas implicações para a produção de conhecimento e a formação docente.

3.1 Produção de Informações

O mapeamento dos estudos para esta revisão foi conduzido na *Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD)*, plataforma que reúne produções acadêmicas de programas de pós-graduação de diversas universidades brasileiras. A busca foi realizada em 26 de janeiro de 2025, utilizando a seguinte string de

pesquisa: (*Pesquisa OR "Pesquisa-Formação" OR "Pesquisa-Vida-Formação"*) AND (*"Biográfica" OR "(Auto)Biográfica" OR "Narrativa"*) AND *Escrevivência* AND (*"Escrita de Si" OR "Escritas de Si"*) AND *Educação*. Esse conjunto de termos foi definido a partir de diversas tentativas de encontrar estudos que articulassem as abordagens biográfico-narrativas e a Escrevivência no campo da pesquisa em Educação. O recorte temporal passou por um processo de amadurecimento: Anteriormente cobrindo um período de 20 anos (2004-2024), na versão final deste estudo acabei por reduzi-lo, atendendo sugestão da banca na qualificação, para 5 anos (2020-2024), abrangendo cinco anos de produção acadêmica recente. O primeiro retorno da busca resultou em 48 ocorrências, triadas para garantir a pertinência dos estudos selecionados em relação ao objeto da minha investigação.

Na primeira etapa da filtragem apliquei um critério de exclusão relacionado ao contexto em que o estudo havia sido defendido, garantindo que apenas pesquisas desenvolvidas em Programas de Pós-Graduação em Educação. Esse procedimento levou à exclusão de 14 trabalhos que pertenciam a outras áreas do conhecimento, resultando em um primeiro refinamento da amostra para 34 estudos. Em seguida, empreguei um segundo critério de exclusão, visando restringir a seleção a pesquisas que apresentassem relação explícita com a formação e/ou o trabalho docente.

Fiz essa escolha metodológica pela centralidade do tema na pesquisa educacional orientada por abordagens biográfico-narrativas e pela própria constituição da Escrevivência como um conceito mobilizador de experiências formativas. Após essa filtragem, foram excluídos 13 estudos, restando 21 trabalhos que atendiam integralmente aos critérios estabelecidos, dos quais 14 eram dissertações e 7 eram teses. Abaixo encontra-se, na Figura.1, o fluxograma que sintetiza o percurso que realizei:

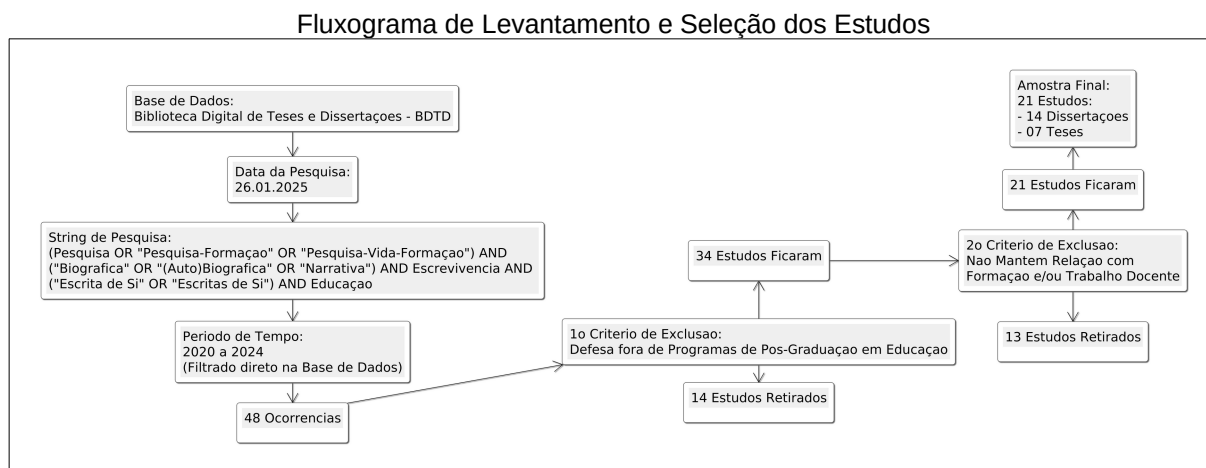


Figura.1 – Elaboração própria.

3.2 Procedimentos de Análise

O processo de análise das teses e dissertações seguiu quatro etapas principais. A primeira consistiu em uma leitura exploratória, na qual se buscou a familiarização com os textos e a sistematização de dados descritivos, como ano, região, sigla da instituição, tipo de documento, autoria, identidade de gênero, pertencimento étnico-racial, título e resumo. A partir destes dados, elaborei sínteses que articulam essas informações e oferecem um quadro geral da distribuição das pesquisas ao longo do tempo, do território nacional e das instituições. Organizei também um quadro que ilustra a distribuição de gênero e raça/etnia na autoria das teses e dissertações que analisei.

Num segundo momento, já mais dedicado ao conteúdo integral dos estudos, articulei quatro eixos analíticos: (a) os interlocutores do campo das abordagens biográfico-narrativas, com a identificação dos referenciais teóricos mobilizados nas pesquisas analisadas; (b) as justificativas para o emprego da Escrivência na pesquisa, identificando temas que aglutinam aspectos que motivaram sua escolha como operador teórico-metodológico ou epistemopolítico; (c) as contribuições da Escrivência para as abordagens biográfico-narrativas, buscando sintetizar os argumentos que apontam para as potencialidades desse conceito na pesquisa em Educação educacional; e (d) o tipo de uso da Escrivência, compreendendo suas diferentes funções dentro dos estudos, seja como técnica de produção de informação para análise, fundamento epistemopolítico da escrita da pesquisa.

No primeiro eixo de análise, essencialmente descritivo, levantei nas teses e dissertações as referências bibliográficas que indicavam as bases teóricas dessas pesquisas. Organizei quatro categorias para a distribuição das obras que aparecem nas teses e dissertações: (a) referências do campo biográfico-narrativo; (b) obras de Conceição Evaristo; (c) textos sobre a Escrivência e/ou sobre Conceição Evaristo; (e) referências afrodiáspóricas. Cada categoria organiza as referências em ordem decrescente de ocorrência nas teses e dissertações. Reuni para estas categorias as obras que apareceram ao menos em 2 das 21 pesquisas analisadas. Ao lado do número de ocorrências de cada referência, coloquei as porcentagens dessas ocorrências em relação ao total da amostra.

Trabalhando no segundo eixo da análise, sistematizei as justificativas apresentadas nos estudos para os usos da Escrivência nas investigações. Através do localizador de palavras do próprio leitor de PDF, busquei as ocorrências da palavra Escrivência em todas as teses e dissertações, mapeando possíveis argumentos para as justificativas. Esse procedimento não teve condições de ser exaustivo e minucioso da minha parte, porque o número de teses e dissertações é grande para um trabalho manual dessa natureza. Usando a inteligência artificial, fiz uma varredura nos arquivos das pesquisas, buscando identificar temas significativos vinculados à justificativas para os usos da Escrivência na pesquisa. O resultado da combinação destas duas estratégias gerou as categorias que organizam os temas que regem as escolhas pela Escrivência como operador teórico-metodológico e/ou epistemopolítico das pesquisas.

O terceiro eixo de análise, voltado para a identificação e síntese das contribuições da Escrivência para a pesquisa, tal como fiz com as justificativas, organizei e sistematizei seus principais aspectos, buscando evidenciar suas potencialidades metodológicas, principalmente epistemopolíticas.

No último eixo de análise, partindo das diferentes informações apresentadas até o momento, objetivei identificar e caracterizar os usos da Escrivência nas pesquisas. Trabalhei com duas categorias: “Operador Teórico-Metodológico”, quando o conceito era utilizado como estratégia de produção de informações para a investigação, e “Operador Epistemopolítico”, quando era utilizado como fundamento epistemológico e político da produção do conhecimento e da escrita da pesquisa. A concepção da Escrivência como um conceito que poderia ser utilizado na

produção acadêmica chegou até mim através do texto de Fernanda Felisberto, “A Escrivência como rota para a escrita acadêmica” (Felisberto, 2020), presente na coletânea organizada por Lima, Nunes e Rosado (2020). Foi neste texto que tive contato com uma elaboração do conceito já vinculado ao campo da produção acadêmica.

A diferenciação que procurei introduzir a partir das contribuições de Felisberto (2020) tem relação com as discussões a que tive acesso enquanto pesquisador do campo biográfico-narrativo, membro do NEPEN. No texto de Passeggi e Souza (2017) sobre a história do movimento (auto)biográfico, há indicações de diferentes modos de emprego da narrativa na produção do movimento: dentre eles, havia a diferenciação do uso da narrativa como forma de produção de dados e uso da narrativa para se fazer pesquisa narrativa, ou seja, a narrativa como opção epistemopolítica de produção de conhecimentos. Neste momento da tese, o que fiz foi um exercício semelhante, para compreender as potencialidades que estes usos poderiam trazer, principalmente no enfrentamento à colonialidade do saber, ao racismo/sexismo epistêmico e ao epistemicídio. Os estudos mapeados permitem encontrar diversas contribuições com diferentes exemplos destes usos, com variados níveis de elaboração e reflexão crítica sobre estes usos e suas implicações. Elaborei uma tabela indicando a distribuição dos tipos de uso da Escrivência que identifiquei nas pesquisas.

Em seguida, apresento uma síntese geral do que seria o uso enquanto “Operador Teórico-Metodológico” e o uso enquanto “Operador Epistemopolítico”. Por fim, discuto qual desses usos traz elementos mais diretamente relacionados aos processos de descolonização do saber e da produção de conhecimentos comprometida com o enfrentamento do epistemicídio e do racismo/sexismo epistêmico.

O fechamento deste último capítulo discute em conjunto as informações do mapeamento e dos eixos de análise, de maneira a possibilitar que os diferentes dados enriqueçam a interpretação dos achados e possam sustentar a tese que apresento aqui.

O percurso metodológico que assumi nesta revisão narrativa crítica permitiu um mapeamento significativo, mas não exaustivo, do uso da Escrivência em teses e dissertações. Criou condições também para uma análise de certa profundidade de

suas potencialidades teóricas e epistemológicas. Ao evidenciar os modos pelos quais a Escrivivência é mobilizada nas abordagens biográfico-narrativas, entendo que este estudo contribui para a ampliação do debate sobre escritas de si e de nós – ou formas implicadas de escrita, de grafar a vida – , pesquisa narrativa (auto)biográfica, seus desdobramentos para a formação docente e a construção de novas formas de produção de conhecimento no campo educacional.

Um aspecto que gostaria de tornar explícito aqui é que a Inteligência Artificial foi empregada como uma ferramenta de apoio para organizar os dados em tabelas, planilhas e gráficos, bem como para elaborar descrições objetivas de informações relevantes. Em cada uma dessas situações, meu envolvimento permaneceu ativo e crítico, revisando, fazendo correções, complementações e reescritas.

Integrar essa pequena declaração de uso da Inteligência Artificial à descrição dos procedimentos metodológicos reflete meu compromisso com a transparência e a honestidade intelectual na condução desta pesquisa. A narrativa que apresento aqui tem a intenção de registrar a contribuição desta ferramenta para o desenvolvimento deste estudo, em que me foi uma aliada operacional do trabalho criativo e analítico próprios dos processos de produção de conhecimento.

4. DIÁLOGOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS, ÉTICO-ESTÉTICOS E EPISTEMOPOLÍTICOS ENTRE ESCRIVÊNCIA E ABORDAGENS BIOGRÁFICO-NARRATIVAS NAS TESES E DISSERTAÇÕES

A Tabela 1 apresenta a caracterização dos 21 estudos selecionados após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão. Os trabalhos foram defendidos entre 2020 e 2024, sendo 14 dissertações e 7 teses, vinculadas a diferentes universidades brasileiras.

Nesta tabela, apresento algumas informações sobre a produção científica mapeada para esta revisão. Quis destacar a produção acadêmica em diferentes instituições e regiões do país, oferecendo uma visão abrangente das pesquisas realizadas. A partir dos dados coletados, foi possível identificar padrões, abordagens metodológicas e temas recorrentes no campo da das pesquisas em educação que assumem o diálogo entre Escrivência e abordagens biográfico-narrativas. Para organizar as informações, atribuí um código único a cada trabalho acadêmico: as dissertações foram identificadas pela letra “D” e as teses pela letra “T”, ambas seguidas de um número sequencial.

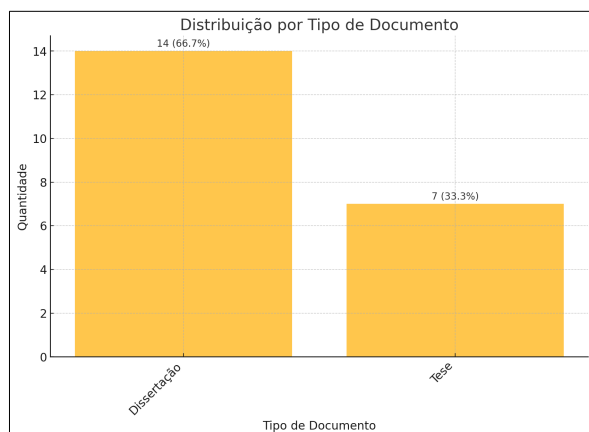
Tabela.1 – Caracterização da Amostra Resultante do Mapeamento

COD.	Ano de defesa	Região	Sigla da instituição de defesa	Tipo de documento	Autor(a)	Título
D.01	2020	SE	UFRRJ	Dissertação	Rocha, Renata Melo	Memórias da(o) Pedagoga(o): a construção docente pelas narrativas de alfabetização e letramento das (os) estudantes da UFRRJ
D.02	2021	S	UCS	Dissertação	Silva, Maria Eduarda Ribeiro da	Narrativas de uma mulher educadora/professora negra: constituição identitária e a escrita como combate à invisibilidade
D.03	2022	SE	UFRRJ	Dissertação	Azevedo, Fabiano Francisco de	O menino e o sabiá: proseando entre saberes e experiências camponesas na Comunidade Rural do Vale do Bonfim, em Petrópolis-RJ
D.04	2022	SE	UERJ	Dissertação	Cordeiro, Tatiana Vasconcelos	O fio ancestral: tecendo narrativas escriturais
D.05	2022	SE	UFMG	Dissertação	Pinto, Ellen de Cássia Pinto	Escrevivências de uma mulher negra, educadora matemática: uma dissertação-manifesto-autobiográfica
D.06	2022	SE	UFRRJ	Dissertação	Santos, Aline Pereira Botelho dos	Caminhos entrelaçados na escrevivência: a trajetória de mulheres pretas egressas do PARFOR/UFRRJ
D.07	2022	NE	UFPE	Dissertação	Santos, Jéssica Hayana Monteiro	Identidade docente nas narrativas autobiográficas de egressos/as da licenciatura em matemática do CAA-UFPE
D.08	2023	SE	UNESP	Dissertação	Arruda, Victoria Sara de	Práticas culturais de contações de histórias e literaturas: olhares interseccionais de uma professora em (trans)formação
D.09	2023	SE	UFRRJ	Dissertação	Azevedo, Michele Cruz	Um estudo sobre educação popular: usos e conhecimentos sobre plantas medicinais por mulheres de Petrópolis-RJ
D.10	2023	SE	USP	Dissertação	Boda, Diane	Cartas de educadoras: caminhos para uma pesquisa
D.11	2023	SE	UFRRJ	Dissertação	Mendonça, Andréa Cavalcanti de	Encruzilhadas epistemológicas entre Léila Gonzalez e Paulo Freire
D.12	2023	NE	UEFS	Dissertação	Queiroz, Gleice Melo Silva	Escrevivências de professoras negras: caminhos insurgentes para as questões étnico-raciais na escola
D.13	2023	SE	UFOP	Dissertação	Santos, Edgar de Barros	Narrativas de professores/as LGBTQIA+ em aliança: escrevendo possibilidades.
D.14	2024	S	UFRGS	Dissertação	Barbosa, Filipi	Ver-se e dizer-se em educação: experimentações e narrativas com audiovisual
T.01	2021	NE	UFBA	Tese	Silva, Cecília Nunes da	Práxis educacional de mulheres e danças afro-brasileiras: entrecruzar de corpos e culturas decoloniais
T.02	2022	S	UFRGS	Tese	Costa, Cristiane da Silva	Escreverões da docência: o poder de agir como saúde
T.03	2022	S	PUC-RS	Tese	Rodrigues, Elida Regina Nobre	Professoras negras e suas autorias: um estudo sobre a produção acadêmica de doutoras negras atuantes em universidades públicas do sul do Rio Grande do Sul
T.04	2023	S	UFPR	Tese	Afonso, Annie Martins	Teatro na prisão: uma experiência de liberdade nos presídios do Amazonas
T.05	2023	SE	UFRRJ	Tese	Cunha, Lillian do Carmo de Oliveira	O lugar social de uma neguinha e a desobediência racial da mulher negra: sobre discursos, deslocamentos e escrevivências
T.06	2023	SE	UFF	Tese	Silva, Greice Duarte de Brito	Poéticas negras, formação e prática docente na educação infantil: arte e estética (em)pretecidas
T.07	2024	SE	UFRRJ	Tese	Teixeira, Tarciso Manfrenatti de Souza	Confabulações afetadas: o re-tratar-se das bichas pretas pela educação

Fonte: elaboração própria.

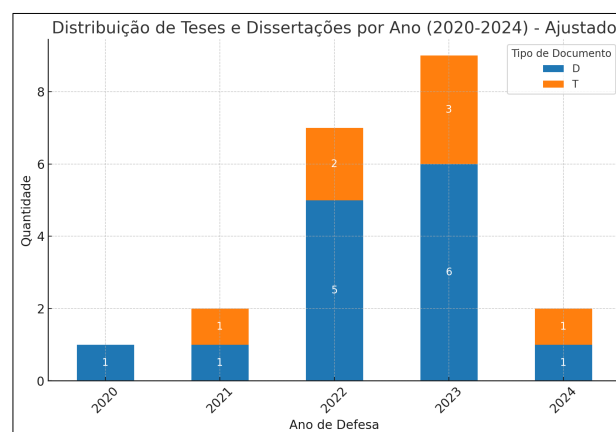
Ao diferenciar dissertações de mestrado e teses de doutorado, percebo distintos níveis de profundidade na condução das investigações. Conforme mostram os Gráficos 1 e 2, o número expressivo de dissertações indica um crescente de produção acadêmica no mestrado, aspecto essencial para a qualificação de docentes e a inserção de novos pesquisadores na área da educação. O número de teses, no entanto, permaneceu estável.

Gráfico 1



Fonte: elaboração própria.

Gráfico 2



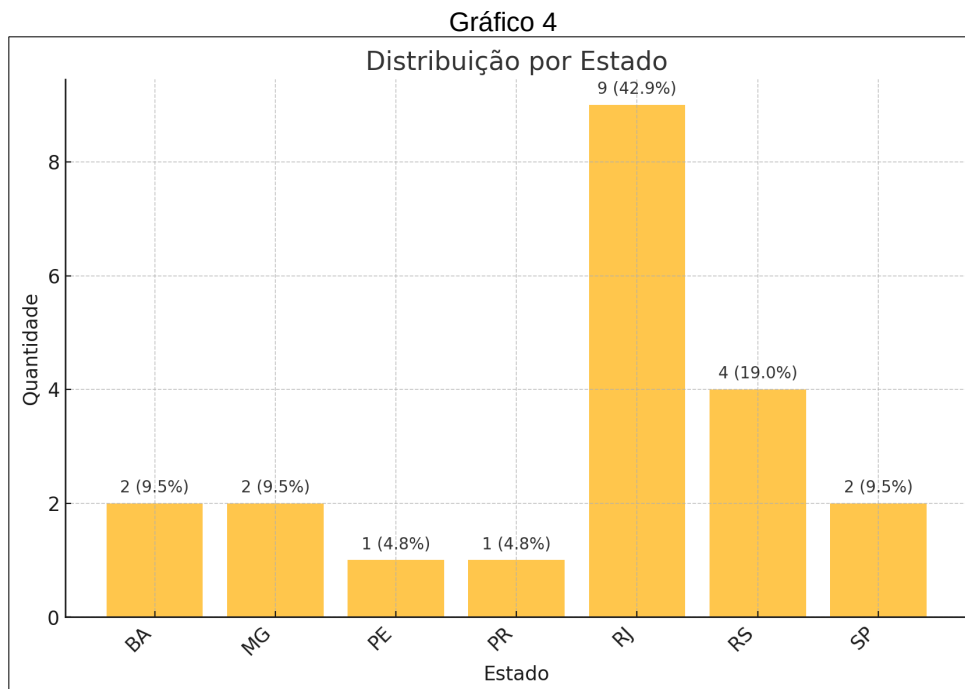
Fonte: elaboração própria.

A distribuição geográfica das instituições, apresentada no Gráfico 3, categorizei por regiões e por Estados do Brasil:



Fonte: elaboração própria.

A maior parte dos estudos foi desenvolvida nas regiões Sudeste e Sul, nos Estados do Rio de Janeiro (RJ), Rio Grande do Sul (RS), Minas Gerais (MG) e São Paulo (SP), com contribuições significativas também oriundas do Nordeste, especialmente de Pernambuco (PE) e Bahia (BA). O Gráfico 4 mostra a distribuição da amostra por Estado:



Fonte: elaboração própria.

A análise da distribuição geográfica das dissertações e teses evidenciadas no estudo revela uma concentração expressiva da produção acadêmica em

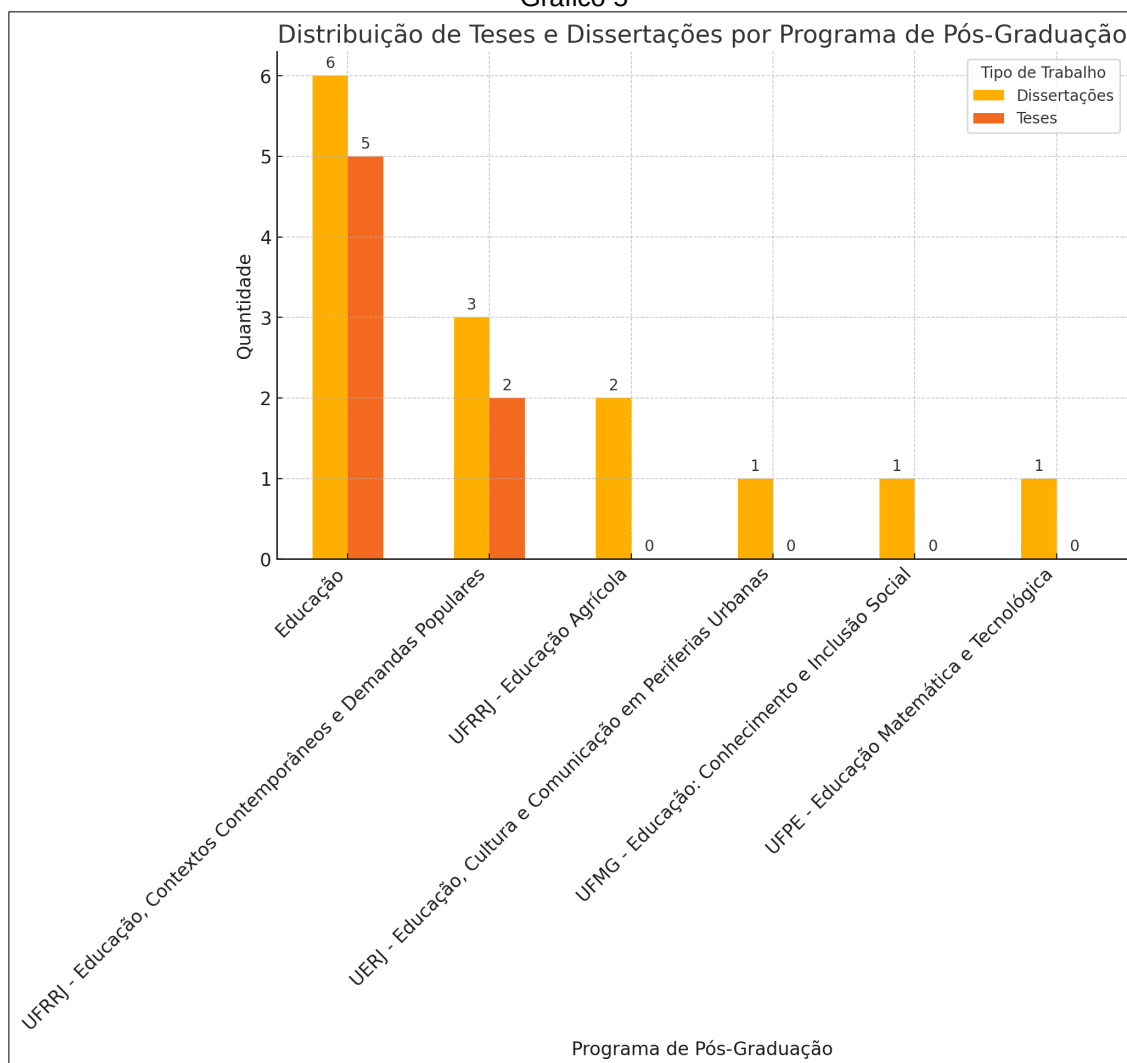
determinados estados brasileiros. De acordo com os dados apresentados, a produção distribui-se da seguinte forma: Bahia (duas produções), Minas Gerais (duas produções), Pernambuco (uma produção), Paraná (uma produção), Rio de Janeiro (nove produções), Rio Grande do Sul (quatro produções) e São Paulo (duas produções).

Dentre esses números, destaca-se a predominância do estado do Rio de Janeiro, que concentra aproximadamente 43% do total das pesquisas analisadas. Esse dado revela um fenômeno relevante: não apenas a produção sobre Escrivência e suas relações com abordagens biográfico-narrativas está fortemente concentrada nesse estado, como também há uma centralização significativa dentro de uma única instituição, a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

A expressiva produção acadêmica nessa universidade sugere a existência de um núcleo consolidado de pesquisa voltado para essa temática, possivelmente impulsionado pela articulação entre grupos de pesquisa, linhas de investigação e orientação de trabalhos na área. A ênfase na Escrivência como abordagem teórico-metodológica que propõe a escrita de si como um ato político e epistemológico fundamental para a compreensão das experiências de sujeitos historicamente marginalizados, revelando também um compromisso ético e estético com a superação da colonialidade do saber, do racismo/sexismo epistêmico e do epistemicídio.

As dissertações e teses que analisei pertencem a diferentes Programas de Pós-Graduação em Educação do país, refletindo a diversidade de enfoques dentro do campo educacional. Destacam-se, entre eles, *Educação: Contextos Contemporâneos e Demandas Populares*, *Educação Agrícola*, *Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas*, *Educação: Conhecimento e Inclusão Social* e *Educação Matemática e Tecnológica*. No Gráfico 5 estão indicadas as produções encontradas em cada Programa:

Gráfico 5



Fonte: elaboração própria.

A análise da distribuição das teses e dissertações entre os programas de pós-graduação mostra que foram identificadas 11 produções em programas de Educação de distintas universidades, e 10 produções em programas de Educação com outras especificidades. Dentre esses programas, destaca-se o Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, vinculado à Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), que concentra 5 produções. Esse dado sugere que, além da relevância da instituição como um polo de pesquisa sobre a temática em questão, há um movimento específico dentro desse programa que favorece a articulação de estudos pautados nas abordagens biográfico-narrativas e o conceito de Escrivência (Evaristo, 2005). Nesse sentido, pode-se considerar que esse programa não apenas acolhe pesquisas que exploram esse conceito, mas também representa um espaço de experimentação e

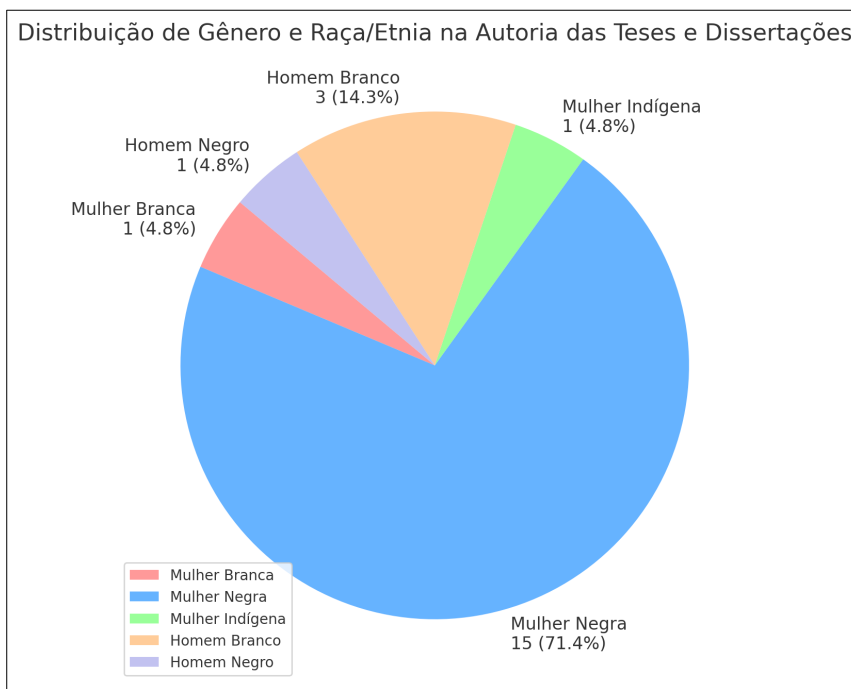
consolidação de sua aplicabilidade como operador epistemológico e político na pesquisa educacional.

Diante desse cenário, surge a necessidade de aprofundar a compreensão sobre a configuração das redes de pesquisa nesse campo. A análise das teses e dissertações permite vislumbrar um potencial para estudos futuros que ultrapassem a mera catalogação das produções acadêmicas e avancem na investigação sobre os grupos de pesquisa, as(os) orientadoras(es) e as dinâmicas institucionais que favorecem a consolidação dos diálogos epistemológicos e políticos entre a Escrivência e as abordagens biográfico-narrativas na pesquisa em Educação. Como apontam Nóvoa (1992) e Passeggi (2008), a pesquisa biográfica em educação não pode ser compreendida de forma isolada, mas sim dentro de um contexto de redes colaborativas que sustentam e expandem a circulação de conceitos e metodologias.

Embora este estudo não tenha como objetivo aprofundar essa dimensão, os dados levantados sugerem a importância de investir em investigações futuras que analisem como os grupos de pesquisa têm estruturado seus debates e de que forma as abordagens biográfico-narrativas vêm sendo recebidas e ressignificadas nesse contexto. Nesse sentido, a compreensão das redes acadêmicas pode contribuir para reduzir a dependência de ações individuais e fortalecer a produção coletiva de conhecimento dentro desse campo de investigação.

O Gráfico 6 apresenta as proporções relativas de autoria acadêmica divididas por categorias de gênero e raça/etnia. Ele mostra que mulheres negras compõem 71,4% da amostra, representando 15 autoras, enquanto homens brancos correspondem a 14,3%, com 3 autores. As demais categorias – mulheres brancas, homens negros e mulheres indígenas – apresentam a mesma proporção, cada uma representando 4,8%, ou 1 autor(a).

Gráfico 6



Fonte: elaboração própria.

Meu interesse em compilar as informações necessárias para a organização do Gráfico 6 estão relacionadas aos conceitos de corpo-política e geo-política do conhecimento, formulado no campo do pensamento decolonial e afrodiaspórico (Bernardino-Costa, Maldonado-Torres e Grosfoguel, 2019). Destacam a dimensão da implicação do corpo, de que corpo é esse que conhece, onde ele está situado, em que lugar, que posição, em que território. Inspirado nesse conceito, busquei organizar estas informações a partir desse recorte e ver o que essa chave de leitura traria.

A maioria das pesquisadoras responsáveis pela autoria das pesquisas são mulheres negras, representando não só o uso de uma ferramenta forjada por e para mulheres negras nessa busca por resistir aos processos de silenciamento, de inferiorização, subalternização, ao racismo/sexismo epistêmico e ao epistemicídio. Esse dado também fala da presença dessas mulheres nesses espaços. Chamou minha atenção pelo fato de não estarmos vendo apenas as contribuições de Conceição Evaristo sendo incorporadas ao campo acadêmico, mas também as mulheres negras estão ocupando estes espaços.

Chama atenção também a característica da Escrivivência enquanto uma “escrita de nós” (Evaristo, 2020; Lima, Nunes e Rosado, 2020), em sua forma de

recusar o individualismo liberal iluminista e assumir uma perspectiva afrodiaspórica que radicaliza a indissociabilidade, para as mulheres negras, para as populações negras e para grupos marginalizados e subalternizados, entre história individual e história coletiva (Evaristo, 2020; Evaristo, 2021). O reconhecimento deste processo sugere que há um processo significativo de adensamento da produção de conhecimentos a partir de perspectivas epistemopolíticas informadas por outros fundamentos que não os eurocentrados.

As pesquisas a que tive acesso nessa amostra apresentam um duplo movimento: a opção por saberes vindos de mulheres negras, buscando retirá-los do aprisionamento da invisibilização e do silenciamento, ao mesmo tempo em que estas pesquisadoras, enquanto mulheres negras, também representam a saída desta mesma condição ao ocuparem as universidades e assumirem como fundamento destas formas de ocupação destes espaços, epistemologias negras e afrodiaspóricas.

4.1 Referências do/em Diálogo na Produção de Conhecimentos que Articula Escrevivência ao Campo Biográfico-Narrativo

Nesta seção da tese, inicio a apresentação do primeiro movimento analítico relacionado ao conteúdo geral dos textos. Para essa etapa, elaborei quatro quadros nos quais organizo as obras citadas na seção de “Referências” das teses e dissertações da amostra: o primeiro reúne as referências do campo biográfico-narrativo, as obras de Conceição Evaristo; no terceiro, agrupo os textos de autoras e autores que discutem a escrevivência; no quarto e último quadro, destaco as referências que denomino afrodiaspóricas. Inicialmente, faço uma descrição desses quadros e, posteriormente, apresento algumas inferências a partir do que esta sistematização permitiu tornar visível.

4.1.1 Referências do Campo Biográfico-Narrativo Encontradas nas Teses e Dissertações

No quadro 1, estão as obras que identifiquei como estando relacionadas ao campo biográfico-narrativo. Procurei trabalhar com a identificação de referências “clássicas”, tomando como base obras e autoras(es) que me foram apresentadas(os) durante meu percurso de constituição enquanto pesquisador deste campo como seminais ou incontornáveis para a compreensão das distinções fundamentais do campo biográfico-narrativo enquanto opção epistemopolítica de investigação em Educação. O resultado encontra-se na sequência.

Quadro 1

Referências do Campo Biográfico-Narrativo Encontradas nas Teses e Dissertações (ao menos 2 ocorrências)	Ocorrência(s) entre as Teses e Dissertações	Porcentagem da Amostra (n=21)
BENJAMIN, W. <i>Magia e técnica, arte e política, ensaios sobre literatura e história da cultura</i> . Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 3 ed., Editora Brasiliense, São Paulo, 1987.	4	19,04%
LARROSA BONDÍA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. <i>Revista Brasileira de Educação</i> , Campinas, p. 20-28, Jan/Fev/Mar/Abr 2002.	3	14,28%
BAKHTIN, M. <i>Estética da criação verbal</i> . São Paulo: Martins Fontes, 1992.	2	9,52%
DELORY-MOMBERGER, C. Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. <i>Educação e Pesquisa</i> , São Paulo, v. 32, n. 2, maio/ago. 2006	2	9,52%
DOMINICÉ, P. A biografia educativa: instrumento de investigação para a educação de adultos. In: NÓVOA, A; FINGER, M. (Org.). <i>O método (auto)biográfico e a formação</i> . Natal, RN: EDUFRRN; 2 ed. São Paulo: Paulus, 2014.	2	9,52%
JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. <i>Educação</i> . Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007.	2	9,52%
JOSSO, Marie-Christine. <i>Caminhar para si</i> . Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.	2	9,52%
JOSSO, Marie-Christine. <i>Experiências de Vida e Formação</i> . Lisboa: Educa, 2002.	2	9,52%
JOSSO, Marie-Christine. O Corpo Biográfico: corpo falado e corpo que fala. <i>Educ. Real.</i> , Porto Alegre, v. 37, n. 1, p. 19-31, jan./abr. 2012. Disponível em: https://www.ufrgs.br/edu_realidade/	2	9,52%
LIMA, M.; GERALDI, C.; GERALDI, J. O trabalho com narrativas na Investigação em Educação. <i>Educação em Revista</i> , v. 31, p.17-44, Belo Horizonte, Jan./Mar., 2015.	2	9,52%
MARTINS, L. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. <i>Letras</i> , [S.l.], n.26, p. 63–81, 2003. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11881 . Acesso em: 3 jun. 2023.	2	9,52%
NÓVOA, António (org.). <i>Profissão Professor</i> . Porto: Porto Editora, 1999.	2	9,52%
RAGO, Margareth. <i>A aventura de contar-se: Feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade</i> . Campinas, SP: Editora Unicamp, 2013.	2	9,52%
REIS, Maria Clareth Gonçalves. Mulheres negras e professoras no ensino superior – as histórias de vida que as constituíram. In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED. GT21 -EDUCAÇÃO E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS, 35., Vitória. Anais [...]. Vitória: ANPED, 2012.	2	9,52%

Fonte: elaboração própria.

É possível observar que, dentre as obras que classifiquei como sendo referências no campo das abordagens biográfico-narrativas, as duas que mais apareceram foram *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura* (1987), de Walter Benjamin, e *Notas sobre a experiência e o saber da experiência* (2002), de Jorge Larrosa. As outras obras, todas de autoras(es)-chave no campo, apareceram 2 vezes cada na amostra de 21 teses e dissertações.

Acredito que o livro de Benjamin aparece em destaque pois é nele que se encontra publicado o texto *O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolais Leskov* (Benjamin, 1987), um texto que me foi apresentado como bastante conhecido e citado por pesquisadoras e pesquisadores do movimento (auto)biográfico brasileiro. O texto de Jorge Larrosa também foi considerado bastante importante para o campo das abordagens biográfico-narrativas pelo modo como propõe discutir a noção de “experiência” de forma aprofundada e complexa, associando a ela um saber fundamental para pensar o trabalho docente e a pesquisa com narrativas (auto)biográficas. Em minha experiência como pesquisador vinculado ao NEPEN, tive a oportunidade de trabalhar este texto em diferentes momentos do meu percurso, tendo sido fundamental para minha compreensão deste conceito e seu papel no desenvolvimento de pesquisas pautadas em abordagens biográfico-narrativas.

Christine Delory-Momberger, Piérre Dominicé, Marie-Christine Josso, António Nóva e Margareth Rago, referências que conheci ao longo da minha trajetória no doutorado e como membro do NEPEN. Aparecem, cada uma, em 2 das 21 produções analisadas neste estudo. Este quadro sugere uma presença dispersa e tímida das referências do campo biográfico-narrativo nas pesquisas, embora sejam comuns entre elas temas como “memória”, “formação docente”, “escrita de si”, a crítica às epistemologias eurocêntricas, às formas tradicionais de produção de conhecimentos e de escrita acadêmica. Ao todo, foram citadas nas teses e dissertações 14 referências diferentes relacionadas de alguma forma ao campo das abordagens-biográfico narrativas.

4.1.2 Obras de Conceição Evaristo Encontradas nas Teses e Dissertações

No quadro 2 estão listados listados livros e artigos de Conceição Evaristo que aparecem nas referências das teses e dissertações apresentadas.

Quadro 2

Obras de Conceição Evaristo Encontradas nas Teses e Dissertações (ao menos 2 ocorrências)	Ocorrência(s) entre as Teses e Dissertações	Porcentagem da Amostra (n=21)
EVARISTO, Conceição. Becos da memória. Pallas Editora, 2017.	8	38,09%
EVARISTO, C. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. (org.). Escrivivência: a escrita de nós - Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020b. p.48-57.	7	33,33%
EVARISTO, C. A escrevivência e seus subtextos In: DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. (org.). Escrivivência: a escrita de nós - reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020a. p. 26-47.	6	28,57%
Evaristo, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. 2009	5	23,80%
EVARISTO, C. Poemas da recordação e outros movimentos. Rio de Janeiro: Malê, 2017. 121p.	4	19,04%
EVARISTO, C. Ponciá Vicêncio. [S.l.]: Pallas, 2013. 120p.	4	19,04%
EVARISTO, Conceição. Insubmissas lágrimas de mulheres. 2. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2016.	4	19,04%
EVARISTO, Conceição. Olhos d'água. Pallas Editora, 2016.	4	19,04%
EVARISTO, C. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, N. M. de B.; SCHNEIDER, L. (Org.). Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora. João Pessoa: Ideia; Editora Universitária UFPB, 2005.	3	14,28%
EVARISTO, C. Poemas malungos: Cânticos irmãos. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, 2011.	2	9,52%
EVARISTO, Conceição. Canção para ninar menino grande. – 2 ed. Rio de Janeiro: Pallas. 2022	2	9,52%
EVARISTO, Conceição. Escrivivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Rosado Isabella (org.). Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.	2	9,52%

Fonte: elaboração própria.

O livro Becos da memória (2017) é obra literária de Conceição Evaristo com o maior número de ocorrências na amostra: aparece em 8 das 21 teses e dissertações. As outras três referências mais destacadas - Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita (2020); A escrevivência e seus subtextos (2020) e Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade (2009) - dois capítulos de livro e um artigo, respectivamente, aparecem em, pelo menos 25% das teses e dissertações.

Outras obras literárias da autora, como Olhos d'água (2016), Poemas da recordação e outros movimentos (2017), Ponciá Vicêncio (2013) e Insubmissas lágrimas de mulheres (2016), aparecem presentes nas referências de 20% das teses e dissertações analisadas. O capítulo Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face (2005) aparece em 15% da amostra. A tese de doutorado de Conceição Evaristo, intitulada Poemas malungos. Cânticos irmãos (2011) e sua obra Canção para ninar menino grande (2022), ambas com 2 ocorrências cada, estão presente em 10% da amostra.

A última referência da tabela está incompleta na fonte. Parece indicar um dos capítulos que Conceição Evaristo assina na coletânea "Escrivivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo" (Duarte, e Nunes, 2020). Embora não possam ser identificados para serem contabilizados em sua

especificidade, por si já endossam a importância dessa coletânea para os trabalhos que se propõem a fazer uso da Escrivência no contexto acadêmico.

4.1.3 Textos Sobre Escrivência Encontrados nas Teses e Dissertações

No quadro 3 encontram-se reunidas as referências a livros e textos que discutem a Escrivência e suas potencialidades enquanto conceito e enquanto modo de grafar a vida.

Quadro 3

Textos sobre Escrivência Encontrados nas Teses e Dissertações (ao menos 2 ocorrências)	Ocorrência(s) entre as Teses e Dissertações	Porcentagem da Amostra (n=21)
FELISBERTO, Fernanda. <i>Escrivência como rota de escrita acadêmica</i> . In: Constância Lima Duarte. Et al. <i>Escrivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo</i> . 1ª ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.	5	23,80%
DUARTE, Lima Constância. NUNES, Isabella Rosado. <i>Escrivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo</i> . Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020	4	19,04%
SOARES, Lissandra Vieira; MACHADO Paula Sandrine. "Escrivências" como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social, Rev. psicol. polít., v.17 n.39, maio/ago. 2017.	2	9,52%
FONSECA, Maria Nazareth Soares. <i>Escrivências: Sentidos em Construção</i> . In: DUARTE, C. et al. <i>Escrivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo / organização Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes; ilustrações Goya Lopes</i> . -- 1. ed. -- Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.	2	9,52%
LÍVIA, Natália. <i>Intelectuais escrevintes: enegrecendo os estudos literários</i> . In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. <i>Escrivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo</i> . Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020, p. 206.	2	9,52%
NUNES, Isabella Rosado. <i>Sobre o que nos move, sobre a vida</i> . In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. <i>Escrivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo</i> . Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020, p. 10.	2	9,52%

Fonte: elaboração própria.

Nesta tabela, três aspectos chamaram minha atenção. O primeiro deles a importância fundamental das contribuições de Fernanda Felisberto materializadas no texto *Escrivência como rota de escrita acadêmica* (2020). Esta produção aparece em 25% da amostra deste estudo, colocando-se como uma das principais fontes para embasar o uso da Escrivência no contexto da pesquisa acadêmica.

Um segundo aspecto, é papel fundamental da coletânea *Escrivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo* (Duarte e Nunes, 2020) que, enquanto obra, aparece em 20% da amostra, mas tem capítulos específicos que também são citados nominalmente nas referências das teses e dissertações que compõem a amostra deste estudo. É o caso do texto de Fernanda Felisberto no topo da tabela, mas também do textos de Maria Nazareth Soares Fonseca, chamado "Escrivências: sentidos em construção" (Fonseca, 2020), de Natália Lívia, chamado "Intelectuais escrevintes: enegrecendo os estudos literários" (Lívia,

2020) e de Isabella Rosado Nunes, chamado "Sobre o que nos move, sobre a vida" (Nunes, 2020). Cada um destes capítulos apresentou 2 ocorrências cada na amostra, o que representa uma presença em 10% do total de teses e dissertações.

Por último, destaco a presença do texto de Lissandra Vieira Soares e de Paula Sandine Machado, chamado "Escrevivências como ferramenta metodológica de produção de conhecimento em Psicologia Social" (2017). Recebi com grata surpresa esta referência, que, com 2 ocorrências, encontra-se presente em 10% da amostra e traz para meu campo de investigação enquanto pesquisador da Educação, contribuições da Psicologia Social - minha área de origem - sobre o uso do conceito de Escrevivência na produção de conhecimento.

4.1.4 Referências Afrodiaspóricas Encontradas nas Teses e Dissertações

Neste último tópico estão reunidas referências que reuni sob a denominação de "Afrodiaspóricas", por refletirem a autoria de mulheres negras na diáspora africana: Grada Kilomba na Europa, bell hooks e Chimamanda Ngozi Adiche nos Estados Unidos e Carolina Maria de Jesus, Lélia Gonzalez e Beatriz Nascimento (através da obra de Alex Ratts) no Brasil.

Quadro 4

Referências Afrodiaspóricas Encontradas nas Teses e Dissertações (ao menos 2 ocorrências)	Ocorrência(s) entre as Teses e Dissertações	Porcentagem da Amostra (n=21)
KILOMBA, G. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2020.	9	42,80%
ADICHE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única. Companhia das Letras, 2019.	8	38,09%
RIBEIRO, Djamila. O que é lugar de fala?. Letramento Editora e Livraria LTDA, 2018.	7	33,33%
ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 8, n 1, p. 229-236, 2000.	5	23,80%
hooks, bell. Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra. São Paulo: Elefante, 2019.	5	24,80%
JESUS, C. M. Quarto de despejo: Diário de uma favelada. São Paulo: Francisco Alves, 1960.	4	19,04%
GONZALEZ, Lélia. Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa. Diáspora Africana: Filhos da África, 2018.	2	9,52%
hooks, bell. Intelectuais negras. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 3, n. 2, p.464-476, 1995.	2	9,52%
KILOMBA, G. Descolonizando o conhecimento: Uma Palestra-performance. Trad. Jéssica Oliveira. Palestra. CCSP, São Paulo, 6 Mar. 2016.	2	9,52%
RATTS, Alex. Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz do Nascimento. São Paulo: IMESP, 2006.	2	9,52%

Fonte: elaboração própria.

Neste último quadro, representando uma perspectiva que chamei aqui de afrodiaspórica, estão as obras que, não sendo vinculadas ao campo biográfico-narrativo ou à Escrivivência, tiveram presença expressiva na amostra que analisei.

Grada Kilomba foi a autora mais presente entre as referências da amostra. Teve 9 ocorrências da obra *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano* (2020), compondo o arcabouço teórico de 43% das teses e dissertações reunidas neste estudo, e 2 outras ocorrências com o texto *Descolonizando o conhecimento: uma palestra-performance* (2016), representando 10% da amostra. Na sequência temos Chimamanda Ngozi Adiche, que apareceu em 40% da amostra, somando 8 ocorrências. Em seguida temos a presença também significativa da filósofa brasileira Djamila Ribeiro, que aparece em 35% da amostra, o que representa 7 ocorrências.

bell hooks, também tem presença significativa na amostra, estando presente em 25% da amostra, somando 5 ocorrências com a obra *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra* (2019). Seu texto *Intelectuais negras* (1995) teve duas ocorrências, estando presente em 10% da amostra. Carolina Maria de Jesus, Lélia Gonzalez e Beatriz Nascimento, todas autoras negras brasileiras, aparecem em 2 ocorrências cada, marcando presença, cada uma, em 10% da amostra analisada aqui.

Por último, encontrei a também a presença significativa de Gloria Anzaldúa. No portal *Enciclopédia Mulheres na Filosofia*², da Unicamp, é possível encontrar um perfil da autora³ elaborado pela filósofa Ada Cristina Ferreira, em que temos a seguinte caracterização:

Gloria Evangelina Anzaldúa (1942-2004) tem sido uma das autoras que vem conquistando espaço dentro dos estudos filosóficos. Serpenteando entre as linhas da poesia, literatura, narrativa, teoria e auto-história, Anzaldúa convida seus leitores e

2 "Com verbetes sobre filósofas e temas feministas escritos por pesquisadoras e pesquisadores brasileiros de diversas áreas do conhecimento, a *Enciclopédia Mulheres na Filosofia* é um espaço de divulgação científica voltado para o público lusófono. Queremos ser lidas na academia e fora dela: nas escolas, nas praças, por quem se interessar por filosofia escrita por mulheres e teoria feminista. Sempre houve mulheres filósofas e sempre houve pensamento sobre mulheres. Se a história e as relações de poder se incumbiram de obliterar esses fatos, é nosso propósito resgatá-los. (...) Pretendemos estimular pesquisadoras e pesquisadores da filosofia e de outras áreas a elaborar materiais que auxiliem investigações acadêmicas em nível de iniciação científica, mestrado e doutorado; que sirvam de instrumental didático para professoras e professores universitários, de cursos pré-vestibular e do ensino médio; que sejam produtivos, enfim, para profissionais e ativistas de diferentes campos. Desejamos também colaborar com a ampliação do diálogo entre a filosofia e outras áreas do conhecimento, nutrindo a ideia de que as mulheres tornam a filosofia mais pertinente e interessante."

<https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/>. Acesso em 2025.02.07

3 <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/filosofas/gloria-anzaldua/>. Acesso em 2025.02.07.

leitoras a visitarem os espaços fronteiriços e serem testemunhas do nascimento de uma nova cultura, a cultura que envolve e representa a população da fronteira e que abriga a identidade da “New Mestiza”. Nascida no Vale do Rio Grande no Texas, na fronteira com o México – Estados Unidos (...). De origem pobre e campesina e autodeclarada chicana, lésbica e ativista política, Anzaldúa experiencia desde muito cedo as tensões que envolvem seu corpo, sua sexualidade e seu local de origem.

Apesar de não-negra, Anzaldúa transita por diversos temas e assume posições políticas que compartilham preocupações e compromissos comuns com as autoras negras destacadas aqui. Acredito que as afinidades epistemológicas e políticas de sua obra com as das autoras aqui elencadas parecem justificar sua presença significativa entre as referências das produções analisadas aqui. Seu artigo *Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo* (2000) apareceu em 25% da amostra, o que corresponde a 5 ocorrências num total de 21 teses e dissertações.

4.2 Justificativas Para o Uso da Escrivivência no Diálogo com a Abordagem Biográfico-Narrativa

Nessa sessão, descrevo o resultado da análise de trechos das teses e dissertações da amostra que considerei justificativas para o uso da escrevivência na pesquisa. Esse processo foi relacionado ao levantamento não exaustivo de trechos das teses e dissertações que refletiam formas de justificativa ou que falassem sobre a escolha pelo uso da escrevivência na pesquisa.

A partir da identificação desses elementos, formulei categorias para organizar essas justificativas em torno de temas comuns. Fiz este movimento primeiro com as dissertações, depois com as teses. Os resultados estão expostos nessa ordem.

4.2.1. Nas Dissertações

Nas dissertações, cheguei a quatro grandes categorias temáticas: *Escrivivência como Metodologia de Resistência e Insubordinação Epistêmica*, a segunda categoria é *Autoria Negra e Protagonismo Narrativo*, a terceira categoria é

Identidade e Memória como Elementos Constitutivos da Pesquisa e a última categoria é *Escrevivência como Ética da Pesquisa*.

Quadro 5

Justificativas Para o Uso da E screvivência nas Dissertações		
Categoria Temática	Referências Nesta Categoria	Trechos que Ilustram
Escrevivência como Metodologia de Resistência e Insubordinação Epistêmica	Rocha (2020), Silva (2021), Santos (2022), Pinto (2022), Mendonça (2023), Barbosa (2024)	"A escrevivência se revela, portanto, como um ato político e epistemológico que denuncia o racismo estrutural e reivindica a centralidade das narrativas negras na produção de conhecimento." (Silva, 2021, p. 86) "A escrevivência é uma metodologia de resistência. Ao trazer à tona as vozes historicamente silenciadas, ela confronta o modelo tradicional da pesquisa acadêmica." (Rocha, 2020, p. 92) "A decisão de usar a escrevivência como metodologia se insere em uma luta contra o epistemicídio e a colonialidade do saber, pois reconhece as narrativas negras como fontes legítimas de conhecimento." (Santos, 2022, p. 28) "Construir novas latitudes teóricas tem sido uma reparação epistemológica e uma verdadeira revolução. A escrevivência desafia a estrutura acadêmica ao reivindicar a autoria de sujeitos historicamente marginalizados." (Barbosa, 2024, p. 92)

Fonte: elaboração própria.

A Escrevivência surge como um método de resistência frente às imposições acadêmicas convencionais, desafiando o epistemicídio promovido pela ciência eurocêntrica (Barbosa, 2024; Rocha, 2020; Santos, 2022; Silva, 2021).

Fundamentada na experiência de sujeitos historicamente silenciados, a Escrevivência questiona a neutralidade da pesquisa e reafirma o papel político da escrita: ao reconhecer as narrativas negras, femininas e marginalizadas como fontes legítimas de conhecimento, promove uma ruptura com modelos coloniais de produção do saber (Barbosa, 2024; Rocha, 2020; Santos, 2022; Silva, 2021). Neste sentido, não apenas denuncia desigualdades estruturais, mas também propõe uma ciência comprometida com a descolonização dos saberes, o antirracismo, a justiça social e a autonomia intelectual das populações marginalizadas (Barbosa, 2024; Rocha, 2020; Santos, 2022; Silva, 2021).

Quadro 6

Justificativas Para o Uso da Escrivivência nas Dissertações		
Categoria Temática	Referências Nesta Categoria	Trechos que Ilustram
Autoria Negra e Protagonismo Narrativo	Pinto (2022), Arruda (2023), Mendonça (2023), Boda (2023), Santos (2023), Queiroz (2023)	"Porque escrevivência é uma escrita de nós por nós mesmos. Somos nós, pessoas negras, pretas, pardas, afropindorâmicas, afrobrasileiras, afrodiaspóricas, que falamos, em primeira pessoa, sobre as nossas próprias experiências." (Pinto, 2022, p. 123) Ao fazer uso da escrevivência, nos inscrevemos no campo acadêmico a partir das nossas vivências, recusando o olhar distante e objetificante que tantas vezes marcou a pesquisa científica." (Arruda, 2023, p. 203) "Escrivivência não está para a abstração do mundo, e sim para a existência, para o mundo-vida. Um mundo que busco apreender, para que eu possa, nele, me autoinscrever." (Mendonça, 2023, p. 88) "A escrita insurgente das escrevivências subverte o texto acadêmico convencional, permitindo que os sujeitos da pesquisa não sejam apenas objeto de análise, mas também autores de suas próprias narrativas." (Boda, 2023, p. 204)

Fonte: elaboração própria.

A Escrivivência resgata o direito à autonarração dos sujeitos negros, rompendo com a tradição acadêmica que historicamente os reduziu a objetos de estudo (Arruda, 2023; Boda, 2023; Mendonça, 2023; Pinto, 2022). Esse protagonismo narrativo se concretiza na escrita em primeira pessoa, permitindo que pesquisadores contem suas próprias histórias e experiências, validando-as como conhecimento científico (Arruda, 2023; Boda, 2023; Mendonça, 2023; Pinto, 2022).

O método reafirma que os saberes e memórias dos povos negros e periféricos não precisam ser mediados por interlocutores externos, pois são legítimos por si só (Arruda, 2023; Boda, 2023; Mendonça, 2023; Pinto, 2022). A Escrivivência fortalece a autonomia epistêmica das populações subalternizadas e reivindica um espaço de produção acadêmica plural, inclusivo e antirracista (Arruda, 2023; Boda, 2023; Mendonça, 2023; Pinto, 2022).

Quadro 7

Justificativas Para o Uso da Escrivivência nas Dissertações		
Categoria Temática	Referências Nesta Categoria	Trechos que Ilustram
Identidade e Memória como Elementos Constitutivos da Pesquisa	Azevedo (2022), Santos (2022), Barbosa (2024), Queiroz (2023), Arruda (2023)	"A escrivivência possibilita a reconstrução da memória coletiva e a afirmação de sujeitos historicamente silenciados, permitindo que suas vozes sejam não apenas ouvidas, mas incorporadas como fontes legítimas de produção de conhecimento." (Azevedo, 2022, p. 58) "A memória, os rastros e registros de mulheres que não conheço, de antepassados que não vi, carrego todos nessa escrita." (Queiroz, 2023, p. 68) "A escrita de si, quando entendida como escrivivência, possibilita que a pesquisa se transforme em um espaço de diálogo entre o passado e o presente, entre a história individual e a memória coletiva." (Arruda, 2023, p. 68) "Escrivivemos para garantir que nossas memórias e histórias não sejam apagadas, pois a narrativa tradicional frequentemente silencia corpos negros, femininos e periféricos." (Barbosa, 2024, p. 105)

Fonte: elaboração própria.

A Escrivivência se fundamenta na interseção entre identidade, memória e produção do conhecimento: a experiência vivida torna-se elemento essencial da pesquisa, rompendo com a noção tradicional de objetividade acadêmica (Arruda, 2023; Azevedo, 2022; Barbosa, 2024; Queiroz, 2023).

Por meio da recuperação de memórias individuais e coletivas, a Escrivivência possibilita a reconstrução de narrativas apagadas e a ressignificação da identidade negra (Arruda, 2023; Azevedo, 2022; Barbosa, 2024; Queiroz, 2023). Esse processo permite que sujeitos historicamente silenciados reivindiquem suas origens, trajetórias e ancestralidade na academia (Arruda, 2023; Azevedo, 2022; Barbosa, 2024; Queiroz, 2023). A pesquisa não se limita à mera produção de dados, mas se transforma em um ato de reconhecimento e valorização das histórias e vivências das populações marginalizadas (Arruda, 2023; Azevedo, 2022; Barbosa, 2024; Queiroz, 2023).

Quadro 8

Justificativas Para o Uso da Escrivivência nas Dissertações		
Categoria Temática	Referências Nesta Categoria	Trechos que Ilustram
Escrivivência como Ética de Pesquisa	Rocha (2020), Queiroz (2023), Barbosa (2024), Azevedo (2023), Boda (2023)	"Para além de uma metodologia, a escrevivência se insere como um ato político e um gesto de resistência à colonialidade do saber, ao permitir que sujeitos historicamente silenciados ocupem o espaço da produção acadêmica." (Rocha, 2020, p. 49) "Ao adotar a escrevivência como metodologia, a pesquisa se torna um espaço de escuta ativa e de valorização das narrativas de vida, contribuindo para uma ciência mais democrática e plural." (Queiroz, 2023, p. 210) "A ética da escrevivência reside no compromisso com a verdade experiencial e na valorização da subjetividade, desafiando a noção de neutralidade acadêmica." (Barbosa, 2024, p. 88) "A escrita acadêmica muitas vezes distancia o pesquisador de sua própria humanidade. A escrevivência, ao contrário, permite que a experiência e o afeto sejam reconhecidos como parte da construção do conhecimento." (Azevedo, 2023, p. 74) "A escrevivência exige um posicionamento ético do pesquisador, que se insere no campo de forma implicada e comprometida com a alteridade dos sujeitos pesquisados." (Boda, 2023, p. 190)

Fonte: elaboração própria.

A Escrivivência propõe uma abordagem metodológica baseada em um compromisso ético com a experiência e a subjetividade (Azevedo, 2023; Barbosa, 2024; Boda, 2023; Rocha, 2020; Queiroz, 2023). Diferente da pesquisa tradicional, que frequentemente dissocia o pesquisador do objeto de estudo, a Escrivivência reconhece que o conhecimento é produzido em relação com os sujeitos envolvidos (Azevedo, 2023; Barbosa, 2024; Boda, 2023; Rocha, 2020; Queiroz, 2023). Essa ética de pesquisa valoriza a escuta ativa, o respeito às trajetórias individuais e a centralidade da oralidade na produção do saber (Azevedo, 2023; Barbosa, 2024; Boda, 2023; Rocha, 2020; Queiroz, 2023). Além disso, ao promover um diálogo entre memória, ancestralidade e escrita, a Escrivivência constrói um campo acadêmico mais democrático, onde diferentes formas de conhecimento são legitimadas e acolhidas (Azevedo, 2023; Barbosa, 2024; Boda, 2023; Rocha, 2020; Queiroz, 2023).

4.2.2. Nas Teses

Nas teses, frente à semelhança em diversos aspectos das justificativas, optei por estender as categorias formuladas a partir das dissertações para as teses. Neste sentido, para além das categorias já apresentadas para a organização das dissertações (*Metodologia de Resistência e Insubordinação Epistêmica; Autoria Negra e Protagonismo Narrativo; Identidade e Memória como Elementos Constitutivos da Pesquisa; Escrivivência como Ética da Pesquisa*), a análise das justificativas nas teses trouxe alguns elementos novos que deram origem a duas outras categorias: *Escrivivência como Ferramenta de Cura e Subjetividade* e *Escrivivência e Epistemologias Feministas Negras*.

Na sequência, apresento os resultados das categorias anteriores e, por último, as novas categorias.

Quadro 9

Justificativas Para o Uso da Escrivivência nas Teses		
Categoria Temática	Referências Nesta Categoria	Trechos que Ilustram
Escrivivência como Metodologia de Resistência e Insubordinação Epistêmica	Silva (2021), Cunha (2023), Teixeira (2024)	"Apoiamo-nos também na escrevivência (EVARISTO, 2016), que narra corpos agentes de pesadelos aos colonizadores." (Silva, 2021, p. 36) "Se por um lado, a colonialidade do poder opera através da raça para codificar, classificar e hierarquizar as populações [...], ao mesmo tempo, a colonialidade do saber opera via 'epistemicídio'." (Teixeira, 2024, p. 29) "A escrita possibilita expressar subjetividades historicamente marginalizadas, desafiando as normas tradicionais da produção acadêmica." (Costa, 2022, p. 74) "Escrivivência, antes de qualquer domínio, é interrogação. É uma busca por se inserir no mundo com as nossas histórias, com as nossas vidas, que o mundo desconsidera." (Cunha, 2023, p. 24) "Por isso, afirmo: 'a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos'." (Teixeira, 2024, p. 65)

Fonte: elaboração própria.

A Escrivivência aparece como uma metodologia insurgente que desafia a colonialidade do saber ao reconhecer a experiência de sujeitos historicamente marginalizados como fonte legítima de conhecimento. Em oposição à visão eurocêntrica da ciência, que tende a hierarquizar e excluir epistemologias não hegemônicas, a Escrivivência propõe uma produção de conhecimento situada, comprometida e politicamente engajada. Nas teses, autoras(es) como Teixeira (2024), Silva (2021) e Cunha (2023) reforçam a Escrivivência como um ato de resistência ao epistemicídio e ao racismo/sexismo epistêmico, reposicionando os

saberes de pessoas negras e periféricas no campo acadêmico. Dessa forma, a Escrivência não apenas questiona paradigmas científicos excludentes, mas também propõe novos referenciais teóricos e metodológicos (Costa, 2022; Cunha 2023; Silva, 2021; Teixeira, 2024).

Quadro 10

Justificativas Para o Uso da Escrivência nas Teses		
Categoria Temática	Referências Nesta Categoria	Trechos que Ilustram
Autoria Negra e Protagonismo Narrativo	Silva (2021), Cunha (2023), Teixeira (2024)	"Por longos anos, negros e negras ocuparam o lugar de pesquisados, de objeto, com objetivo de legitimar estudos históricos e sociológicos, dando a falsa sensação de estarmos ocupando espaço na história, quando na verdade, as nossas narrativas se mantinham na mão 'dos outros'." (Cunha, 2023, p. 24) "E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também." (Rodrigues, 2022, p. 17) "A escolha metodológica pela escrivência parte do compromisso com a produção de conhecimentos que reconheçam as trajetórias de mulheres negras como produtoras de cultura e de conhecimento." (Silva, 2023, p. 39) "Agora, na presente pesquisa de doutorado em educação, continuo atento ao poder da reestruturação subjetiva da escrita, enquanto um instrumento pedagógico." (Teixeira, 2024, p. 2)

Fonte: elaboração própria.

A Escrivência reivindica a autoria e o protagonismo de sujeitos historicamente silenciados, garantindo que negros(as), mulheres e pessoas periféricas possam narrar suas próprias histórias sem mediação do olhar colonizador. Trata-se de um rompimento com a tradição acadêmica que, por séculos, produziu conhecimento sobre grupos oprimidos sem permitir que essas populações se tornassem produtoras de suas próprias narrativas (Cunha, 2023; Rodrigues, 2022, Silva, 2023; Teixeira, 2024).

Nas teses, Rodrigues (2022), Cunha (2023) e Silva (2023) enfatizam a Escrivência como uma prática de autorrepresentação e insurgência, permitindo que as vozes subalternizadas ocupem um espaço legítimo na produção de saberes e no debate científico (Cunha, 2023; Rodrigues, 2022, Silva, 2023; Teixeira, 2024).

Quadro 11

Justificativas Para o Uso da Escrivivência nas Teses		
Categoria Temática	Referências Nesta Categoria	Trechos que Ilustram
Identidade e Memória como Elementos Constitutivos da Pesquisa	Rodrigues (2022), Cunha (2023), Teixeira (2024)	"A tomada de consciência da minha negritude não chegou por acaso, ela surgiu depois da análise de uma série de situações vividas em minha infância, adolescência e início da vida profissional." (Rodrigues, 2022, p. 29) "Conceição Evaristo nos lembra que a força motriz das escrevivências surge da imagem-narrativa da Mãe Preta." (Teixeira, 2024, p. 65) "As narrativas autobiográficas e escrevivências são um movimento (ou método) utilizado há bastante tempo nos livros literários e temos como pioneira Carolina Maria de Jesus, que escrevia a partir de sua própria história e de histórias de outras personagens reais de seu cotidiano, assim como Conceição Evaristo e Maya Angelou." (Cunha, 2023, p. 28) "O ato de escrever as vivências cotidianas tomou corpo, a partir do meu encontro com a teoria autobiográfica." (Rodrigues, 2022, p. 17)

Fonte: elaboração própria.

A Escrivivência se fundamenta na relação entre identidade, memória e produção do conhecimento. A experiência vivida torna-se elemento central na pesquisa, rompendo com a noção tradicional de objetividade acadêmica. Esse método valoriza as histórias individuais e coletivas, permitindo a reconstrução de narrativas apagadas e a reafirmação da identidade de grupos historicamente marginalizados. Nas teses, Rodrigues (2022), Teixeira (2024) e Cunha (2023) reforçam que a Escrivivência possibilita a reconexão com a ancestralidade e a reconstrução de laços comunitários por meio da memória. Assim, a pesquisa acadêmica se torna também um espaço de reconstrução histórica e de resistência cultural (Cunha, 2023; Rodrigues, 2022; Teixeira).

Quadro 12

Justificativas Para o Uso da Escrivivência nas Teses		
Categoria Temática	Referências Nesta Categoria	Trechos que Ilustram
Escrivivência como Ética de Pesquisa	Silva (2023), Cunha (2023), Boda (2023)	"A escrita de si e de suas experiências enquanto mulher negra, professora e pesquisadora insere-se em um contexto maior de disputa epistemológica e de afirmação de uma estética e de uma ética da existência negra." (Silva, 2023, p. 34) "A escrevivência é um compromisso político com a escuta e com a responsabilidade de dar continuidade a histórias que não podem mais ser apagadas. Escrever nossas experiências não é só um ato individual, mas uma forma de justiça coletiva." (Cunha, 2023, p. 40) "O compromisso ético da escrevivência se dá no reconhecimento de que o conhecimento não é neutro e de que cada narrativa produzida carrega um posicionamento no mundo. Escrever sobre si também significa escrever sobre o outro, e isso exige cuidado." (Boda, 2023, p. 58) "A ética da escrevivência não está apenas na escolha de palavras, mas na forma como a pesquisa se constrói: implicada, situada e comprometida com a verdade das experiências narradas." (Cunha, 2023, p. 53) "A escrita de si torna-se um espaço de formação e de resistência, onde as educadoras podem se reconhecer, compartilhar suas experiências e fortalecer suas práticas pedagógicas." (Silva, 2023, p. 47)

Fonte: elaboração própria.

A ética da Escrivivência está fundamentada no compromisso com a escuta ativa, a valorização da subjetividade e o respeito às vozes silenciadas (Boda, 2023; Cunha, 2023; Silva, 2023). Esse compromisso envolve um posicionamento político da(o) pesquisadora(or), que não apenas investiga um tema, mas se insere nele de forma implicada e responsável (Boda, 2023; Cunha, 2023; Silva, 2023). Diferente de abordagens que prezam pela neutralidade, a Escrivivência reconhece que toda narrativa carrega um posicionamento e que a produção do conhecimento não é isenta de ideologia (Boda, 2023; Cunha, 2023; Silva, 2023). Nas teses, Silva (2023), Cunha (2023) e Boda (2023) destacam que essa ética se materializa na forma como a pesquisa acolhe histórias de vida e respeita os contextos de quem as narra.

Quadro 13

Justificativas Para o Uso da Escrivivência nas Teses		
Categoria Temática	Referências Nesta Categoria	Trechos que Ilustram
Escrivivência como Ferramenta de Cura e Subjetividade	Rodrigues (2022), Cunha (2023), Teixeira (2024)	"Portanto, compartilhar nossas confabulações afetadas tem esse propósito curativo de poder promover através do mergulho no passado, em nossas memórias, uma possibilidade de (re)leitura do nosso presente." (Teixeira, 2024, p. 24) "A escrita do próprio corpo é uma estratégia usada por mulheres africanas e afrodiáspóricas para desconstruir as posições que a academia impõe no tocante à presença da negritude." (Cunha, 2023, p. 27) "Então, segundo bell hooks (2020), contar histórias é um ato redentor, libertador e, principalmente, regenerador para a nossa reconstituição subjetiva." (Teixeira, 2024, p. 24) "A tomada de consciência da minha negritude não chegou por acaso, ela surgiu depois da análise de uma série de situações vividas em minha infância, adolescência e início da vida profissional." (Rodrigues, 2022, p. 29)

Fonte: elaboração própria.

A Escrivivência não é apenas uma metodologia de pesquisa, mas também uma ferramenta de cura, resistência e reestruturação subjetiva (Cunha, 2023; Rodrigues, 2022; Teixeira, 2024). Ao permitir que sujeitos marginalizados escrevam sobre suas próprias experiências, a Escrivivência possibilita um processo terapêutico de ressignificação e emancipação. Segundo Teixeira (2024) e Cunha (2023), essa escrita não apenas denuncia opressões, mas também atua como um espaço de reconstrução emocional e psicológica, promovendo bem-estar e autoestima para sujeitos historicamente oprimidos.

As teses enfatizam que a Escrivivência não se restringe à análise racional dos fatos, mas também acolhe sentimentos, memórias e afetos como elementos legítimos do conhecimento (Cunha, 2023; Rodrigues, 2022; Teixeira, 2024). Há um vínculo direto entre Escrivivência e saúde mental, especialmente para mulheres negras e dissidentes de gênero (Cunha, 2023; Rodrigues, 2023; Teixeira, 2024). O

reconhecimento da própria trajetória em meio à pesquisa possibilita que narrativas de dor sejam transformadas em força e empoderamento. A Escrivivência assume um papel duplo: produção de conhecimento e ferramenta de autorreconhecimento e resistência psicológica (Cunha, 2023; Rodrigues, 2023; Teixeira, 2024).

Quadro 14

Justificativas Para o Uso da Escrivivência nas Teses		
Categoria Temática	Referências Nesta Categoria	Trechos que Ilustram
Escrivivência e Epistemologias Feministas Negras	Silva (2021), Cunha (2023), Teixeira (2024)	"A epistemologia feminista negra de Patrícia Hill Collins (2019a, 2019b) embasa teoricamente esta pesquisa." (Silva, 2021, p. 36) "Outros modos de teorização vêm sendo construídos, outras epistemologias, visto que o paradigma dominante não dá conta de explicar todas as sociedades e práticas humanas." (Silva, 2021, p. 78) "A escolha metodológica pela escrevivência parte do compromisso com a produção de conhecimentos que reconheçam as trajetórias de mulheres negras como produtoras de cultura e de conhecimento." (Cunha, 2023, p. 39) "A escrita de mulheres negras é um ato político, e nossa escrevivência se entrelaça com nossas lutas. Não se trata apenas de narrar nossas experiências, mas de desafiar os sistemas que nos silenciaram por tanto tempo." (Teixeira, 2024, p. 50)

Fonte: elaboração própria.

A Escrivivência estabelece um diálogo profundo com as epistemologias feministas negras, reforçando a centralidade das experiências de mulheres negras na construção do conhecimento (Cunha, 2023; Silva, 2021; Teixeira, 2024). Segundo Silva (2021), Cunha (2023) e Teixeira (2024), essa relação se dá porque a Escrivivência valoriza a experiência vivida como fonte de saberes, princípio essencial do feminismo negro. Patricia Hill Collins (2019) e bell hooks (2020) são referências fundamentais nesse debate, pois defendem que a narrativa pessoal e coletiva das mulheres negras deve ser reconhecida como conhecimento legítimo e transformador (Cunha, 2023; Silva, 2021; Teixeira, 2024).

Nas teses, há uma forte ênfase na relação entre Escrivivência e coletividade, destacando que a escrita dessas mulheres não é isolada, mas sim parte de um processo histórico e ancestral (Cunha, 2023; Silva, 2021; Teixeira, 2024). Destacam que a Escrivivência permite que mulheres negras, homens negros e grupos marginalizados rompam com o isolamento imposto pelo racismo e pelo sexismo, criando redes de apoio e compartilhamento de histórias. Dessa forma, a Escrivivência torna-se uma estratégia epistemológica que questiona a neutralidade acadêmica, desafiando os padrões tradicionais de cientificidade e reivindicando que as narrativas femininas negras e de outros grupos marginalizados sejam parte integrante da produção do conhecimento (Cunha, 2023; Silva, 2021; Teixeira, 2024).

4.3 Contribuições do Conceito de Escrevivência no Diálogo com a Abordagem Biográfico-Narrativa

Nessa sessão, descrevo o resultado da análise de trechos das teses e dissertações da amostra que considere contribuições para o uso da escrevivência na pesquisa. Esse processo foi relacionado ao levantamento não exaustivo de trechos das teses e dissertações que refletiam formas de caracterização dos aspectos que a Escrevivência agrega ao processo de investigação levado a cabo nas pesquisas.

A partir da identificação desses elementos, formulei categorias para organizar essas contribuições em torno de temas comuns. Fiz este movimento primeiro com as dissertações, depois com as teses. Os resultados estão expostos nessa ordem.

4.3.1. Nas Dissertações

Nas dissertações, cheguei a quatro grandes categorias temáticas: *Afetividade e Subjetividade na Pesquisa*; *Escrevivência como Instrumento de Produção de Conhecimento*; *Formação Docente e Transformação Pedagógica* e *Impacto Político e Social da Escrevivência*. Os resultados estão descritos nos quadros que se seguem.

Quadro 15

Contribuições da Escrevivência para a Pesquisa nas Dissertações		
Categoria Temática	Referências Nesta Categoria	Trechos que Ilustram
Afetividade e Subjetividade na Pesquisa	Mendonça (2023), Barbosa (2024), Santos (2022), Azevedo (2023), Boda (2023)	"Escolho a escrevivência porque é nela que encontro um modo de narrar que respeita os ritmos da memória, as pausas do corpo e as vozes ancestrais que me atravessam." (Mendonça, 2023, p. 51) "A escrita acadêmica muitas vezes distancia o pesquisador de sua própria humanidade. A escrevivência, ao contrário, permite que a experiência e o afeto sejam reconhecidos como parte da construção do conhecimento." (Barbosa, 2024, p. 74) "A emoção que aflora ao relatar as histórias. Pensando sobre essa sensibilidade, a apreciação do ouvir sem a pretensão de aconselhar, estar disponível para ouvir a voz que vem do outro para compor as histórias e deixar que as emoções ao escrever venham para que seja vivenciado o momento." (Santos, 2022, p. 4) "Ao inserir afetividade na pesquisa, a escrevivência propõe uma ruptura com o modelo tradicional, tornando a escrita acadêmica um espaço de troca, de partilha e de escuta." (Boda, 2023, p. 94)

Fonte: elaboração própria.

A Escrivivência desafia a rigidez da escrita acadêmica tradicional ao incorporar emoções, oralidade e experiência pessoal na produção do conhecimento: pesquisa torna-se um espaço humanizado e sensível, no qual a subjetividade do pesquisador e dos participantes é valorizada (Azevedo, 2023; Barbosa, 2024; Boda, 2023; Mendonça, 2023; Santos, 2022).

Reconhece que a escrita carrega dados e informações, mas também sentimentos, dores e memórias (Azevedo, 2023; Barbosa, 2024; Boda, 2023; Mendonça, 2023; Santos, 2022). A Escrivivência transforma a pesquisa em um ato de resistência e cura, permitindo que narrativas antes silenciadas sejam expressas com autenticidade, emoção e comprometimento com a realidade social dos sujeitos envolvidos (Azevedo, 2023; Barbosa, 2024; Boda, 2023; Mendonça, 2023; Santos, 2022).

Quadro 16

Contribuições da Escrivivência para a Pesquisa nas Dissertações		
Categoria Temática	Referências Nesta Categoria	Trechos que Ilustram
Escrivivência como Instrumento de Produção de Conhecimento	Azevedo (2022), Arruda (2023), Santos (2023), Pinto (2022), Mendonça (2023), Barbosa (2024)	"A escrevivência desafia a rigidez das normas científicas e propõe um novo paradigma de produção de saberes." (Azevedo, 2022, p. 64) "O método da escrevivência se apresenta como uma forma de validar epistemologias negras e indígenas dentro da academia, desafiando estruturas hegemônicas do saber." (Arruda, 2023, p. 55) "Ao transformar experiências vividas em conhecimento acadêmico, a escrevivência desafia a rigidez das normas científicas e propõe um novo paradigma de produção de saberes." (Santos, 2023, p. 64) "A escrita de si permite que o pesquisador se enxergue como parte do objeto de estudo, rompendo com a suposta neutralidade acadêmica e trazendo a experiência como categoria analítica válida." (Pinto, 2022, p. 142)

Fonte: elaboração própria.

A Escrivivência amplia as fronteiras da pesquisa acadêmica ao propor uma nova epistemologia afrodiaspórica e descolonizadora: valoriza o conhecimento situado, ou seja, aquele que emerge da experiência vivida pela mulher negra, pela população negra, por diversos grupos marginalizados (Arruda, 2023; Azevedo, 2022; Barbosa, 2024; Mendonça, 2023; Pinto, 2022; Santos, 2023).

Esta epistemologia nega a negação da humanidade, da intelectualidade e da capacidade crítica das populações colonizadas e escravizadas, historicamente confinadas à condição de objetos das práticas produção de saber e exercício do

poder (Arruda, 2023; Azevedo, 2022; Barbosa, 2024; Mendonça, 2023; Pinto, 2022; Santos, 2023). Abre-nos a possibilidade de falar em primeira pessoa do singular-plural que somos.

Legitima epistemologias negras, indígenas e populares, rompendo com a hegemonia do saber eurocêntrico (Arruda, 2023; Azevedo, 2022; Barbosa, 2024; Mendonça, 2023; Pinto, 2022; Santos, 2023). Tensiona as fronteiras entre arte e ciência, entre teoria e prática, mostrando que a produção de conhecimento é também um ato criativo e político (Arruda, 2023; Azevedo, 2022; Barbosa, 2024; Mendonça, 2023; Pinto, 2022; Santos, 2023).

Quadro 17

Contribuições da Escrivivência para a Pesquisa nas Dissertações		
Categoria Temática	Referências Nesta Categoria	Trechos que Ilustram
Formação Docente e Transformação Pedagógica	Rocha (2020), Queiroz (2023), Pinto (2022), Santos (2023), Cordeiro (2022), Azevedo (2023)	"A escrita das professoras negras que participaram da pesquisa se torna uma ferramenta pedagógica, que possibilita a ampliação do debate sobre racismo, identidade e pertencimento dentro da escola." (Queiroz, 2023, p. 204). "Na formação inicial, a escrevivência permite que professores revisitem suas trajetórias e compreendam como sua identidade impacta o ensino." (Cordeiro, 2022, p. 112) "A escrevivência também contribui para o desenvolvimento de metodologias participativas, que envolvem os sujeitos da pesquisa em um processo de criação coletiva de conhecimento." (Azevedo, 2023, p. 205)

Fonte: elaboração própria.

A Escrivivência desempenha um papel fundamental na formação docente, incentivando práticas pedagógicas mais inclusivas, críticas e antirracistas (Azevedo, 2023; Cordeiro, 2022; Pinto, 2022; Queiroz, 2023; Rocha, 2020; Santos, 2023). Ao integrar a Escrivivência no ensino, professoras e professores são convidados a refletir sobre suas próprias trajetórias e identidades, reconhecendo-as como parte do processo educativo (Azevedo, 2023; Cordeiro, 2022; Pinto, 2022; Queiroz, 2023; Rocha, 2020; Santos, 2023).

Essa abordagem favorece metodologias libertadoras, inspiradas em Paulo Freire, que priorizam o diálogo, a subjetividade e a participação ativa das pessoas (Azevedo, 2023; Cordeiro, 2022; Pinto, 2022; Queiroz, 2023; Rocha, 2020; Santos, 2023). Além disso, ao resgatar memórias e vivências, a Escrivivência permite que educadoras e educadores criem um espaço de pertencimento e empoderamento,

essencial para combater o racismo estrutural e promover uma educação verdadeiramente democrática (Azevedo, 2023; Cordeiro, 2022; Pinto, 2022; Queiroz, 2023; Rocha, 2020; Santos, 2023).

Quadro 18

Contribuições da Escrivência para a Pesquisa nas Dissertações		
Categoria Temática	Referências Nesta Categoria	Trechos que Ilustram
Impacto Político e Social da Escrivência	Pinto (2022), Boda (2023), Santos (2023), Rocha (2020), Arruda (2023), Barbosa (2024)	"A escrivência também tem essa função de responsabilidade política na produção de uma sociedade mais igualitária, humana, rumo à democracia racial." (Pinto, 2022, p. 126) "Ao trazer a escrivência para a academia, promovemos um giro epistemológico que tensiona o conhecimento tradicional e abre espaço para novas formas de produção e validação do saber." (Boda, 2023, p. 203) "A escrivência traz uma proposta de contação de histórias, em que tanto a memória como o cotidiano se transformam em escrita, essas histórias de mulheres negras, essas vidas silenciadas sobre aquilo que não podia ser dito, aquilo que não podia ser escrito, são histórias feitas para incomodar." (Santos, 2023, p. 28) "Mais do que um método de pesquisa, a escrivência é um instrumento de luta, que desafia as estruturas racistas e patriarcais da sociedade, possibilitando a construção de narrativas que transformam o mundo." (Barbosa, 2024, p. 140)

Fonte: elaboração própria.

A Escrivência ultrapassa os limites da academia e assume um papel ativo na transformação social: forma de denúncia, ela evidencia as desigualdades raciais, de gênero e de classe, desafiando os discursos hegemônicos que perpetuam a exclusão (Arruda, 2023; Barbosa, 2024; Boda, 2023; Pinto, 2022; Rocha, 2020; Santos, 2023). Além disso, a Escrivência tem o potencial de influenciar políticas públicas e práticas institucionais, ao tornar visíveis as demandas de populações marginalizadas (Arruda, 2023; Barbosa, 2024; Boda, 2023; Pinto, 2022; Rocha, 2020; Santos, 2023).

Mais do que um método de pesquisa, a Escrivência é uma estratégia de reivindicação de direitos, de preservação da memória coletiva e de fortalecimento das lutas por equidade e justiça social (Arruda, 2023; Barbosa, 2024; Boda, 2023; Pinto, 2022; Rocha, 2020; Santos, 2023).

4.4.2. Nas Teses

Nas teses, frente à semelhança em diversos aspectos das contribuições, optei por estender as categorias formuladas a partir das dissertações para as teses. Neste sentido, para além das categorias já apresentadas para a organização das dissertações (*Afetividade e Subjetividade na Pesquisa; Escrivivência como Instrumento de Produção de Conhecimento; Formação Docente e Transformação Pedagógica; Impacto Político e Social da Escrivivência*), elementos específicos permitiram a formação de duas novas categorias: *Escrivivência e Construção Coletiva de Conhecimento* e *Escrivivência como Estratégia de Produção Literária e Acadêmica*.

Os resultados são apresentados nos quadros abaixo.

Quadro 19

Contribuições da Escrivivência para a Pesquisa nas Teses		
Categoria Temática	Referências Nesta Categoria	Trechos que Ilustram
Afetividade e Subjetividade na Pesquisa	Rodrigues (2022), Cunha (2023), Teixeira (2024)	"Escolho a escrevivência porque é nela que encontro um modo de narrar que respeita os ritmos da memória, as pausas do corpo e as vozes ancestrais que me atravessam." (Teixeira, 2024, p. 51) "A escrita acadêmica muitas vezes distancia o pesquisador de sua própria humanidade. A escrevivência, ao contrário, permite que a experiência e o afeto sejam reconhecidos como parte da construção do conhecimento." (Rodrigues, 2022, p. 74) "A emoção que aflora ao relatar as histórias. Pensando sobre essa sensibilidade, a apreciação do ouvir sem a pretensão de aconselhar, estar disponível para ouvir a voz que vem do outro para compor as histórias e deixar que as emoções ao escrever venham para que seja vivenciado o momento." (Cunha, 2023, p. 4) "Ao inserir afetividade na pesquisa, a escrevivência propõe uma ruptura com o modelo tradicional, tornando a escrita acadêmica um espaço de troca, de partilha e de escuta." (Teixeira, 2024, p. 94)

Fonte: elaboração própria.

A Escrivivência desafia a rigidez da escrita acadêmica ao incorporar emoções, oralidade e experiência pessoal na produção do conhecimento (Cunha, 2023; Rodrigues, 2022; Teixeira, 2024). A pesquisa torna-se um espaço humanizado e sensível, no qual a subjetividade do(a) pesquisador(a) e dos(as) participantes é valorizada (Cunha, 2023; Rodrigues, 2022; Teixeira, 2024).

Esse método reconhece que a escrita carrega não apenas dados e informações, mas também sentimentos, dores e memórias (Cunha, 2023; Rodrigues, 2022; Teixeira, 2024). Nas teses, Teixeira (2024), Rodrigues (2022) e Cunha (2023) reforçam que a Escrivivência permite que as histórias de vida sejam narradas de

forma autêntica, promovendo uma relação mais ética, respeitosa e empática entre pesquisador(a) e sujeitos pesquisados.

Quadro 20

Contribuições da Escrivivência para a Pesquisa nas Teses		
Categoria Temática	Referências Nesta Categoria	Trechos que Ilustram
Escrivivência como Instrumento de Produção de Conhecimento	Silva (2021), Cunha (2023), Teixeira (2024)	"A epistemologia feminista negra de Patrícia Hill Collins (2019a, 2019b) embasa teoricamente esta pesquisa." (Silva, 2021, p. 36) "Outros modos de teorização vêm sendo construídos, outras epistemologias, visto que o paradigma dominante não dá conta de explicar todas as sociedades e práticas humanas." (Silva, 2021, p. 78) "A escolha metodológica pela escrivivência parte do compromisso com a produção de conhecimentos que reconheçam as trajetórias de mulheres negras como produtoras de cultura e de conhecimento." (Cunha, 2023, p. 39) "A escrita de mulheres negras é um ato político, e nossa escrivivência se entrelaça com nossas lutas. Não se trata apenas de narrar nossas experiências, mas de desafiar os sistemas que nos silenciaram por tanto tempo." (Teixeira, 2024, p. 50)

Fonte: elaboração própria.

A Escrivivência amplia o conceito de produção de conhecimento ao legitimar epistemologias negras, indígenas e populares: Diferente do modelo acadêmico tradicional, que valoriza a imparcialidade e a distância entre pesquisador(a) e objeto, a Escrivivência reivindica uma epistemologia da experiência, baseada na vivência e na subjetividade dos sujeitos pesquisados (Cunha, 2023; Silva, 2021; Teixeira, 2024).

Nas teses, Silva (2021), Teixeira (2024) e Cunha (2023) reforçam a Escrivivência como um giro epistemológico, que tensiona as normas acadêmicas ao propor uma ciência mais democrática e plural. Dessa forma, a Escrivivência não apenas questiona os critérios tradicionais de cientificidade, mas também propõe novos referenciais para validar e difundir saberes (Cunha, 2023; Silva, 2021; Teixeira, 2024).

Quadro 21

Contribuições da Escrivivência para a Pesquisa nas Teses		
Categoria Temática	Referências Nesta Categoria	Trechos que Ilustram
Formação Docente e Transformação Pedagógica	Rodrigues (2022), Cunha (2023), Silva (2023)	"A formação docente, quando aliada à escrivivência, se torna um espaço de resgate da identidade e do pertencimento dos professores negros, que encontram na escrita uma forma de reafirmação de sua trajetória." (Silva, 2023, p. 105) "A escrita das professoras negras que participaram da pesquisa se torna uma ferramenta pedagógica, que possibilita a ampliação do debate sobre racismo, identidade e pertencimento dentro da escola." (Cunha, 2023, p. 204) "Na formação inicial, a escrivivência permite que professores revisitem suas trajetórias e compreendam como sua identidade impacta o ensino." (Rodrigues, 2022, p. 112) "A escrivivência também contribui para o desenvolvimento de metodologias participativas, que envolvem os sujeitos da pesquisa em um processo de criação coletiva de conhecimento." (Silva, 2023, p. 205)

Fonte: elaboração própria.

A Escrivência impacta a formação docente ao incentivar práticas pedagógicas mais inclusivas, críticas e antirracistas: professores(as) são convidados(as) a refletir sobre suas próprias trajetórias e identidades, reconhecendo-as como parte do processo educativo (Cunha, 2023; Rodrigues, 2022; Silva, 2023).

Essa abordagem favorece metodologias libertadoras, inspiradas em Paulo Freire, que priorizam o diálogo, a subjetividade e a participação ativa dos estudantes (Cunha, 2023; Rodrigues, 2022; Silva, 2023). Nas teses, Silva (2023), Cunha (2023) e Rodrigues (2022) reforçam que a Escrivência permite que professores(as) revisitem suas próprias histórias e incorporem experiências subjetivas à prática pedagógica, tornando a sala de aula um espaço mais dialógico e significativo (Cunha, 2023; Rodrigues, 2022; Silva, 2023).

Quadro 22

Contribuições da Escrivência para a Pesquisa nas Teses		
Categoria Temática	Referências Nesta Categoria	Trechos que Ilustram
Impacto Político e Social da Escrivência	Teixeira (2023), Cunha (2023), Boda (2023)	"A escrivência é um compromisso político com a escuta e com a responsabilidade de dar continuidade a histórias que não podem mais ser apagadas. Escrever nossas experiências não é só um ato individual, mas uma forma de justiça coletiva." (Cunha, 2023, p. 40) "O compromisso ético da escrivência se dá no reconhecimento de que o conhecimento não é neutro e de que cada narrativa produzida carrega um posicionamento no mundo. Escrever sobre si também significa escrever sobre o outro, e isso exige cuidado." (Boda, 2023, p. 58) "A escrita de mulheres negras é um ato político, e nossa escrivência se entrelaça com nossas lutas. Não se trata apenas de narrar nossas experiências, mas de desafiar os sistemas que nos silenciaram por tanto tempo." (Teixeira, 2024, p. 50)

Fonte: elaboração própria.

A Escrivência transcende os limites acadêmicos e assume um papel ativo na transformação social, sendo um instrumento de denúncia das desigualdades raciais, de gênero e de classe (Boda, 2023; Cunha, 2023; Teixeira, 2024). Ao se afirmar como epistemologia e prática política, a Escrivência possibilita que grupos historicamente marginalizados ocupem espaços de fala e reivindiquem direitos (Boda, 2023; Cunha, 2023; Teixeira, 2024).

Nas teses, Cunha (2023), Boda (2023) e Teixeira (2024) destacam que a Escrivência não apenas registra experiências individuais, mas também fortalece movimentos coletivos, promovendo mudanças institucionais e estruturais. Dessa

forma, a Escrivivência se consolida como um método de resistência e de luta por justiça social.

Quadro 23

Contribuições da Escrivivência para a Pesquisa nas Teses		
Categoria Temática	Referências Nesta Categoria	Trechos que Ilustram
Escrivivência e Construção Coletiva do Conhecimento	Teixeira (2023), Cunha (2023), Boda (2023)	"A escrivivência não se faz sozinha. Ela é costurada pelo encontro, pela memória compartilhada e pelas vozes que se entrelaçam na construção do conhecimento coletivo." (Cunha, 2023, p. 61) "Ao longo da pesquisa, percebi que minhas narrativas não eram apenas minhas. Elas estavam conectadas a tantas outras histórias que ecoavam dentro de mim, reforçando que a escrivivência é também um ato de coletividade." (Teixeira, 2024, p. 79) "A oralidade e a memória são os fios que unem a escrivivência ao pensamento negro e diaspórico. Nossas histórias não são isoladas, mas sim parte de um grande mosaico de experiências coletivas que resistem ao esquecimento." (Boda, 2023, p. 45) "A escuta ativa e a troca de histórias fazem parte da metodologia da escrivivência. O que escrevemos nasce da relação com outras narrativas, mostrando que nosso conhecimento nunca é produzido sozinho." (Cunha, 2023, p. 88)

Fonte: elaboração própria.

A Escrivivência, tradicionalmente reconhecida como uma escrita de si, também pode ser entendida como um processo coletivo de construção do conhecimento, onde as experiências individuais são entrelaçadas a narrativas compartilhadas (Boda, 2023; Cunha, 2023; Teixeira, 2024). Segundo Cunha (2023) e Boda (2023), a Escrivivência não se restringe à dimensão autobiográfica, mas também valoriza a troca, a escuta e a coautoria na produção de saberes.

Nas teses, há uma forte ênfase na ideia de que a Escrivivência não se constrói isoladamente, mas sim no diálogo com outras histórias e experiências, especialmente dentro de comunidades racializadas e periféricas (Boda, 2023; Cunha, 2023; Teixeira, 2024). A coletividade emerge como um princípio estruturante da Escrivivência, pois permite que os sujeitos reconstruam suas narrativas a partir do contato com outras memórias e vivências semelhantes (Boda, 2023; Cunha, 2023; Teixeira, 2024).

A Escrivivência coletiva fortalece redes de resistência, onde os(as) participantes não apenas compartilham suas dores e lutas, mas também encontram apoio mútuo e estratégias de enfrentamento (Boda, 2023; Cunha, 2023; Teixeira, 2024). Ultrapassa a dimensão individual e se consolida como um método de pesquisa que se sustenta na coletividade e na construção compartilhada de saberes e narrativas (Boda, 2023; Cunha, 2023; Teixeira, 2024).

Quadro 24

Contribuições da Escrivivência para a Pesquisa nas Teses		
Categoria Temática	Referências Nesta Categoria	Trechos que Ilustram
Escrivivência como Estratégia de Produção Literária e Acadêmica	Teixeira (2023), Cunha (2023), Boda (2023)	"A escrivivência tensiona a escrita acadêmica ao trazer para o texto a subjetividade da experiência, criando uma linguagem que transita entre o rigor científico e a liberdade narrativa." (Teixeira, 2024, p. 91) "Minha pesquisa não cabe nos moldes acadêmicos tradicionais. Ela precisa respirar entre as palavras, precisa pulsar nas entrelinhas, precisa ser escrita como quem conta histórias ao redor da fogueira." (Cunha, 2023, p. 70) "A escrivivência é um gesto literário e acadêmico ao mesmo tempo. Ela permite que a pesquisa dialogue com a memória, a ancestralidade e a poesia, ampliando as formas de construção do conhecimento." (Boda, 2023, p. 48) "Ao escrever, percebo que minha escrita se aproxima mais da oralidade do que da impessoalidade acadêmica. Minhas palavras são testemunhas do vivido, e a escrivivência me dá a liberdade de tornar essa experiência parte do meu texto científico." (Teixeira, 2024, p. 99)

Fonte: elaboração própria.

A Escrivivência, além de ser um método de pesquisa e resistência política, tem sido incorporada como uma estratégia de produção literária e acadêmica, rompendo com os limites entre ciência e arte, entre o rigor acadêmico e a liberdade narrativa (Boda, 2023; Cunha, 2023; Teixeira, 2024).

Nas teses, Teixeira (2024) e Cunha (2023) destacam que a Escrivivência permite que as vozes periféricas e negras não apenas ocupem a academia, mas também produzam novas formas de escrita, que transitam entre o ensaio, a literatura e a pesquisa (Boda, 2023; Cunha, 2023; Teixeira, 2024). Essa abordagem desafia as normas da escrita acadêmica convencional ao incorporar elementos da oralidade, da poesia e da narrativa pessoal, conferindo um tom mais subjetivo e sensível ao texto: possibilita que o conhecimento acadêmico seja mais acessível, rompendo com a linguagem hermética e excludente dos textos científicos tradicionais (Boda, 2023; Cunha, 2023; Teixeira, 2024).

Nas teses, autoras(es) reforçam que essa estratégia não se limita ao contexto acadêmico, mas também se estende à produção literária, conectando escritoras como Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus e bell hooks (Boda, 2023; Cunha, 2023; Teixeira, 2024). A Escrivivência se firma como um método híbrido e como um posicionamento epistemopolítico que entrelaça literatura e ciência, subjetividade e pesquisa, emoção e produção acadêmica como resposta à colonialidade do saber, ao racismo/sexismo epistêmico e ao epistemicídio (Boda, 2023; Cunha, 2023; Teixeira, 2024).

4.3 Usos da Escrivência no campo da pesquisa: como Operador Teórico-Metodológico e como Operador Epistemopolítico na/da Abordagem Biográfico-Narrativa

A sequência de quadro e gráficos a seguir mostra a distribuição dos usos da Escrivência que encontrei nas teses e dissertações mapeadas.

Quadro 25

Tipo de Pesquisa	Frequência e Tipo de Uso Da Escrivência	Cód. da(s) Pesquisa(s)
Dissertações	OTM – 5	D.01; D.07; D.12; D.13; D.14
	OEP – 9	D.02; D.03; D.04; D.05; D.06; D.08; D.09; D.10; D.11
Teses	OTM – 2	T.02; T.07
	OEP – 5	T.01; T.03; T.04; T.05; T.06

Legenda:
OTM: Operador Teórico-Metodológico
OEP: Operador Epistemopolítico

Fonte: elaboração própria

Gráfico 6

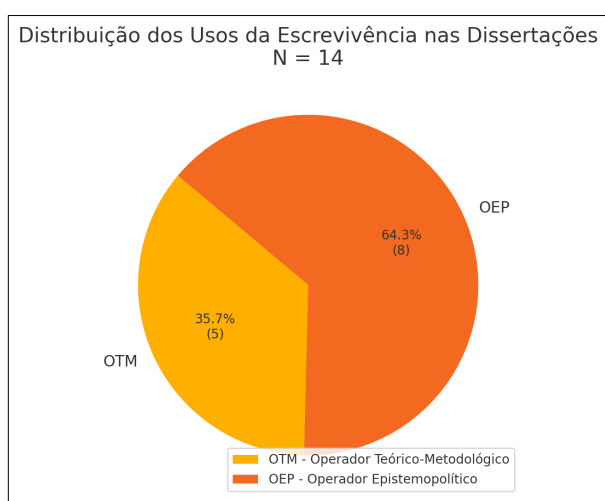
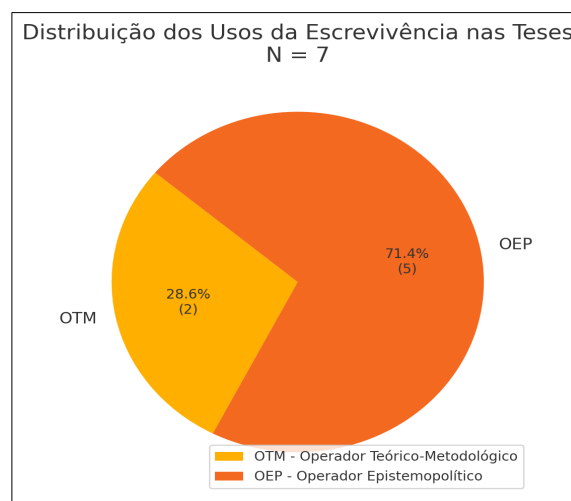


Gráfico 7



A Escrivência enquanto **Operador Teórico-Metodológico** (OTM) está presente nas pesquisas que utilizam este recurso como um modo ou técnica de produção de dados, ou seja, como uma ferramenta para coletar e organizar informações dentro da pesquisa acadêmica. Nessa perspectiva, a Escrivência é incorporada enquanto estratégia metodológica para acessar memórias, narrativas e experiências de sujeitos que integram o campo de estudo.

A análise das dissertações e teses que categorizei como OTM revela um uso da Escrivivência para a produção de relatos autobiográficos, reconstrução de memórias individuais e coletivas e como recurso de interpretação da realidade social e educacional. Nas pesquisas que exploram a formação docente por meio das histórias de vida dos professores, a Escrivivência é mobilizada como um meio de acessar as trajetórias formativas e os desafios enfrentados pelos educadores, permitindo a sistematização dessas experiências dentro de um quadro analítico.

O uso da Escrivivência enquanto Operador Teórico-Metodológico (OTM) também está presente nas pesquisas sobre identidade e pertencimento, onde pessoas narram suas vivências a partir do lugar social que ocupam. Torna-se um dispositivo metodológico que auxilia na coleta de dados e na sistematização dos relatos que sustentam a análise acadêmica. Esse movimento é visível, por exemplo, nas dissertações que abordam as experiências de professoras negras e de professores negros, suas memórias formativas na docência, utilizando as narrativas como fontes para compreender a presença (ou ausência) desses sujeitos na educação formal.

Neste sentido, meu argumento neste estudo é que, enquanto Operador Teórico-Metodológico, a Escrivivência não transforma o arcabouço epistemológico da pesquisa, mas opera como um método ou técnica que estrutura e fundamenta a produção de dados a partir da escuta e do registro de histórias, trajetórias e experiências. Embora essa abordagem reconheça o valor das narrativas pessoais como parte do processo de investigação, ela ainda se insere dentro de um modelo analítico tradicional, onde os relatos são organizados e interpretados por meio de categorias acadêmicas já estabelecidas, próprias da colonialidade do saber e marcadas pelo epistemicídio e pelo silenciamento. A Escrivivência aqui atua sendo instrumentalizada como um método de levantamento e análise de dados dentro das estruturas convencionais da pesquisa científica.

O uso da Escrivivência enquanto **Operador Epistemopolítico** (OEP) reúne os estudos que entendo reivindicarem a Escrivivência como um modo próprio de produção do conhecimento e de escritura da pesquisa. Assumem o conceito de Escrivivência num nível filosófico, trazendo suas potencialidades, fazendo questionamentos epistemológicos, ou seja, sobre a natureza do conhecimento, das teorias do conhecimento, da relação fundamental entre a linguagem, o corpo e a

vida. Nesta função, ela desafia as normativas acadêmicas tradicionais, deslocando o a produção de conhecimento em direção ao reconhecimento da experiência em sua radicalidade corpo-política e ético-estética, tendo a subjetividade e a memória como centrais na construção epistemológica.

Os estudos categorizados demonstram que essas pesquisas assumem a Escrivência como parte dos fundamentos epistemológicos da investigação e da escrita acadêmica, antes de fazer uso dela enquanto método de coleta de dados, de produção de informações para serem analisadas. Trabalhos que se enquadraram nessa categoria chamaram minha atenção por recusarem a separação entre sujeito e objeto de estudo, compreendendo a escrita como um espaço de encontro entre a experiência individual e a coletividade, radicalizando o reconhecimento da forma como os marcadores sociais de diferença como gênero, raça e classe atravessam a produção de conhecimentos.

Enquanto Operador Epistemopolítico da produção de conhecimentos em Educação e da escrita acadêmica nas abordagens biográfico-narrativas, a Escrivência se materializa como um ato político e epistemológico, reivindicando o direito de mulheres negras, indígenas e outros grupos marginalizados de produzirem conhecimento a partir de suas próprias referências. Dito de outra forma, se assumem enquanto sujeitos cognoscentes, capazes de conhecimento, de fazer um uso heurístico e hermenêutico da linguagem na escritura de seus modos de viver, de existir, de construir e se relacionar com o passado, com o presente e com os futuros possíveis, de resistir e/para reexistir.

Este uso do Escrivência no campo acadêmico desafia a estrutura da colonialidade do saber, do racismo/sexismo epistêmico e do epistemicídio, propondo uma escrita que é, ao mesmo tempo, investigação e afirmação identitária, coletiva e individual. São pesquisas que não apenas falam sobre ou integram a Escrivência como mais um recurso de produção de dados, mas são pesquisas feitas a partir da Escrivência e do lugar de autoria que ela institui. Rompem com a escrita acadêmica normativa, rejeitam a imposição de distanciamento entre sujeito e objeto de estudo e reivindicam a presença da subjetividade e da experiência coletiva e individual como centrais na construção do saber.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluída esta pesquisa, é o momento de refletir sobre o percurso que me trouxe até aqui. Após a realização das leituras, mapeamento e análises propostas, não se trata apenas de avaliar os resultados materializados neste texto, mas também de reconhecer a experiência vivida ao longo do programa de doutorado.

Os objetivos deste estudo estavam voltados para o mapeamento e a identificação de estudos, justificativas, contribuições e referências no campo da pesquisa em Educação que, assumindo abordagem de caráter biográfico-narrativo, fizessem uso da escrevivência como concepção acerca da escrita acadêmica. Acredito que a descrição dos resultados e o processo apresentado ao longo do trabalho demonstram que esses objetivos foram alcançados. O quadro que emerge desse levantamento revela um panorama relevante, situando a presença do biográfico em diálogo com as referências vinculadas à obra de Conceição Evaristo e aos textos que discutem sua forma de escrita.

Durante a pesquisa, decidi incluir uma tabela que inicialmente não estava prevista nos objetivos, mas que considerei pertinente acrescentar. Nela, apresento o que denominei de "referências afrodiaspóricas" — fontes que também informam e influenciam as formas de construção das pesquisas de caráter biográfico-narrativo fundamentadas na escrevivência. Embora esse recorte ainda seja um esboço, com limitações e possíveis falhas, ele já sugere uma imagem inicial que merece ser aprofundada. Esse material pode contribuir para um melhor entendimento dessas conexões teóricas e referenciais, além de orientar novos programas de pesquisa que busquem examinar essas relações com mais profundidade.

Trabalhei exclusivamente com teses e dissertações, restringindo-me a um período específico (2020-2024) e a estudos que articulassem a escrevivência ao campo biográfico-narrativo. Dessa forma, não abordei a escrevivência em sua aplicação mais ampla na pesquisa em educação, mas apenas naqueles trabalhos que, de alguma forma, dialogavam com a pesquisa narrativa autobiográfica.

O recorte temporal impôs desafios. Como 2024 ainda estava em curso durante grande parte do tempo em que estive envolvido na construção da pesquisa, muitas dissertações e teses defendidas nesse ano possivelmente ainda não estavam disponíveis nas bases de dados consultadas. Assim, a baixa ocorrência de

trabalhos desse período não reflete uma diminuição na produção acadêmica, mas sim o tempo necessário para que esses documentos sejam disponibilizados publicamente. Esse é um fator que merece atenção em estudos futuros, considerando a dinâmica da publicação e acessibilidade desses materiais para pesquisadores.

Outro ponto a ser destacado é um critério que, ao longo do processo, percebi não ter sido a melhor escolha. Busquei focar principalmente em teses e dissertações que mencionassem a escrevivência no contexto das abordagens biográfico-narrativas voltadas à formação de professores. No entanto, esse recorte acabou sendo restritivo e resultou na exclusão de estudos relevantes. Para incorporá-los posteriormente, seria necessário refazer parte significativa da pesquisa, o que não foi possível dentro do tempo disponível. Esse aspecto levanta, portanto, a necessidade de um aprofundamento mais detalhado desse critério: refiná-lo com maior rigor metodológico ou reconsiderá-lo, ampliando as possibilidades de diálogo entre o biográfico e o conceito de escrevivência.

Optei por não incluir artigos científicos, comunicações orais e outros acervos, como os arquivos do CIPA, que são espaços importantes de produção e circulação do conhecimento. Esses materiais poderiam oferecer novas perspectivas e formas de expressão onde o diálogo entre a escrevivência e as abordagens biográfico-narrativas também se manifesta. Assim, identifico nesse ponto uma lacuna que pode ser explorada em pesquisas futuras, seja para contrastar os resultados aqui obtidos, seja para ampliá-los. Um levantamento mais abrangente dessas produções pode contribuir para dar maior visibilidade ao trabalho de mulheres negras e de outros grupos marginalizados que buscam expandir as perspectivas epistemológicas da academia. Isso permitiria não apenas um avanço no entendimento desses diálogos teóricos, mas também o desenvolvimento de práticas acadêmicas fundamentadas em outras formas de conhecimento e crítica.

As pesquisas analisadas nesta amostra, em sua grande maioria, exploraram e deram visibilidade a diversas dimensões das potencialidades da escrevivência. Isso pôde ser observado a partir das categorias que fui desenvolvendo ao longo do estudo para compreender tanto as justificativas quanto as contribuições desses trabalhos. Ao mapear essas produções, identifiquei diferentes formas pelas quais a escrevivência—como modo de grafar a vida—se manifesta e contribui para os

processos de subjetivação, para a constituição dos sujeitos, para a elaboração e ressignificação de experiências, para a cura, para a construção de conhecimentos e para o fortalecimento de um senso de pertencimento.

Esse mapeamento evidencia um aspecto essencial: há um amplo conjunto de referências que exemplificam o caráter plural da escrevivência enquanto ferramenta epistemopolítica, ético-estética e teórico-metodológica de produção de conhecimento. Ela não apenas amplia o campo de investigação acadêmica, mas também inclui diferentes dimensões do ser das populações negras e daqueles que, de alguma forma, experienciam a condição de subalternidade. Nesse sentido, a escrevivência se apresenta como um instrumento fundamental de enfrentamento às estruturas que perpetuam essa marginalização.

Os estudos analisados demonstram de forma concreta essa potência transformadora, permitindo acompanhar como a escrevivência opera nessas múltiplas frentes. Além disso, apontam caminhos importantes para o aprofundamento dessas discussões, indicando possibilidades de fortalecimento dessa perspectiva no desenvolvimento acadêmico. A escrevivência, nesse contexto, insere-se como parte de uma epistemopolítica de resistência, desafiando e tensionando as formas de colonialidade do saber, ampliando os horizontes da produção de conhecimento e consolidando-se como uma abordagem essencial para repensar as estruturas acadêmicas e epistêmicas existentes.

O percurso do doutorado foi profundamente marcado por desafios e por acontecimentos que transformaram minha relação com o mundo ao meu redor—e com a própria pesquisa. Minha vida sofreu mudanças profundas a partir do mês de maio de 2021, quando perdi meus pais para a Covid-19, em um intervalo devastadoramente curto. A partida deles abalou profundamente minha existência, retirando-me o chão, destruindo referências afetivas fundamentais que haviam sustentado minha trajetória até então. A experiência da perda abrupta e violenta foi um golpe tão brutal que cheguei a questionar o próprio sentido de continuar vivendo.

Quase simultaneamente, enfrentava o fim de um casamento de 16 anos, mais uma ruptura profunda que me fez sentir como se minha vida inteira estivesse se desfazendo diante dos meus olhos. Diante da dor insuportável e do esvaziamento das certezas, decidi deixar minha antiga casa e voltar a morar no lar que fora dos

meus pais. Esse retorno teve uma carga emocional imensa, entre o conforto das lembranças e a implacável realidade da ausência física daqueles que tanto amava.

A tarefa de reorganizar as coisas deixadas pelos meus pais foi especialmente desafiadora. Cada objeto, documento, fotografia ou peça de roupa era carregado de memórias dolorosas, mas também profundamente significativas. Enfrentar esse processo foi extremamente difícil, mas essencial para os caminhos de ressignificação que precisei percorrer. Foi nesses momentos, diante da fragilidade da vida e da inevitabilidade da morte, que comecei a reavaliar profundamente meu compromisso com minha própria existência e com meus vínculos familiares e de amizade.

Hoje compreendo claramente que sou uma pessoa antes e outra depois desses acontecimentos. Tudo o que vivi redefiniu radicalmente minha relação com a vida, alterou minhas perspectivas de futuro e reforçou meu compromisso em seguir adiante. No ápice do desespero, foram pessoas queridas como meu irmão e minha filha, além da minha orientadora, que se tornaram pilares essenciais, me ajudando a reconstruir o sentido da vida em meio ao caos. O apoio incondicional que recebi deles foi vital para reencontrar forças para continuar aprendendo, ensinando, pesquisando, amando e desejando a vida, com tudo o que ela traz de belo e trágico.

Este caminho complexo e doloroso também me trouxe uma consciência renovada sobre minha fragilidade, vulnerabilidade e a necessidade de honrar a vida daqueles que se foram através da minha própria vida. O desejo e a necessidade de continuar, apesar de tudo, tornou-se um compromisso profundo e irrevogável que carrego em meu coração.

A tese que agora entrego é, portanto, um testemunho escrito desse compromisso assumido com todas essas pessoas, comigo mesmo e com a própria vida. A minha vida e a vida de todas as pessoas que acreditaram, amaram e fizeram tudo que estava ao seu alcance para garantir que eu chegasse até este momento, vivo, inteiro e pronto para continuar minha caminhada. Chegar até aqui, entregar este texto, obter o título de doutor através da defesa da tese que ele materializa, é mais do que uma conquista acadêmica: é um ato de resistência. É a afirmação da vida diante de tudo o que tentou negá-la. Em um país onde corpos negros são constantemente objetificados e alvos de violência, essa jornada ganha contornos ainda mais profundos. O atravessamento dessas questões não apenas marcou

minha vida, mas também reorientou meu interesse de pesquisa. No plano intelectual, minha investigação buscou reconhecer a face epistemopolítica da violência e mapear caminhos para enfrentá-la—alternativas que não legitimem, naturalizem ou reproduzam essa realidade opressora, mas que abram caminhos para mundos outros.

A questão central do meu estudo se insere nesse contexto: as possibilidades da escrevivência como base para um pensamento epistemologicamente original, politicamente engajado e comprometido com o antirracismo, que contribua para a pesquisa acadêmica autobiográfica. Para mim, essa abordagem não foi apenas um referencial teórico, mas um modo de tornar pensável um espaço no qual minha produção pudesse se posicionar. Espero que ela possa, de alguma forma, somar-se aos esforços de enfrentamento da violência em seus diversos níveis. No meu caso, aquele que mais me atravessa—por minha trajetória e por diversas razões—é o plano intelectual: a produção de conhecimento e a reflexão crítica. E é aqui que entendo que minha contribuição se inscreve.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de; SANCHEZ, Livia Pizauro. Implementação da Lei 10.639/2003 - competências, habilidades e pesquisas para a transformação social. **Pro.posições**, v.28, n.1 (82), jan./abr. 2017, p.55-80.

ARAUJO, Débora Cristina. A Educação das Relações Étnico-Raciais: Histórico, Interfaces e Desafios. **InterMeio: revista do Programa de Pós-Graduação em Educação**, Campo Grande, MS, v.21, n.41, p.127-145, jan./jun.2015.

BERNARDINO-COSTA, Joaze. Política afirmativa, democratização do acesso à universidade e propostas de avaliação: Lei de cotas teve papel central para a entrada de negros, indígenas e estudantes oriundos de escolas públicas nas universidades públicas. **Cienc. Cult.** [online]. 2023, vol.75, n.1, pp.01-09.

BERNARDINO-COSTA, Joaze. Decolonialidade. In: RIOS, Flávia; SANTOS, Marcio André dos; RATTS, Alex (orgs.). **Dicionário das relações étnico-raciais contemporâneas**. São Paulo, Perspectiva, 2023, p.99-104.

BERNARDINO-COSTA, Joaze; GROSGOUEL, Ramón. Decolonialidade e perspectiva negra. **Revista Sociedade e Estado**, v.31 n.01, Janeiro/Abril 2016, p.15-24.

BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón (orgs.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

BOLÍVAR, Antonio; FERNÁNDEZ, Manuel. **La investigación biográfico-narrativa en Educación: enfoque y metodología**. Madrid, Espanha. Editorial La Muralla, 2001.

BOLÍVAR, Antonio. Investigación (auto)biográfica y narrativa: contar, decir y leer. In: BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza; NAKAYAMA, Bárbara Cristina Moreira Sicardi; TINTI, Douglas da Silva (orgs.). **Narrativas, formação e trabalho docente**. Curitiba, CRV, 2018, p.13-18.

BORGES, Rosane. Escrevivência em Conceição: armazenamento e circulação dos saberes silenciados. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (orgs.). **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020, p.182-205.

BRANCHE, Jerome C. **The poetics and politics of Diaspora: transatlantic musings**. New York, Routledge, 2015.

BRITO, Maria da Conceição Evaristo de. **Poemas malungos - Cânticos irmãos**. Tese (Doutorado). Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, 2011.

BRITO, Sol Silva; NAKAYAMA, Bárbara Sicardi. Dez anos de NEPEN: um espaço/tempo de pesquisa-vida-formação, sua história e produções. In: NAKAYAMA, Bárbara Sicardi; BRITO, Sol Silva; MORAIS, Joelson de Souza; VIEIRA, Juliana (orgs.). **Diálogos entrecruzados, modos de narrar e pesquisa-vida-formação**. Curitiba, Editora CRV, 2023, p.19-35.

COELHO, Mauro Cezar; COELHO, Wilma de Nazaré Baía. As licenciaturas em História e a Lei 10.639/03 - Percursos de formação para o trato com a diferença? **EDUR - Educação em Revista**, Belo Horizonte, v.34, 2018, p.1-39.

COELHO, Wilma de Nazaré Baía. Formação de professores e relações étnico-raciais (2003-2014): produção em teses, dissertações e artigos. **Educar em Revista**, Curitiba, v.34, n.69, p.97-122, maio/junho de 2018.

COHEN, Robin. **Global Diasporas: an introduction**. 25th Anniversary Edition. London and New York, Taylor & Francis Group, 2023.

COSTA, Conceição Leal da; ALVES, Camila Aloisio. Vencer silêncios e aprender em companhia. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; LANI-BAYLE, Martine; FURLANETTO, Ecilde Cunico; ROCHA, Simone Maria da (orgs.). **Pesquisa (auto)biográfica em Educação: infâncias e adolescências em espaços escolares e não-escolares**. Natal, RN, EDUFRRN, 2018, p.531-552.

CRUZ, Cláudia Gomes. **Trajetórias de vida de mulheres negras e suas colaborações para (re)Educação das relações étnico-raciais**. Dissertação (Mestrado Profissional de Ensino em Educação Básica - CAP UERJ) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v.32 n.02, p. 359-371, maio/ago 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v32n2/a11v32n2.pdf>

DELORY-MOMBERGER, Christine. Fundamentos epistemológicos da pesquisa biográfica em Educação. Belo Horizonte, **Educação em Revista**, v.27 n.01, abr.2011, p.333-346.

DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (orgs.). **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

DUARTE, Eduardo de Assis. Escrevivência, Quilombismo e a tradição da escrita afrodiaspórica. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (orgs.). **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020, p.74-94.

EVARISTO, Conceição. A Escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (orgs.). **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020, p.26-47.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (orgs.). **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020, p.48-57.

FANON, Frantz Omar. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

FAUSTINO, Deivison. **Frantz Fanon e as encruzilhadas: teoria, política e subjetividade**. São Paulo, Ubu Editora, 2022.

FELISBERTO, Fernanda. Escrevivência como rota de escrita acadêmica. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (orgs.). **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020, p.164-181.

FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, António.; FINGER, Matthias. **O método (auto) biográfico e a formação**. Lisboa: Pentaedro, 2010 [1987], p.29-55.

FERREIRA, Soraia Aparecida Belton; FERREIRA, Amauri Carlos. Os livros de filosofia do PNLD/2018 e a lei 10.639/03: reflexões sobre a diversidade étnico-racial no material didático de filosofia no Ensino Médio. **Pro-posições**. Campinas, SP, v.33, 2022, p.1-26.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas "estado da arte". **Educação e Sociedade**, ano XXIII, n.79, Agosto/2002, p.257-272.

FINGER, Matthias; NÓVOA, António (orgs.). **O método (auto)biográfico e a formação**. 2a edição. Natal, RN: EDUFRRN, 2014.

FLOR, Cauê Gomes. **Através do Atlântico: a genealogia e os modelos de diáspora africana**. São Paulo, Intermeios, 2021.

FLOR DO NASCIMENTO, wanderson. Entre a educação e a política: a colonialidade. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**. Número 23: nov/2014-abr/2015, p.444-458.

FONSECA, Leandro Limoni de Campos. Paul Ricoeur e Conceição Evaristo em diálogo no NEPEN: provocações decoloniais sobre a escrita na pesquisa (auto)biográfica. In: NAKAYAMA, Bárbara Sicardi; BRITO, Sol Silva; MORAIS, Joelson de Souza; VIEIRA, Juliana (orgs.). **Diálogos entrecruzados, modos de narrar e pesquisa-vida-formação**. Curitiba, Editora CRV, 2023, p.157-172.

FONSECA, Marcus Vinícius; ROCHA, Laura Fernanda Rodrigues. O processo de institucionalização da Lei 10.639/2003 na rede federal de educação profissional, científica e tecnológica. **EDUR - Educação e Revista**. Belo Horizonte, v.35, 2019, p.1-19.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Escrevivência: sentidos em construção. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (orgs.). **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020, p.58-73.

GATTI, Bernadete Angelina; BARRETO, Elba Siqueira de Sá; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de; ALMEIDA, Patrícia Cristina Albieri de (orgs.). **Professores do Brasil: novos cenários de formação**. Brasília, UNESCO, 2019.

GOMES, Nilma Lino. Educação e relações raciais: refletindo sobre algumas estratégias de atuação. In: MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o racismo na escola**. 2a edição revisada. Brasília, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005, p.143-154.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, RJ, Vozes, 2017.

GOODSON, Ivor (ed.). **The Routledge International Handbook on Narrativa and Life History**. London and New York, Taylor & Francis Group, 2017.

GROSGOUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Revista Sociedade e Educação**, v.37 n.01, Janeiro/Abril 2016, p.25-49.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: LARROSA, Jorge. **Tremores**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019 [2002], p.15-34.

LIMA, Aluísio Ferreira. História oral e narrativas de de história de vida: a vida dos outros como material de pesquisa. In: LIMA, Aluísio Ferreira; LARA JÚNIOR, Nadir (orgs.). **Metodologias de pesquisa em psicologia social crítica**. Porto Alegre, Sulina, 2014, p.13-35.

LOPES, Nei. **Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana**. 4a ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Selo Negro, 2011.

MAJHAIL, Harjinder Singh; DOGAN, Sinan (eds.). **World of Diasporas: different perceptions on the concept of Diaspora**. Leiden/Boston, Brill Rodopi, 2019.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón (orgs.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2018, p.31-61.

MEINERZ, Carla Beatriz; PEREIRA, Júnia Sales. Apresentação da seção temática - Educação e Relações Étnico-Raciais. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.42, n.1, p.7-12, jan./mar. 2017.

MONTEIRO, Rosana Batista. Educação permanente em saúde e as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das relações étnico-raciais e para ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. **Saúde e Sociedade**, 25(3), 2016, p.524-534.

NAKAYAMA, Bárbara Sicardi; BRITO, Sol Silva; MORAIS, Joelson de Souza; VIEIRA, Juliana (orgs.). **Diálogos entrecruzados, modos de narrar e pesquisa-vida-formação**. Curitiba, Editora CRV, 2023.

NAKAYAMA, Bárbara Sicardi. O NEPEN como princípio e ocasião para o diálogo entrecruzado, espaço para a escrita de si e de processos de constituição de sujeitos pesquisadores na abordagem (auto)biográfica. In: NAKAYAMA, Bárbara Sicardi; BRITO, Sol Silva; MORAIS, Joelson de Souza; VIEIRA, Juliana (orgs.). **Diálogos entrecruzados, modos de narrar e pesquisa-vida-formação**. Curitiba, Editora CRV, 2023, p.13-18.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de. Opção decolonial e antirracismo na Educação em tempos neofascistas. **Revista da ABPN**, v.12, n.32, março-maio, 2020, p.11-29.

OLIVEIRA, Rafael Domingos. **Vozes afro-atlânticas: autobiografias e memórias da escravidão e da liberdade**. São Paulo: Elefante, 2022.

PASSEGGI, Maria Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino. O movimento (auto)biográfico no Brasil: esboço de suas configurações no campo educacional. **Investigación Cualitativa**, 2(1), 2017, p.6-26.

PAULA, Josiane Beloni de; PINHEIRO, Patrícia Magalhães; PAIM, Elison Antonio. Educação antirracista e decolonialidade na Educação brasileira: memórias e experiências de professoras e professores. **Aula**, 28, 2022, p.161-173.

PINEAU, Gaston. Narrativas autobioformativas. In: MONTEIRO, Filomena de Arruda; NACARATO, Adair Mendes; FONTOURA, Helena do Amaral (orgs.). **Narrativas docentes, memórias e formação**. Curitiba, CRV, 2016, p.11-16.

RAMOS, Luciana Dornelles. **Descolonizando práticas pedagógicas: a narrativa de uma educadora na luta pela educação antirracista**. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2021.

RESTREPO, Eduardo; ROJAS, Axel. **Inflexión decolonial: fuentes, conceptos y cuestionamientos**. Popayán, Colombia, 2010.

ROCHA, Elaine Pereira; BEZERRA, Nielson Rosa (eds.). **Another black like me: the construction of identities and solidarity in the African Diaspora**. Cambridge Scholars Publishing, 2015.

RODRIGUES, Leandra A. M. S.; BARBOSA, Mayara Lustosa de Oliveira; RIBEIRO, Cristine Maria. Mapeando a pesquisa em Educação das Relações Étnico-Raciais. **Cad. Pesqui.** São Paulo, v.52, 2022, p.1-25.

RODRIGUES, Marcelino Euzebio. **Decolonial sensitivities of afrodescendence: conflicts and destabilizations in anti-racist practices in art teaching**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019

RUEDA, Eduardo A. et al. (eds.). **Retornar al origen: narrativas ancestrales sobre humanidad, tiempo y mundo**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO; Montevideo: UNESCO, 2022.

SANTOS, A.O.; SHUCMAN, L.V.; MARTINS, H.V. Breve histórico do pensamento psicológico brasileiro sobre relações étnico-raciais. **Psicologia: Ciência e Profissão**, (n.e.), 2012, p.166-175.

SILVA, Marcos Antonio Batista da. Educação antirracista no contexto político e acadêmico: tensões e deslocamentos. **Educ. Pesqui.** São Paulo, v.47, 2021, p.1-18.

SILVA, Maurício. Da educação eurocêntrica à educação antirracista: uma introdução. **Dialogia**, São Paulo, n.38, p.1-10, maio/ago., 2021.

SILVA, Paulo Vinícius Baptista da; RÉGIS, Kátia; MIRANDA, Shirley Aparecida Miranda. Educação das Relações Étnico-Raciais no Brasil 1994-2014: síntese das pesquisas. In: SILVA, Paulo Vinicius Baptista da; RÉGIS, Kátia.; MIRANDA, Shirley Aparecida de (orgs.). **Educação das Relações Étnico-Raciais: o estado da arte**. Curitiba, NEAB-UFPR e ABPN, 2018, p.651-672.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

SOUZA, Rodrigo Matos de; SOUZA, Elizeu Clementino. O fenômeno da escrita (auto)biográfica: localizações teórico-históricas. In: SOUZA, Elizeu Clementino (org.). **(Auto)biografias e documentação narrativa: redes de pesquisa e formação**. Salvador, EDUFBA, 2015, p.173-184.

TESES E DISSERTAÇÕES QUE COMPÕEM A AMOSTRA ANALISADA

AFONSO, Annie Martins. **Teatro na prisão: uma experiência de liberdade nos presídios do Amazonas**. 2023, 208p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2023.

ARRUDA, Victoria Sara de. **Práticas culturais de contações de histórias e literaturas: olhares interseccionais de uma professora em (trans)formação**. 2023, 197p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista (Unesp), Rio Claro, 2023.

AZEVEDO, Fabiano Francisco de. **O menino e o sabiá: proseando entre saberes e experiências camponesas na comunidade rural do Vale do Bonfim, Petrópolis-RJ**. 2022, 93f. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola) – Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2022.

AZEVEDO, Michele Cruz. **Um estudo sobre educação popular: usos e conhecimentos sobre plantas medicinais por mulheres de Petrópolis-RJ**. 2023, 78f. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola) – Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2023.

BARBOSA, Filipi. **Ver-se e dizer-se em Educação: experimentações e narrativas audiovisuais**. 2024, 170f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2024.

BODA, Diane. **Cartas de educadoras: caminhos para uma pesquisa**. 2023. 220 p. Dissertação (Mestrado em Mudança Social e Participação Política) Escola de Artes Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

CORDEIRO, Tatiana Vasconcelos. **O fio ancestral: tecendo narrativas escrevíveis**. 2022. 151 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação) – Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2022.

COSTA, Cristiane da Silva. **Escreversões da docência: o poder de agir como saúde**. 2022, 205 f. Tese (Doutorado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2022.

CUNHA, Lilian do Carmo de Oliveira. **O lugar social de uma neguinha e a desobediência racial da mulher negra: sobre discursos, deslocamentos e escrevivências...** 2023, 119f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica; Nova Iguaçu, 2023.

MENDONÇA, Andréa Cavalcanti de. **Encruzilhadas epistemológicas entre Lélia Gonzalez e Paulo Freire**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, Seropédica, Nova Iguaçu, 2023.

PINTO, Ellen de Cássia. **Escrevivências de uma mulher negra, educadora matemática: uma dissertação-manifesto-autobiográfica**. 2022, 173f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Belo Horizonte, 2022.

QUEIROZ, Gleice Melo Silva. **Escrevivências de professoras negras: caminhos insurgentes para as questões étnico-raciais na escola**. 2023, 203f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-Graduação em Educação, Feira de Santana, 2023.

ROCHA, Renata Melo. **Memórias da(o) Pedagoga(o): a construção docente pelas narrativas de alfabetização e letramento das (os) estudantes da UFRRJ**. 2020. 138 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares) - Instituto de Educação/Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, RJ, 2020.

RODRIGUES, Elida Regina Nobre. **Professoras negras e suas autorias: um estudo sobre a produção acadêmica de doutoras negras atuantes em universidades públicas do sul do Rio Grande do Sul**. 2022, 170 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, PUCRS, 2022.

SANTOS, Aline Pereira Botelho dos. **Caminhos entrelaçados na escrevivência: a trajetória de mulheres pretas egressas do PARFOR/UFRRJ**. 2022, 118f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, Seropédica, Nova Iguaçu, 2022.

SANTOS, Edgar de Barros. **Narrativas de professores/as LGBTQIA+ em aliança: escrevendo possibilidades**. 2023, 187f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Educação) – Universidade Federal de Ouro Preto, Departamento de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Ouro Preto, 2023.

SANTOS, Jéssica Hayana Monteiro. **Identidade docente nas narrativas de egressos/as da licenciatura em matemática do CAA-UFPE**. 2022, 126f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática e Tecnológica, Recife, 2022.

SILVA, Cecília Nunes da. **Práxis educacional de mulheres e danças afro-brasileiras: entrecruzar de corpos e culturas decoloniais** / Cecília Nunes da Silva. - 2021. 176 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2021.

SILVA, Greice Duarte de Brito. **Poéticas negras, formação e prática docente na educação infantil: arte e estética (empre)tecidas**. 2022. 282f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022.

SILVA, Maria Eduarda Ribeiro da. **Narrativas de uma mulher educadora/professora negra: constituição identitária e a escrita como combate à invisibilidade**, 2021. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2021.

TEIXEIRA, Tarciso Manfrenatti de Souza. **Confabulações afetadas: o re-tratar-se das bichas pretas pela Educação**. 2024, 122f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, Seropédica, Nova Iguaçu, 2024.